

Faculdade de Letras

**O meu país é o que o mar não quer**  
*narrativas da crise portuguesa*

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Trabalho de projeto</b>
<b>Título</b>	<b>O MEU PAÍS É O QUE O MAR NÃO QUER</b> <b>Narrativas da crise portuguesa</b>
<b>Autor</b>	<b>João Pedro Pinto Gaspar</b>
<b>Orientador</b>	<b>João Figueira</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo</b>
<b>Área científica</b>	<b>Jornalismo</b>
<b>Ano</b>	<b>2013</b>



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



*Aos povos do silêncio*



## Resumo

A imagem que os media retratam da crise que afecta Portugal surge desfasada e apresentando apenas a realidade construída a partir do discurso das fontes oficiais e elites políticas e económicas. Os meios de comunicação estão cada vez mais dependentes de fontes ligadas ao arco do poder que, a partir do fenómeno do mimetismo e da criação de eventos como as conferências de imprensa, açambarcam e dominam o espaço mediático. É descurado o olhar dos cidadãos afectados pelo contexto sócio-económico de Portugal, tendo uma representação reduzida e limitada na versão mediatizada da crise.

A partir desta mesma posição, e considerando que a construção do real está sempre dependente da perspectiva de quem o observa e interpreta, este projecto pretende dar voz às pessoas que não têm qualquer espaço nos meios de comunicação social e que são constantemente negligenciadas como fontes.

É fundamental ouvir e fazer ouvir as pessoas que viram as suas vidas alteradas neste processo de autoflagelação nacional, como diz Boaventura de Sousa Santos, não tanto para compreender a crise, mas para compreender como é que os portugueses que aqui falam a vivem. O projecto jornalístico aqui empreendido rejeita a imparcialidade (caso ela realmente exista), assumindo o lado dos silenciados pelas notícias. Essa tomada de posição, ou manifesto, é também uma forma de veicular outras realidades que não as construídas no espaço mediático.

Através de diferentes abordagens e géneros, desde micro-narrativas, reportagens e discursos na primeira pessoa, são aqui relatadas as histórias contadas por portuguesas e portugueses afectados pela crise e a forma como a vivem e como a sentem.

**Palavras-chave: Jornalismo, Reportagem, Realidade, Crise, Portugal**

## Morte Ao Meio-Dia

No meu país não acontece nada  
à terra vai-se pela estrada em frente  
Novembro é quanta cor o céu consente  
às casas com que o frio abre a praça

Dezembro vibra vidros brande as folhas  
a brisa sopra e corre e varre o adro menos mal  
que o mais zeloso varredor municipal  
Mas que fazer de toda esta cor azul

Que cobre os campos neste meu país do sul?  
A gente é previdente cala-se e mais nada  
A boca é pra comer e pra trazer fechada  
o único caminho é direito ao sol

No meu país não acontece nada  
o corpo curva ao peso de uma alma que não sente  
Todos temos janela para o mar voltada  
o fisco vela e a palavra era para toda a gente

E juntam-se na casa portuguesa  
a saudade e o transístor sob o céu azul  
A indústria prospera e fazem-se ao abrigo  
da velha lei mental pastilhas de mentol

Morre-se a ocidente como o sol à tarde  
Cai a sirene sob o sol a pino  
Da inspecção do rosto o próprio olhar nos arde  
Nesta orla costeira qual de nós foi um dia menino?

Há neste mundo seres para quem  
a vida não contém contentamento  
E a nação faz um apelo à mãe,  
atenta a gravidade do momento

O meu país é o que o mar não quer  
é o pescador cuspidor à praia à luz  
pois a areia cresceu e a gente em vão requer  
curvada o que de frente erguida já lhe pertencia

A minha terra é uma grande estrada  
que põe a pedra entre o homem e a mulher  
O homem vende a vida e verga sob a enxada  
O meu país é o que o mar não quer

*De Ruy Belo (País Possível)*



# **APRESENTAÇÃO**



## **Razão de ser**

### **Manifesto**

Ouvi quase cem pessoas ao longo de ano e meio de trabalho.

Algumas mostraram medo em exporem a sua história, com a vergonha a falar mais alto, também o orgulho, mas acima de tudo a vergonha, transposta para os olhos, para a expressão, contida, cabisbaixa, que se estendia para palavras poucas, num auto-controlo angustiante para quem faz as perguntas. Defesas em evasões a perguntas, adiamento da entrevista, a recusa de mostrar a casa (“é melhor num café”), desconfianças. Apesar de esses entrevistados não preencherem grande parte deste trabalho, também eles ajudam a moldar os sentimentos que se gerem nesta altura e a forma como se vive a famosa crise.

Outras receberam-me sem grandes receios, deixaram-me entrar nas suas casas, nas suas vidas e falaram de tudo. Do cão, do gato, dos filhos, dos pais, dos medos, das alegrias, das esperanças e desesperanças, de coisas tão brutais e íntimas como confidenciar o pensamento de um suicídio, ou do medo da morte, ou do medo pelos filhos. Por vezes, em discursos entrecortados por lágrimas, que pareciam estar ali há tanto tempo para sair. Deitar tudo cá para fora. Talvez, por momentos, foi esse o exercício das conversas – deitar tudo cá para fora. Libertar aquilo que se conteve tanto tempo, talvez algumas surpresas de ver que alguém lhes ouvia a sua história, que estava ali também para o desabafo a que não tinha tido a oportunidade de soltar.

Este projecto procura ir contra a crise incessantemente repetida em telejornais, em noticiários, em sites ou na imprensa. Uma crise espelhada em taxas de desemprego, nas inflações ou inflexões, no regresso aos mercados, nas opiniões ligadas a interesses políticos, económicos e pessoais, nos números, frios e distantes, nas entrevistas curtas à beira de uma fila no centro de emprego ou em cantinas sociais. Um rol de notícias que não cessa.

Nesta era da informação, onde a super e sobreprodução noticiosa se liga a um consumo breve e rápido, a sociedade depara-se com demasiado ruído informativo, incapaz de focalizar ou sequer digerir o retrato esquizofrénico que os media lhe entregam.

E, com tanta informação, tanta notícia a ser produzida e veiculada ao minuto, num frenesim constante, imbuído num excesso que ninguém consegue acompanhar por inteiro, onde fica a variedade? Neste mundo mediático, não há lugar para a compreensão de dilemas mais profundos, para a reflexão, para uma narrativa centrada nas pessoas comuns, que não têm assessores de imprensa ou uma agência de comunicação.

Surge então essa crise de números grandes, globais e globalizados, distantes e distanciados, das massas silenciosas e silenciadas. A crise é também ela uma experiência individual. Uma outra crise, a pessoal, íntima, de lutas interiores, longe de manifestações ou de congressos políticos. A crise portuguesa vive-se dentro de portas, é “silenciosa”, como a apelidou a Reuters.

Com este projecto, procuram-se esses murmúrios, no espaço doméstico, de estores fechados, em olhares pessoais, enviesados, parciais e subjectivos, porque a realidade não é indivisível, transmuta-se de narrativa em narrativa e não pode espelhar-se apenas em números, demagogia, brevidades e posições ideológicas.

A crise, e a realidade que se constrói a partir dela, é múltipla e variada, é o que as pessoas edificam a partir da sua vida, nos seus anseios, desesperos, inquietudes e medos.

Nas próximas páginas, há o olhar de crianças e de adolescentes de Leiria sobre a crise de que ouvem falar, há a luta de três estudantes de Coimbra para acabarem o seu curso, há a desesperança do desemprego de longa duração na Guarda, há as histórias de gente que emigrou e imigrou e hoje não sabe para onde vai, há o experienciar da depressão e da renúncia, de se cair e de não se saber quando se há-de levantar.

São histórias que personificam uma espécie de manifesto contra a forma como os media nos querem contar esta crise, que ouvem mas não escutam, que vêem mas não reparam. Apresentam uma narrativa superficial, pouco diversificada, vidrada num panorama geral. Fica-se com a paisagem seca, pobre e esvaziada de vida, sem atender ao detalhe ou a algo com que nos possamos relacionar.

E vão desenhando essa paisagem, como que architectada por um qualquer pintor distraído, que apenas usa cores primárias e que se esquece que há mais na paisagem do que, simplesmente, os contornos da casa - que se esquece de pôr gente dentro dela.

É esse o objectivo do projecto: pôr gente dentro dos contornos desenhados, para transformar a paisagem insípida num mosaico de narrativas que contribua para a construção da identidade deste país que o mar não quer.



## **Narrativas incompletas I**

Todas as quintas-feiras, há lanche na Associação Nacional de Aposentados Pensionistas e Reformados, na rua dos Douradores, na baixa lisboeta. Lá, encontra-se Cremilde, de 79 anos, que vive nos Olivais, Cândida, de 69, também de Olivais, e Conceição, de 76, a viver em Alvalade. Ficam à conversa sobre a crise...

Conceição: Faz-me muita pena ver casais desempregados.

Cândida: A minha filha é esteticista e a casa onde trabalhava fechou. Tive que a ajudar na prestação da casa.

Cremilde: No tempo dos nossos pais, também havia crises, mas tínhamos sempre uma boa panela de sopa, uma mão cheia de azeitonas e uns enchidos de quando em quando.

Conceição: Ouvi na rádio que um senhor pagava uma renda de 170 euros e queriam aumentá-la umas três vezes mais....

Cremilde: Querem que os velhos morram.

Cândida: Isto ainda vai amargurar mais. Já houve outras crises, mas não tão graves como esta.

Conceição: Do que se ouve na televisão... não se pode ver muitas notícias que ficamos logo doidas.

Cremilde: Olhe, que toda a gente tivesse o que temos.

Conceição: Qualquer dia as pessoas enforcam-se aí todas. Com o aumento das rendas... tudo sem rei nem roque...

Cândida: Eu sou de Vila Real, e o Passos também e pensava que ele era um homem como deve ser, que os homens do norte têm essa fama! Mas ele promete e promete e não cumpre.

Conceição: Estão a acabar com a qualidade de vida das pessoas.

Cremilde: Isto ainda vai ficar violento.

Cândida: E se calhar ainda vamos voltar ao escudo. Deus queira que sim!

Conceição: A vida em escudo era melhor. Temos todas saudades do escudo. A vida era mais fácil.

Cremilde: Mas vai-se andando...

**percursos num ensino superior público**

# **À procura de um diploma**

*Diogo confia na luta, mas ao mesmo tempo tem que cozinhar para acabar o curso de História. Sara assume uma postura de resistência, num Serviço Social muito diferente daquele que estuda. Nilce teve que juntar euros para conseguir o diploma de mestre em Estudos Artísticos. Estas são três histórias de um caminho, por vezes frustrante, num ensino superior desviado da sua tendência gratuita, onde os contratempos e travões económicos usurpam idealidades e a desistência ganha espaço no pensamento de alguns.*

## **A Luta**

“Sou de esquerda e não estou com tretas. O direito à educação está consagrado na constituição e o meu caso é igual ao de milhares de estudantes. Devia poder continuar a estudar, mesmo sem ter dinheiro e sem ter de recorrer a um empréstimo. Sou um gajo sem vergonha. Não tenho vergonha de falar de nada. É preciso chapar no focinho das pessoas que isto está mal”.

Diogo tem 23 anos e já teve mais dívidas do que os pais. Em Novembro de 2012, tinha dois mil euros de propinas para pagar, as desse ano lectivo e as do anterior. Por vezes, vê o seu projecto de vida a dissipar-se.

Diogo, politizado, militante do Bloco de Esquerda, critica os disfarces, o baile de máscaras, “a democradura”, a falta de liberdade para tirar um curso, quando existem constrangimentos económicos. Já teve que dizer adeus a conhecidos e amigos - colegas que nem 120 euros tinham para pagar a renda. Já se manifestou, já esteve em

listas candidatas aos órgãos da academia de estudantes de Coimbra, já protestou em assembleias magnas de estudantes, mas, agora, deixou de parte a sua vida associativa - não ter dinheiro come-lhe o tempo – e fica “naquela coisa morta”, que “nem é bem desespero ou depressão”, uma coisa morta, essa de não ter dinheiro, de andar a surripiar um copo ou um café a um colega, de não ir às cantinas, que 2,40 euros é muito dinheiro para se gastar numa refeição, de pôr as mãos aos bolsos e não encontrar um cêntimo, talvez encontre uma mortalha, um pouco de tabaco e fume, a tentar escapar às preocupações, mas não há dinheiro, continua-se “naquela coisa morta”: “estudar para quê? Estou aqui em Coimbra para quê?”. Não quer ser o próximo a fazer as malas e voltar para Oliveira de Azeméis sem licenciatura.

Entrou na política aos 13 anos, quando foi à sua primeira reunião da Juventude Comunista Portuguesa. Entrou um pouco sem saber no que entrava, apenas um ímpeto. No 10º ano filiou-se no Bloco de Esquerda. Ajudou em campanhas, foi a reuniões e candidatou-se, com mais cinco rapazes do Bloco, à associação de estudantes da sua escola secundária.

“Candidatámo-nos contra a lista apoiada pelo PS e PSD e CDS. Nós queríamos dinamizar a rádio da escola, eles queriam levar os atores dos morangos. Levámos uma coça”.

Diogo acabou o secundário em 2007, mas não ingressou logo no ensino superior. As propinas já não eram os 6,5 euros estabelecidos em 91, um valor que, de simbólico, durante 20 anos, cresceu 153 vezes. Em 2012/2013, ultrapassou a barreira dos 1000 euros, numa constituição que prevê “um ensino superior tendencialmente gratuito”.

Os pais ainda tinham uma vida “relativamente estável” – a mãe ganhava o ordenado mínimo, numa fábrica de têxteis, e o pai recebia entre os 500 e os 600 euros, na construção civil - mas Diogo tinha noção de que a tendência gratuita do ensino superior curvava para outros lados.

Esperou que o seu décimo oitavo aniversário chegasse e entrou numa empresa do sector automóvel, a trabalhar das seis da manhã até às duas da tarde. Às quatro, estava já num bar, até às dez da noite.

Na fábrica, 30% do ordenado ia para a empresa de trabalho temporário que o colocou. Ao fim de meio ano, 15 dias antes do contrato acabar, recebeu o aviso de que iria deixar de trabalhar na empresa. Pediu uma reunião com o sindicato da fábrica. O delegado disse-lhe para “não criar problemas com a empresa”, caso contrário seria o ordenado dele a estar em risco. Lá se foi embora, fazendo-lhe espécie ver a empresa de trabalho temporário ser agraciada, nesse mesmo ano, com um prémio estatal de companhia modelo no sector da empregabilidade. Depois desse meio ano, ainda foi



para outra empresa, na sua terra, Cucujães, a fazer triângulos de trânsito, durante mês e meio.

Com o dinheiro amealhado, matriculou-se em História e Geografia, na Faculdade de Letras de Coimbra, sustentando-se facilmente nos três primeiros anos da universidade. O dinheiro conseguido na fábrica pagou-lhe o primeiro ano. A bolsa que recebeu do primeiro ano pagou-lhe as propinas do segundo e a bolsa do segundo pagou-lhe as propinas do terceiro.

Nesses três anos, envolveu-se na vida associativa, numa cidade conhecida pelas suas lutas estudantis - as de outros tempos, de 62 e de 69, e as lutas dos anos 90, contra as propinas. Mas, na cidade, as lutas perdem força a cada ano findado, numa associação académica de estudantes que Diogo não vê como baluarte de defesa dos direitos dos estudantes. Não se sente representado pela associação, um micro-cosmos que muitas vezes é visto como um pequeno governo, uma representação em pequena escala daquilo que se passa no país. Vê a inconsciência, a abstenção da participação na vida associativa, vê o caciquismo - é o voto pelo padrinho, é o voto por uma cara qualquer que anda por lá, pelos isqueiros, canetas e bolas anti-stress. “E as propostas?”

Nesse micro-cosmos, lembra-se da sua primeira grande discussão numa assembleia magna, quando Miguel Portugal era presidente da associação, e Diogo propôs a adesão dos estudantes à greve geral. Criticaram-no, dizendo que ele queria fazer greve apenas “para ir a Lisboa”. Enervou-se, num acesso de raiva que ainda hoje admite não conseguir controlar, e explicou que queria fazer a greve em Coimbra, que “são os nossos pais que nos dão dinheiro, é o trabalho deles que está em causa. Não podemos estar desassociados da sociedade civil”. Rejeitaram a proposta.

Diz que a associação apenas faz cócegas ao sistema, irrita-se com a passividade da academia, com manifestações simbólicas atrás de manifestações simbólicas, irrita-se com a desacreditação dos estudantes no sistema político, irrita-se com os 80% de abstenção que viu em 2011, nas eleições para a direcção geral de uma das associações de estudantes mais antigas da Europa, irrita-se com a falta de discussão de ideias, irrita-se com o adiar da luta.

“Se este não for o momento para fazer luta estudantil, quando será? Quando o senhorio expulsar o pessoal de casa porque não têm dinheiro para pagar a renda? Quando a universidade tiver 15 mil em vez de 30 mil estudantes porque os outros tiveram que ir embora?”.

No final do 3º ano, Diogo mudou de História e Geografia para História. A mudança de curso implicou o fim da bolsa. Já sabia que deixaria de ter ajuda por parte dos serviços

de acção social. Foi de casa que surgiu a surpresa - um vislumbre mais vincado de uma crise que se fazia insurgir no orçamento dos seus pais.

A mãe passou a receber o ordenado atrasado, na fábrica de têxteis onde trabalhava, o pai fazia menos dinheiro na construção civil, a avó precisava de ajuda, e a sua irmã, na altura no 4º ano da primária, perdeu o serviço de apoio social, por um terreno dos pais avaliado em quatro mil euros, “que não serve para nada, que é mato”. Com o valor acrescentado, a irmã deixou de ter direito a refeições grátis e passe escolar. “Eu pensava que dava para controlar. Não deu”.

“Não deu e não está a dar”. Começou a viver com 200 euros por mês dos pais, com 120 a irem logo para a renda da república onde vivia. Restavam 80 euros, que facilmente desapareciam. Por vezes, tinha que pedir emprestado, “10 euros aqui, 20 euros ali”, a valer-se de amigos para se manter por Coimbra. Contudo, faltava saldar as propinas, e não havia maneira de as conseguir pagar. “250 euros a cada três meses é uma fortuna para mim”.

Se não fosse o facto de Diogo viver numa república de estudantes, já teria ido embora. A casa dos Kapangas funcionou como último reduto de acção social. Numa cidade em que a procura de quartos faz aumentar o preço das rendas, nunca iria encontrar um quarto em que, com 120 euros, incluísse renda e despesas.

Em Janeiro, depois de um semestre feito de desenrasques e da solidariedade de amigos, Diogo voltou a Oliveira de Azeméis, depois de uma operação ao cóccxis. Esteve dois meses em casa e, aí, enquanto recuperava da operação, aquilo que teria sido um primeiro vislumbre de dificuldades, no início do ano lectivo, começou a acentuar-se e a tornar-se mais real e mais duro aos olhos de Diogo. Apercebeu-se das contas que tinham que ser pagas, dos pequenos luxos que se cortavam, coisas da vida dos seus pais que se iam transformando, à medida que 2012 entrava por dentro das paredes da sua casa em Oliveira de Azeméis.

Depois da recuperação da cirurgia, Diogo disse aos pais que ia para Coimbra. “Não há dinheiro para ires para Coimbra”, disse a mãe. Um murro no estômago. O único objectivo que tinha, a arder, ali, à sua frente. Entrou em pânico...

- Mas eu tenho aulas, tenho que ir para lá.

Discutiu.

-Não quero saber se vós tendes guito ou não. Estou-me a cagar.

-Mas tu nem 15 euros tens para ir para Coimbra..., disse-lhe a mãe.

Sabe que foi injusto para com os seus pais. Mas, no momento, a ira falou mais alto, na cabeça de um estudante que apenas queria acabar o curso. Via-se agora preso à sua terra, de mãos atadas, e consciente de que tudo aquilo era injustiça.

“Eu não sei quando é que a minha família vai ter que recorrer a um banco alimentar...”

Acalmados os ânimos, domada a ira e os sentimentos de iniquidade, Diogo conseguiu fazer um acordo com os pais para voltar a Coimbra. Iria ficar em casa de um colega, a dormir no chão do quarto dele, com um cobertor e umas mantas a fazerem de cama. Traria comida de casa, e, de quando em quando, a mãe dar-lhe-ia 10 ou 15 euros para se ir orientando.

Dividiu o chão com outro colega que também não tinha dinheiro para pagar um quarto. Com meio semestre de aulas perdido por causa da operação e das aflições de não ter dinheiro, ainda conseguiu fazer uma cadeira. Não fez mais porque, nos entretimentos, foi à procura de trabalho para conseguir pagar propinas. Procura-se e pouco se encontra.

Viu um anúncio no Diário de Coimbra a prometer um salário base de 550 euros, seis horas de trabalho, cinco dias por semana. Teria que vender telefones de uma operadora nacional de telecomunicações e livros de banda desenhada.

“No papel é muito bonito”. O salário base afinal não existia, as seis horas transformaram-se em 12, os cinco dias por semana levaram mais um atrelado.

Entrava em casa das pessoas, com um discurso preparado, baseado num guião, “monopolizador, teatral, falso”, dizendo que o produto que vendia era a “melhor coisa para eles”. Diogo sentia-se em contradição consigo próprio, a vender algo em que não acreditava.

Mas... “precisava muito do dinheiro”.

Ainda tentou durante uma semana, contudo não conseguiu. Acabou por gastar 70 euros em deslocações e recebeu 60 do que vendeu, sem descontos.

Foi a Pombal, Mealhada, a mostrar “contratos mais vantajosos para as pessoas, independentemente de se realmente o eram ou não”. Lembra-se do último dia e de dizer basta.

Numa sexta-feira, ele e uma rapariga que o acompanhou bateram à porta de um casal de surdos. A sua colega escreveu tudo para lhes explicar o contrato e “as suas vantagens”. O casal mostrou-se receptivo. Diogo recusou-se a vender-lhes o telefone. A única preocupação da colega era a comissão de 30 euros que ia conseguir com a venda.

“Ela precisava de ganhar o dinheiro independentemente de como o ganhava. Também estaria aflita. Mas é imoral”. Chegaram à sede da empresa e a colega contou o que se tinha passado ao seu chefe - um homem alto, de cabelo rapado, “sempre fatinho e gravata”, sempre a cheirar a tabaco. “Um gajo que ganhava dinheiro com todos os produtos que vendíamos, mesmo estando sentado, sem fazer nada”.

Disse a Diogo que tinha que “vender e vender e vender”. Diogo disse que não.

- Olha, eu não preciso de ti. Amanhã está aqui outro a trabalhar.

Despediu-se. “Ali era aquela coisa de tu és trabalhador, mas és o teu próprio empresário, tu fazes o teu ordenado... Não tinha paciência para aturar aquilo. Quero trabalhar, quero ser pago pelo que trabalho e de forma digna, mas não quero receber 60 euros ao fim de uma semana a trabalhar 12 horas por dia”.

“Tentei, mas...” Não deu para se sustentar, não deu para pagar as propinas e não deu para ir aos exames. E, no fim, ainda perdeu dinheiro e a situação agravou-se.

Sem propinas pagas, voltou para casa, nesse verão, sem qualquer perspectiva de trabalho. Foi ajudar o pai nas obras, assim como a mãe, aos fins de semana, a fazer limpezas.

Veio mais um ano – 2012/2013. Mais outra luta, que não a política. Propôs-se a pagar, por quatro prestações, as propinas em atraso. A universidade rejeitou. Os pais de Diogo decidiram que ele deveria continuar em Coimbra. Queriam que o filho continuasse a ir às aulas, mesmo com as notas congeladas, que o projecto de Diogo tirar o curso é dos três.

“Tenho orgulho destas duas pessoas que não tendo formação académica sabem perceber que não há condições de estudo a partir do momento em que uma pessoa não pode sequer pagar uma refeição na cantina”.

“O dinheiro não é muito e há que fazer prioridades. A prioridade foi poder arranjar casa para poder estar cá e ir às aulas”.

Viveu com 200 euros por mês, nesse ano lectivo. Conseguiu um quarto por 133 euros, com despesas alongava-se até aos 150 euros. Ficou com 50 euros por mês para sobreviver em Coimbra, com as notas congeladas do ano anterior e sem poder matricular-se. Pôs na cabeça: “se não conseguir pagar as propinas até Dezembro, vou-me embora”. Esteve para ir. Chegou a Dezembro e não havia dinheiro para pagar propinas.

Até lá foi contar as moedas, fazer contas, comparar preços: “tudo faz diferença. Dez cêntimos fazem a diferença”.

Sentiu “a corda” a roçar no pescoço, mas, ao mesmo tempo, agradeceu o dinheiro que foi surgindo de uma tia e da avó, uma “notinha” que já lhe fazia a semana, e o toque de uns amigos para se aguentar mais algum tempo. “Mas é viver no risco. Sempre no risco”.

O risco de ir embora acentuava-se. Custava-lhe ver os dias a surgirem, uns atrás dos outros, e Janeiro cada vez mais próximo.

Em Dezembro de 2012, já a pensar em fazer as malas, a mãe liga-lhe, às dez da noite.

- Tenho uma notícia para te dar. Vamos poder pagar-te as propinas, que a indemnização de que estou à espera há meio ano vai chegar nas próximas semanas.

-Estás a falar a sério?

-Sim.

-Caralho!

Assim, um berro tremendo, descomedido, livre de eufemismos. E lá se fez felicidade pelo rosto de Diogo. A mãe recebeu a indemnização da empresa, onde trabalhou, que fechara e voltara a abrir com outro nome. Diogo estava feliz, aliviado, de esperanças redobradas.

A 21 de Dezembro, um dia depois do seu aniversário, pagou as propinas.

Recebeu um e-mail a dizer que se podia matricular, mas que teria que pagar 75 euros de multa por inscrição fora de prazo. Aquando da inscrição, recebeu um aviso: tinha prescrito – as cadeiras feitas no ano anterior eram insuficientes para se poder voltar a inscrever.

“Nunca tinha pensado nisso. Nunca pensei que fosse possível. No ano passado fiz apenas quatro cadeiras, mas fui operado, tentei trabalhar, não tinha dinheiro... nem sequer conseguia pensar na ideia de que ia prescrever... não fazia sentido nenhum”.

Eram seis da tarde e, Diogo, estava em frente ao computador, sem conseguir falar com a mãe do outro lado da linha. De rastos, em choque, no silêncio. Cinco minutos sem uma única palavra dita à mãe, apenas se chorava. Anos e anos a contar dinheiro, a procurar coisas para poder pagar os estudos e sempre no remendo. “Cada vez que resolves uma situação surge outra pior”.

“Tenho 23 anos, quero construir uma vida e não consigo”.

Depois do abatimento, Diogo voltou aos remendos. Decidiu criar uma página no Facebook, propondo-se a cozinhar em casas particulares, com a comida que as pessoas

tivessem nas suas despesas, a troco de algum dinheiro para poder pagar as cadeiras que tinha feito no primeiro semestre e assim manter-se em Coimbra para poder assistir às aulas, na segunda metade do ano lectivo.

Conseguiu manter-se por Coimbra e pagar os 300 euros pelas três cadeiras feitas. Ficou também com outras três cadeiras com notas congeladas, no segundo semestre, sem ter possibilidade de pagar o montante avulso. Regressou em Setembro de 2013, e, depois de se inscrever, de ver as notas aprovadas do ano passado, de confirmar a regularização da sua situação, de conseguir ficar numa república, suspirou.

Está hoje mais tranquilo: é um último esbracejar de esforços até ao final do ano, a cozinhar, sempre que alguém pede, para pagar propinas e continuar com o sonho de pé, mesmo que por tantas vezes pareça ter-se curvado para o chão.

## **Um euro**

Nilce levantou-se às sete da manhã. Às oito e meia, estava a trabalhar num jardim de infância, perto de casa. Às quatro e meia da tarde saiu. Respirou fundo e, às seis, fez-se empregada de mesa num café, até à meia-noite. No dia seguinte, voltou a fazer o mesmo. Durante seis meses, foi a sua rotina - jardim de infância e café - sempre com a universidade como linha de horizonte, a pautar-lhe os movimentos, por vezes cansados, mas sempre seguros.

A história de Nilce é a história de um sonho que nunca lhe foi fácil, num país onde sonhos destes, de tirar um curso, são cada vez mais somas de batalhas e cercos projectados por ditames económicos.

Nilce venceu as suas batalhas. É hoje mestre em Estudos Artísticos. Para trás, ficam-lhe as memórias de armários sem comida, de um acidente de carro, da apanha da pêra no verão, da solidariedade de umas quantas mãos que se lhe estenderam...

Para a frente? Não sabe. As perspectivas são turvas - faz parte dos números da incerteza que se alinha em notícias, percentagens, juro, reacções dos mercados, 'ratings'. Por enquanto, está num call-center, de sorriso na cara, à espera - nessa dúvida constante, comichosa e que inquieta.

Antes, porém, há uma história comprida de dificuldades, onde a desigualdade lhe surgiu aos olhos ainda era pré-adolescente, já a viver só com a mãe e o irmão, depois de fugirem da casa do pai, da "pancada", da expectativa, da tensão, do homem que, pelo álcool, espancava a mãe, fosse por um bivaque mal passado a ferro, ou pela comida que não queria. A mãe virou toda a sua vida para os filhos. A trabalhar por pouco mais do que o ordenado mínimo, de corpo moído, deixou de comprar roupa, as solas dos sapatos eram sempre coladas, não ia ao cabeleireiro, e a saúde ressentia-se, adia-se, sem dinheiro para um bom acompanhamento. E os filhos a segurarem-na. No Natal, trabalhavam os três numa padaria, por turnos. No Verão, Nilce ia para a apanha da fruta e o irmão para as obras.

Nilce sempre sentiu esse esforço da mãe, mas as diferenças evidenciavam-se e a vergonha, numa pré-adolescente, também aflorava. Antes do regresso à escola, havia que limpar com borracha os livros do irmão, um ano mais velho, e encadernar esses mesmos livros com bonecos e símbolos da pop - que faziam as capas da revista Bravo -, para ter ali qualquer sinal de pertença. Por vezes, não levava os livros para a escola, com pudor, outras vezes recusava-se a levar comida de casa, porque mais ninguém o fazia. Nas festas da terra, fingia dormir enquanto ouvia as amigas baterem à porta. "Só ia um ou dois dias", que perfaziam o número de vestidos novos que tinha, fingindo-se ali, em sonos, a ouvir as amigas chamarem-na, de olhos bem abertos para uma diferença que ainda não conseguira enquadrar conscientemente.

Em casa, se na televisão surgia política, mudava-se de canal. Sempre foi assim, e sempre ouviu o conselho da sua mãe: "vota nos pequenos".

Não acatou. "Voto nulo".

Também foi contra a vontade da mãe que decidiu ir para a universidade. "Tinha receio de ficar sem dinheiro". Foi experimentar, no ano lectivo 2006/2007, à espera de ter bolsa, que de outra forma não daria.

Lembra-se de quando entrou na faculdade e a assistente lhe disse: "se não tem dinheiro, então não venha estudar".

Ficou, resistiu e, se não fosse o dinheiro que tinha posto de parte, fruto do trabalho, não teria aguentado sequer o primeiro ano. A bolsa só lhe foi atribuída em Maio, e até lá havia que comer, tirar fotocópias, pagar bilhetes de autocarro...

Com o dinheiro da bolsa, comprou um computador. Durante o verão, voltou ao trabalho para pagar as propinas. Às seis da manhã, ia para a apanha da pêra até às cinco e meia da tarde. Meia hora depois, estava num café, até à meia-noite, na ânsia de se manter no ensino superior.

Tentou esquecer o cansaço acumulado, das oito horas de pé ao sol, das seis no café, das cinco de sono...

“Fiz isso duas semanas”. Numa noite, depois de sair do café, adormeceu a conduzir, estampou o carro e metade do dinheiro que ganhou foi para o arranjo do mesmo.

No ano seguinte, a bolsa foi-lhe atribuída mais cedo, em Novembro. Recebia 330 euros mensais, e parte ia para ajudar a mãe, que trabalhava 12 horas por dia, com uma cervical em risco de falência, a pedir gastos na saúde.

No meio de lutas, de bolsas que vinham mais tarde, de trabalhos no verão, de dificuldades em casa, Nilce foi-se aguentando, num espírito que parece nunca se querer deixar abater. Contudo, em 2010/2011, com a modificação do critério de atribuição de bolsas, a assistente social, na Universidade, reparou que Nilce tinha mais despesas do que receitas e que, portanto, não estaria a declarar algum rendimento. Nilce explicou que trabalhava no verão para ajudar a mãe e que recebia ajudas alimentares de uma tia.

Se não declarasse esses valores, poderiam cortar-lhe a bolsa, avisou a assistente.

“Mas se trabalhava no verão e recebia ajudas alimentares era porque tinha dificuldades!”

São as normas, as regras, os despachos, as folhas de Excel.

“Às vezes parece que olham para nós como se fossemos números. Somos números, somos todos números”.

Passou de 300 euros de bolsa para 98. Fazem-se contas: a mãe sem poder ajudar, 80 euros para a fisioterapia ao joelho que lesionou em Fevereiro de 2011, a renda da residência universitária, as propinas. Cortou nas saídas, nas idas ao teatro, na alimentação, nas viagens para casa...

A mãe esteve internada durante semana e meia no hospital, de baixa, e Nilce não a pôde ver. Num ano, foi quatro vezes a casa. Havia alturas em que abria o armário e não tinha quase nada, assim mesmo, quase nada.

Apesar dos cortes e poupanças - a austeridade que lhe entrava pela casa adentro - teve que recorrer à solidariedade - sem juros.



Uma colega emprestou-lhe dinheiro para a fisioterapia, na residência, colegas traziam-lhe comida das hortas dos pais, o fundo solidário do Instituto Justiça e Paz pagou-lhe as propinas e os SASUC atribuíram-lhe 500 euros que deu para se sustentar, no verão, o primeiro em que não pôde ir trabalhar para a apanha da pêra, por causa da lesão no joelho.

No ano seu último ano de mestrado, a bolsa subiu para os 260 euros. Contudo, havia dívidas para saldar. Pagou à colega os 500 euros emprestados para a fisioterapia, e foi pondo dinheiro de parte para restituir a ajuda que o Justiça e Paz lhe tinha dado. Conseguiu pagar 900 dos cerca de mil euros de propinas. Ainda trabalhou duas semanas no verão, na apanha da pêra, mas a campanha foi menor. Apenas lhe serviu para se sustentar entre Setembro e Novembro de 2012, em Coimbra, altura em que ia defender o relatório de estágio. Ficou sem dinheiro para poder pagar as propinas. Mais uma vez.

“Com dificuldade em encontrar trabalho, a minha mãe desempregada, vou demorar anos a pagar o valor das propinas a quem mo emprestar”, pensou. Olhou para o Facebook e reparou que tinha 1200 amigos – “se toda a gente desse um euro teria as propinas pagas”. Os juros das propinas aumentavam e decidiu criar o evento, no seu último dia em Coimbra, a custo, entre a vergonha de expor a sua vulnerabilidade e o medo de ser tratada por coitadinha.

Apareceu em jornais, televisões, rádios, até na imprensa estrangeira a iniciativa surgiu. Recebeu várias mensagens de ex-alunos, e num desses momentos, na sua aldeia, enquanto estava no café a responder no Facebook às palavras de apoio, um senhor chegou ao pé de Nilce e deu-lhe uma moeda para as mãos. “A reacção física” custa mais, ali, algo palpável, “mais real”, uma moeda nas suas mãos. Sentiu-se estranha. “É quase como se fosse esmola”. Mas depressa retirou a vergonha, que Nilce não é mulher para se deixar abater e acabou por andar com uma bolsinha para todas as moedas de um euro que foi recebendo.

Conseguiu os 1033 euros e 53 cêntimos para pagar inscrição, propinas e juros do pagamento em atraso. Atirou com a felicidade para o Facebook, o mesmo espaço onde tinha conseguido angariar o dinheiro:

*Que viagem !!!!*

*E dou por mim a pensar... será que algum dia conseguirei retribuir os gestos, as palavras, os sorrisos, a força. A todos vocês estimados amigos, obrigada por este sentimento belo e único que nos une, que me enche de felicidade e polvoriza a minha vida com pozinhos de perlimpimpim\*\*\*\*\**

*Foram precisos meses para tomar o passo, depois chegou um amigo, outro, o amigo trouxe um amigo, um familiar, depois chegou um desconhecido, e outro. A minha história tocou-te, e ao tocar-te tornou-se na nossa história, porque o poder dos laços é mágico e pode tornar sonhos em realidade.*

*Conseguí, acima de tudo CONSEGUIMOS. A todos vocês que fizeram parte desta viagem, o meu muito obrigada!!!*

Depois das propinas pagas, da euforia, de toda a atenção mediática, há o confronto com a realidade. O regressar à sua terra, em casa, sem internet, sem grandes perspectivas de encontrar emprego, nas fileiras da incerteza.

Mostrou-se disposta a qualquer trabalho, dentro ou fora da área, num café, numa fábrica, num restaurante, qualquer coisa, qualquer coisa servia, menos o ócio. Depois de quase seis anos num ritmo frenético, em que muitas vezes dormia pouco mais que cinco horas por dia, deu-se consigo sem nada à sua espera, sentada em casa, suspensa, entregue a uma inércia desconfortável.

Trocou as noites pelos dias, deixava-se ficar a ver séries, ouvir música, ler um ou outro livro... mas, no fundo, acredita que não fez nada, ou melhor, tentou inventar coisas para fazer, em “meses dolorosos” que lhe davam vontade “de bater com a cabeça nas paredes”.

“Talvez devesse ter feito algo mais, talvez criar projectos, mas para isso também é preciso dinheiro...”

O primeiro trabalho que teve depois de acabar o mestrado foi como ajudante num café-restaurant, a descascar batatas e a lavar tachos. Esteve uma semana. A proprietária do café queria que Nilce vivesse em Lisboa, ficando mais perto do local do trabalho. Em contrapartida, oferecia 500 euros a recibos verdes, para trabalhar 6 dias por semana, 9 horas por dia. “Isto não é nenhum escritório”, avisou.

Depois de uma semana, Nilce estava disposta a ficar, porém, referiu que, se encontrasse algo mais perto de casa, saía. A patroa não aceitou a contra-proposta. Nilce voltou para casa e para o ócio, para os sites de emprego, para os emails não respondidos, para as perspectivas que se afunilavam.

Decidiu ir duas semanas a Coimbra, à procura de trabalho, a dormir num colchão em casa de uns amigos. Conseguiu ir a duas entrevistas. A primeira era para “vender cartões de crédito”. Prometiam-lhe 2500 euros, “mas não queria vender uma coisa em

que não acreditava”, para além da pouca confiança que tinha na promessa de tal salário.

A segunda foi na PT. Passou na entrevista e ofereceram-lhe o ordenado mínimo mais comissões. Teve formação e, no final da mesma, um prazo quatro dias para vender. Se não vendesse, dificilmente entrava.

Vendeu e entrou.

Teve que se adaptar a 8 horas fechada num sítio, sob pressão - que há objectivos individuais, de equipa, e do supervisor, pessoas concentradas, o som dos telefones, computadores, os guiões a serem usados, e a decoração feita de faixas com frases “nada é impossível” e “a história és tu que a fazes”.

É raro estar mais de trinta segundos sem receber uma chamada. “Estão sempre a cair”.

Ficou com um contrato quinzenal, durante seis meses. “Contratos quinzenais assusta”. Alugou um T0, na alta de Coimbra. Aos 29 anos, teve, pela primeira vez, um espaço só seu. Rompe-se-lhe logo um sorriso desmedido, assim que fala do apartamento, mais concretamente da casa de banho e do prazer que foi deixar-se ficar na banheira, de rádio ligada, a saborear aquela vitória – um espaço só seu.

Diz que está a gostar do trabalho na PT, especialmente de dar atenção às pessoas com quem fala, por vezes sozinhas e desamparadas, que não têm dinheiro para qualquer um dos serviços que vende, mas que precisam de falar, de se lançar em fúrias contra “o país, a porcaria da troika, o governo, a PT”.

Aparecem-lhe pessoas a viver com 200 ou 300 euros... “É uma treta. As merdas todas que há é por causa do dinheiro”, diz assim.

E Nilce, com 29 anos, mestre em Estudos Artísticos, permanece no call center, também ela arreliada com o país, com a troika, com o governo...

Não se arrepende de ter ido para a faculdade, mas custa-lhe não encontrar trabalho na sua área. “Esfolei-me para tirar o curso. Eu esfolei-me!”

Considera que teve sorte e, mesmo esfolada, mesmo num call center, mesmo sem a certeza de que um dia trabalhará na sua área, mesmo depois de todos os sacrifícios, mesmo com o medo dos contratos quinzenais, não dá razão à sua mãe que lhe pedia para não ir para a universidade, e mantém o seu sorriso, enorme, pujante. “Agora estou bem. Mas o futuro está em aberto, está tudo em aberto... E tenho esperança que as coisas mudem. Tenho esperança. Tenho esperança”, reitera, com os seus olhos grandes, fixos e convictos num horizonte diferente.

## **O magnésio**

A permanência de Sara no ensino superior é um acto de contínua resistência - um basta à mera sobrevivência, a que viu os seus pais sempre agarrados. Mas a luta resiliente cansa, e, por vezes, Sara não sabe se desiste, se se deixa vencer, ou se continua nessa sua postura de combate, de existência numa crise em que luta para que não a ponha do lado dos números dos rendidos. Por aqui, a resistência e o cansaço terão que estar sempre ligados à história, palavras repetidas, como os dias, onde a estética literária não entra.

Na Páscoa de 2013, Sara foi a Vila do Conde e almoçou com os pais, tios e avós. Foi a primeira da família a entrar no ensino superior, em 2006. Com a família reunida, ouve o discurso pessimista de que “vamos todos morrer, isto está muito mal, qualquer dia vamos ter que roubar”.

E Sara resiste. Diz que têm que ter uma atitude construtiva, que têm que tentar de outra forma. “Não se preocupem, a gente desenrasca-se”. Mantém o discurso positivo,

mas por vezes faltam forças, não ao discurso, mas à postura. Há noites e há dias em que apenas queria mandar “tudo às urtigas e fugir”, libertar-se dos pesos.

Perguntam-lhe como está Coimbra. “Está bem”. “E a tese de mestrado? Como anda?”. E Sara volta a fingir que tudo está bem, porque na verdade vê páginas em branco, envergonha-se daquele vazio, de não avançar no trabalho, de se sentir presa, amarrada à resistência, a uma cabeça demasiado cheia de preocupações para pensar numa tese em Serviço Social.

Sara sempre viveu dentro do paradigma da sobrevivência. Começou a trabalhar aos 13 anos, num café, por ter vergonha de levar os amigos para a casa dos pais, em Vila do Conde. Esse contexto moldou-lhe “a alma”, onde o dinheiro é um não-assunto, por falta dele, por ser uma coisa suja, porque toda a vida dos pais foi sempre a “tentar ter dinheiro”, porque motivava discussões, por saber que os pais ficam magoados quando não podem ajudar, porque leva parte da dignidade.

Para fugir a esse ambiente, entrou nos trampolins do clube de ginástica da sua terra, na adolescência. Diz que não era muito boa, mas esforçada. Lembra-se do “imenso magnésio” que tinha que pôr nas mãos suadas, quando competia, nervosa e insegura. Ainda hoje por lá anda parte do nervosismo, parte da insegurança. Mas o magnésio não basta, e lembra-se da frustração que sentiu num último salto do campeonato nacional, ao falhar, dando um berro na cama elástica. Os trampolins como espelho dos seus medos - de tentar, “de tentar e não conseguir”.

Acabou por desistir por causa de uma lesão. E, de um momento para o outro, aquilo que achava ser o seu futuro deixou de o ser. Abandonou as perspectivas de uma carreira desportiva e escolheu Serviço Social, na Universidade de Coimbra, por ter como vontade prima ser útil.

Chegou a Coimbra com uma ideia romantizada da cidade dos estudantes. Rapidamente se enjoou do fado, até porque “as mulheres não podem cantar”, e a realidade associativa das lutas estudantis desanimou-a. “Esperava mais fé na luta, mais união, mais curiosidade, mais consciência”. Encontrou o medo, “um medo endémico”, que borrata o postal de uma Coimbra “refém da sua condição histórica”, presa ao saudosismo, sem conseguir construir um presente.

Sara foi construindo o seu, mesmo que contagiada com parte do medo. Cortou o cordão umbilical que mantinha com os seus pais e iniciou um processo de mudança - cada vez a precisar de menos magnésio nas mãos.

No seu primeiro ano em Coimbra, mesmo com bolsa atribuída, ia aos fins de semana a casa, para trabalhar no café do tio, de manhã à noite. No final do ano fez uma opção: “ou vou todos os fins de semana trabalhar e estudo e ganho algum dinheiro, mas no

final só conheço o curso e o trabalho, ou então, se calhar, ganho menos dinheiro e tenho uma vida mais remediada, mas faço outras coisas”.

Envolveu-se em tudo o que pôde no seu percurso académico. Fez voluntariado num lar de idosos, e reparou nas pessoas abandonadas, no meio do “cheiro a fisioterapia, a comida do lar”. Integrou uma investigação do Centro de Estudos Sociais sobre a desinstitucionalização da doença mental em Portugal e aí voltaram a pairar as inseguranças. Entrou no coro do Orfeon, depois de tantos anos a assobiar cantigas que a mãe lhe pedia em casa. Durante dois anos, integrou o Conselho Pedagógico da sua faculdade e os órgãos do Núcleo de Estudantes de Psicologia, Ciências da Educação e Serviço Social. Já nos últimos anos, esteve presente na construção de duas associações, uma sobre a reconstrução de comunidades, outra com o objectivo de criar uma escola alternativa, e também é membro do Observatório da Cidadania e Intervenção Social.

Não conseguia estar parada, nem recusar projectos para os quais era convidada. Envolveu-se com a cidade, quis vivê-la e ao mesmo tempo desfazer-se dos medos – de lutar, de participar, de decidir, de dar a sua opinião.

Em Outubro de 2010, pela primeira vez, surgiram as dificuldades no seu percurso pelo ensino superior. Os pais estavam separados e Sara não queria preocupar a mãe, doente, sozinha e desempregada. Trazia frangos e ovos de casa, às vezes uma nota de 20 euros da avó. Mas, sem rendimentos e com uma bolsa que demorava a chegar, a despensa ficava vazia e a cabeça também se inquietava. Nas suas prateleiras da residência de estudantes tinha umas saquetas de chá, lentilhas e uns pães secos. Encontrava-se agoniada, não tanto pela fome, mas por querer fazer tanta coisa, querer dar tanta coisa... e estava ali, presa à imagem da sua despensa. Enviou um mail, às 4 da manhã do dia 21 de Outubro, aos serviços sociais da universidade e outro ao Banco Alimentar.

*“Boa noite,*

*Sou estudante da Universidade de Coimbra e neste momento ainda estou à espera de receber a minha bolsa de estudos dos SASUC. Já pedi um adiantamento, mas que “tão cedo”, segundo os mesmos serviços, não será disponibilizado. Estou a ter muita dificuldade em alimentar-me convenientemente.*

*Seria possível receber algum tipo de apoio da vossa parte?”*

Por parte do gabinete dos SASUC, esperou uma semana por uma resposta. “Disseram-me para mandar um requerimento para não sei quem. Não disseram: venha cá e damos-lhe umas batatas. Não. Faça o requerimento e pronto”.

Acabou por receber a bolsa, mas, em Março de 2011, voltou a deixar de a receber, sem justificação nem aviso.

Dirigiu-se aos SASUC para tentar perceber o que tinha acontecido. A assistente social apercebeu-se de uma falha na candidatura à bolsa – foi-lhe retirada a bolsa por pensarem que o curso da Sara era de 3 anos, quando na verdade era de 3 anos e meio.

-O que faço agora?, perguntou à assistente.

Não obteve resposta e, entretanto, “precisava de comer”.

Escreveu um requerimento (mais um) a pedir apoio de emergência, em que “muito respeitosamente” solicitava aquilo a que tinha direito, num latim de um formulário tipo, distante, frio.

Sara enervava-se de fazer sempre aquele caminho pelos serviços sociais - o contínuo provar de que estava mal. Insistir e persistir para receber algo que mais parecia ajuda caritativa do que um direito.

-Pergunte à senhora directora se quer fotografias para pôr em anexo da minha despesa vazia ou das minhas costelas.

A estudante de Serviço Social a olhar para uma instituição que apenas sobrevive, que “já não ouve os estudantes”, estudantes esses cada vez mais imersos na lógica perigosa de “já tenho e já é muito”. “Pode estar alguém a morrer que os assistentes não sabem porque só fazem trabalho administrativo”.

E revolta-se. As incoerências revoltam-na. Sara estuda e envolve-se em projectos para lutar por uma vida melhor para os outros, mas, depois, ela própria se aprisiona, numa condição da qual tem medo de não conseguir sair. Fica cansada, por vezes nem consegue tentar - pelo medo (mais uma vez, o medo) de se desiludir... e tudo é energia, e tudo é força que se some e se esvai, seja na residência às 4 da manhã a mandar um email, seja nos requerimentos constantes e infundáveis aos serviços de acção social a fazer “prova de honestidade” da sua situação.

Nesse ano de 2010/2011 ainda recebia 350 euros de bolsa mensal, mas esteve para desistir. Não conseguia trabalhar. Estava, mais uma vez, de pensamento moído, bloqueado por aquilo que lhe passava “na cabeça, dentro do corpo, em todo o lado”, a estudar serviço social, quando aquele que recebia lhe parecia tão defeituoso, tão longe da teoria, dos trabalhos, da matéria para os exames, das aulas.

No ano seguinte, o 2º ano de mestrado, o pai e a mãe voltam a juntar-se e Sara vê um corte de 160 euros na bolsa. Foi-lhe atribuída uma bolsa de estudos de 190 euros mensais. Fez uma oposição ao resultado:

*“Eu, Sara Alexandra Ramos Rocha, venho por este meio declarar oposição ao resultado apresentado da minha candidatura a bolsa de estudos. Com a bolsa que me foi atribuída no valor de 189,95 euros mensais, apenas fica totalmente garantido o pagamento das propinas, já que este ano o valor da renda do quarto em que estou alojada aumentou para 100€.*

*Ainda terei de prover 100,50 euros para completar o pagamento dos 10 meses de renda. Deste modo, as despesas com alimentação, deslocações e material escolar não estão cobertas.*

*Embora actualmente o meu pai integre o agregado familiar, o rendimento actual continua a ser muito baixo.*

*Como poderão constatar junto do meu processo nos SASUC, a minha mãe apresenta problemas de saúde crónicos que implicam a realização quase diária de fisioterapia. Acontece que o custo do transporte só é pago até ao fim deste mês e, devido aos cortes orçamentais nos serviços de saúde, a partir do próximo mês terá de ser a ela a pagar cerca de 60 euros mensais.*

*Tendo em conta a situação financeira já precária dos meus pais e a fragilidade psíquica da minha mãe (porque está desempregada), neste momento não posso contar com eles financeiramente. Actualmente, a minha permanência na Universidade só é possível graças a pequenos empréstimos que pessoas amigas me têm facultado mas que terei de devolver.*

*A minha situação é muito precária e instável e, em tais condições, torna-se muito difícil conseguir realizar com serenidade e concentração as minhas responsabilidades académicas e os compromissos extra-curriculares em que me fui envolvendo ao longo do meu percurso em Coimbra”.*

Face à oposição, recebeu mais 30 euros de bolsa. Ficou com 100 para as propinas, 100 para o quarto, na residência, e 20 “para tudo o resto”. Teve que se desenrascar sozinha. Não só porque os pais pouco podiam ajudar, mas pela necessidade que teve de demonstrar que é merecedora de estar em Coimbra, e capaz de acabar um mestrado.

E, ao mesmo tempo que se agarra a desenraskes, vai a assembleias magnas. Sara recorda-se de um dia ter subido ao palanque e, no meio de discursos feitos de demagogia e missivas partidárias, Sara pôs o medo de lado e fez-se ouvir:

*“Se há 30 anos os nossos pais e avós lutaram pela liberdade e contra a ditadura...(e ouvi logo: pronto, esta aqui deve ser de esquerda), se eles lutaram, nós agora temos que nos libertar destes condicionamentos que nós temos. Nós temos medo de tudo. Nós temos medo de assumir que temos o direito. Nós não temos que pedir nada!”*



As dificuldades nesse ano de 2011/2012 agravaram-se, sem um sistema que lhe respondesse, que se interessasse pela sua situação. Quando participava, quando exigia os seus direitos, nem sempre Sara via uma resposta. “Tens todos os instrumentos democraticamente definidos para participar no sistema, e vais e escreves e dás a tua opinião, mas o sistema não te responde”.

E Sara, sem dinheiro, sem respostas, bloqueou. Em tudo é preciso dinheiro e disponibilidade. Não conseguiu acabar a tese. O sufoco não a deixava pensar, voltando aos pensamentos de desistência, um estado tenso, em que ao olhar para o trabalho se questionava, mais uma vez, como poderia ajudar os outros, se nem para ela era capaz...

Adiou a tese. Em 2012/2013 não teve direito a bolsa, por não cumprir as novas regras de atribuição que prevêem um aproveitamento superior a 60% dos créditos no ano anterior. Saiu da residência e ficou em casa de uma amiga, a dormir no chão da biblioteca. Em contrapartida, arrumava a casa, tomava conta dos dois filhos da colega e cozinhava.

Procurava trabalho, mas não encontrava. Os pais pouco podiam ajudar e, depois de Sara ver o seu pedido de bolsa rejeitado, os SASUC respondiam numa mensagem automática, impessoal, feita em série:

“Face ao exposto, de acordo com o previsto é indeferido o requerimento de atribuição de bolsa de estudo para o ano lectivo de 2012/2013 apresentado por V. Exa., pelo(s) seguinte(s) motivo(s): Sem aproveitamento escolar no último ano lectivo”.

Voltou a fazer oposição ao resultado. Relembrou o Reitor e a Direcção-Geral do Ensino Superior (DGES) dos artigos 73º e 74º da Constituição da República Portuguesa, que prevêem o garante de condições de acesso à Educação, superando-se as desigualdades sociais e promovendo a igualdade de oportunidades. “Aguardo a sua melhor atenção ao meu requerimento”. Nunca a recebeu. Nem por parte do reitor nem por parte da DGES.

A ansiedade e a impotência tomavam conta de Sara. E o dinheiro, mesmo que coisa má aos seus olhos, conseguia alterar a sua disposição. Quando a mãe lhe depositava 20 euros, sentia-se logo capaz, activa, a planear os dias, a querer fazer coisas. Mas rapidamente o dinheiro se sumia, e Sara andava neste baloiço enganador, adulterado, de muitos mais baixos que altos. E a tese? A tese ficava para trás, num eterno adiamento, enquanto se absorvia em pensamentos de desistência, num turbilhão nervoso, aflito.

As dívidas acumulavam-se e Sara apontava-as num papel laranja. “O Bruno são 300 euros... mais 60 da Carla, depois tenho aqui dois amigos que me pagaram mais umas

coisas, ainda estou a dever sete euros à Dona Lurdes, do centro de fotocópias, e depois o meu padrinho que me pagou as propinas...”. 2500 euros, no total.

Como pensar? Como escrever? Como se libertar? Num domingo de 2013, Sara olhou para o computador. Queria escrever a tese e não lhe saía nada. Sabia que era capaz, mas não saía nada. Não saía. Teve um ataque de choro, que gerir uma luta não é fácil. “Só depende de mim e eu não sou capaz”.

Sem bolsa, sem dinheiro, sente-se “completamente esmagada”, no meio de uma sociedade que lhe pede coisas, em que “tudo tem que ser rápido e bom”. “Sempre na labuta, na labuta, na labuta, a lutar pela sobrevivência”.

O plano é fazer a tese, mas viver “em constante postura de resistência tem um preço”. A boa disposição, o tempo e a energia dissipam-se. Numa das últimas entrevistas, Sara chegou a pensar em não estar presente. “Desde a última vez que não avancei muito mais no meu trabalho e sinto que me estão a vencer de alguma forma”. Custa-lhe cada vez mais falar da sua situação. Ganha vergonha, a postura desgasta-a cada vez mais, numa identidade que se começa a resumir ao acto de resistir. “Escrevo um bocado e fico com dores de cabeça, sinto-me perdida, fico confusa e desisto”.

Em 2013, apenas sabe que metade do montante das propinas será garantido pelo Instituto Justiça e Paz. Mas só quer pensar em propinas no final do ano, até lá há que focar toda a atenção na tese e ter o mínimo para comer.

“É um veneno, uma traição muito grande. Crescemos a ouvir este discurso de que temos que sonhar e fazer coisas, salvar o mundo, ser empreendedores, e que no fundo temos direitos porque somos todos iguais, mas no dia-a-dia sinto que isso não é assim”.

A rede de apoios tem “buracos”, e Sara já caiu neles e não sabe como sair da espiral, da constante sobrevivência a que viu os seus pais sempre remetidos.

Por vezes, a raiva também desponta, mas Sara, no meio do redemoinho, continua a acreditar na humanidade, confia que construiremos sempre algo melhor. “Se não houver confiança, nada é possível. Se não confiasse nas pessoas não estaria aqui”.

Quer simplesmente acabar a tese. Pôr um ponto final e deixar de precisar de magnésio nas mãos.

Mas, enquanto desenha planos, relembra-se de que tudo é muito difícil, incerto e temporário, a calma esvai-se, e há momentos em que só queria dizer um foda-se e ir trabalhar, ganhar dinheiro e ter a sua vida, em vez de exigir aquilo a que tem direito,

em serviços de acção social em que tudo tem que ser justificado, tudo desgasta, tudo atrasa, tudo precisa de um requerimento, tudo... até “rebentar”.

Sara cresceu no meio de um contexto “em que não vales muito. És carne para canhão”. Convive com essa sombra, com o medo de se rever um dia na constante sobrevivência dos pais. Quer fugir a isso. Mas, ao mesmo tempo que faz escolhas, tem de comer, e, entre incertezas, Sara lança-se numa grande confiança: “Terei sempre uma escolha. Eu sou livre. Posso ter a minha autonomia reduzida, mas sou livre”.

Contudo, a falta de autonomia parece que a incapacita, que a deixa amarrada, numa agonia constante, tensa, movida por uma ansiedade que não a deixa respirar, sentar-se e escrever a maldita tese.

A tese continua por acabar, Sara resiste, insiste, mas até quando a perda de autonomia há-de vencer a sua certeza em ser livre? “Por vezes apenas queria pôr dois dedos na goela e deitar tudo para fora”.

Há um último salto a dar e Sara, já com tão pouco magnésio nas mãos, continua a ter medo de voltar a falhar.

## **Narrativas incompletas II**

Joaquim não se adiantou muito. Talvez porque lhe custe. Ainda estava a quente quando lhe falei. Há 2 meses que tinha ficado desempregado. “Já se estava à espera, não havia encomendas”. Agora já não há cristalarias na Marinha Grande. Joaquim não quis falar mais do que a primeira breve entrevista, à beira da estrada, reticente e desconfiado, pouco dado a grandes falas. A monotonia toma-lhe conta dos dias. Dar um passeio, beber a bica, tratar do almoço, ver o tempo a passar. “Acho que já disse tudo o que tinha a dizer”. Despacha-me e lá volta aos seus dias. Dar um passeio, beber a bica, tratar do almoço, ver o tempo a passar.

Horácio segura-se na fé que tem, evangélico devoto. Da Bíblia, retira um salmo: “Maldito o homem que confia no homem”. Votou PS, desiludiu-se com Sócrates. Votou CDS, desiludiu-se com Paulo Portas. “Maldito o homem que confia no homem”. O homem destrói, diz ele. Mas Horácio não se prende com isso, nem com as insolvências, a familiar e a da empresa. Apesar de um olhar algo abatido, agarra-se à despreocupação, talvez seja o que lhe resta. E defende-se nesse dia a dia, no “lá se vai vendo o que aparece”. “A inquietação só cria doenças”, diz.

António, desempregado há quatro anos, caminha meio apressado, como se tivesse algum encontro marcado. De vez em quando, desacelera o passo, e, no seu rosto de ar sofrido e de olhos baixos como se se tivessem esquecido de sorrir, deixa um ar de alheamento total, vago, sem direcção. Solta umas espreitadelas comedidas para as montras e volta ao passo apressado, escolhe caminhos, olha para o horizonte, para os lados, mas nunca para trás, num passo decisivo, levado para onde o leva a cabeça. Se não fossem os passeios, explodia da cabeça, desabafa.

**o desemprego de longa duração**

## **Um horizonte interrompido**

*Na Guarda, metade dos desempregados são de longa duração. Nota-se nas lojas fechadas, nas fábricas que foram encerrando, em centros comerciais que vão ficando vazios. Carlos e Ana já desistiram de procurar trabalho... foram muitas respostas negativas, muitos anos a levar com elas. Fernando, aos 50, sente que a sua idade é um empecilho. Piedade e Anabela são mães a*

*tentar encontrar esperanças de uma vida melhor, para elas e para os filhos. São todos da Guarda e nenhum tem emprego, há mais de dois anos. Em terras onde o horizonte se interrompe por colinas de granito, outros horizontes se suspendem, longe de qualquer razão geográfica.*

## **À espera**

*Carlos tem 48 anos e Ana 50. Estão os dois desempregados. Carlos há mais de quatro, Ana já nem sabe se são cinco ou seis os anos no desemprego. Vivem em Gonçalo, perto da Guarda, numa pequena casa, rodeada de gatos, que por lá cirandam a ver o dia em que lhes dão comida. Dentro da casa vê-se uma bíblia, uns santos e a televisão, que é raro estar ligada. Sem trabalho, o casal agarrou-se à terra e a um ou outro biscate que vai surgindo, cada vez mais rareados.*

*Carlos e Ana são de expressões e de modos simples, num sotaque que lhes denuncia a origem beirã. Inspiram e expiram, perguntam por vezes onde está Deus, o mesmo a quem rezam, e lá se fazem à terra, o sustento, a sobrevivência plantada nos quintais dos pais, e o emprego nem vê-lo. Até já se desiste de procurar. São muitos anos à procura e a monotonia das respostas faz com que se vá hasteando uma bandeira branca.*

Ana: Estamos casados há 29 anos.

Carlos: Ela até traz a aliança, eu nem a trago. Conheci-a foi com 18.

Ana: Foi nos bailaricos, num baile em Belmonte.

Carlos: Fui eu que pedi para dançar, como manda a regra. Ela tinha ido com o irmão até lá e conhecemo-nos. Sempre que havia baile, telefonava-me logo a dizer “vem cá ter”. Ao fim de 2 anos de casados tivemos a filha.

Ana: A Patrícia Alexandra.

*Hoje a filha já é mulher adulta, mas não são só as idades que mudam.*

Carlos: Naquela altura havia trabalho. Saía de um e ia para o outro e havia sempre trabalho. E quando não havia trabalho apareciam uns biscates e tudo para fazer, e agora não aparece mesmo nada, nem biscates. Isto está tudo morto, já me fartei de andar por aí.... Mas nada.

Ana: Eu estive na Delphi, até que tive que ir de baixa. Depois quando aquilo já estava para fechar, mandaram-me uma carta, caso eu quisesse ir trabalhar para onde eles tinham empresas, e teria o meu lugar garantido. Perguntaram-me se estava de acordo de ir para o desemprego, e eu disse que não me importava, e na altura até podia continuar de baixa, porque tinha baixa sem termo, disse que sim, feita estúpida. Enganaram-me. Na altura até se calhar podia ter arranjado reforma. Só que a gente não está dentro destas coisas... Achamos que são todos honestos.

Carlos: É assim.

*Diz e encolhe os ombros. As expressões de renúncia somam-se e os ombros encolhidos andam de mãos dadas com elas.*

Carlos: Agora acabou-se o meu subsídio de desemprego, em Janeiro de 2013. Tive subsídio três anos. Eu trabalhei sempre nas obras, também já estive numa empresa de matas e estive numa de recolha de lixo, cá na Guarda.

*Falam de hoje, dos tempos difíceis, da dureza de não ter trabalho, que os leva para a dureza de um passado a trabalhar como uma forma legítima de poderem contestar.*

Ana: Eu comecei a trabalhar em casa, para os meus pais, trabalhava nos cestos e andei a aprender a costura, só que a costura andei a aprender dos 11 aos 13 e não ganhava nada.

Carlos: Tinha uns 10 ou 11 anos quando comecei. Eu, com 9 anos, punha vigas de 5 metros de comprido no telhado da casa dos meus pais. Naquela altura tinha que ser. Perdi o meu pai aos 15 anos. Tive que me assumir como chefe da família. Era só eu. Tinha que ajudar a minha mãe. Fui trabalhar com um primo meu, nas obras. Se ele fosse vivo ainda era meu patrão.

No dia em que faleceu ia começar uma obra. Teve um acidente e ficou logo. Cabeça: metade para um lado, metade para o outro. Esse é que era... nunca tive um patrão como aquele.

*Sorri e recorda-se de outro dia santo que não o domingo:*

Ao sábado, acabávamos, íamos a uma tasquinha aqui na terra, a mulher fazia as contas, e as contas nunca falhavam... aquilo era certinho. Pagava uns copos para a malta e íamos lá a casa.

Ana: Eu estive a trabalhar numas confecções e depois fui para Belmonte, noutra fábrica, uns 3 anos. Mas também para pagar, aquilo era complicado.

Carlos: Nunca mais lhe pagavam e ainda me atacaram lá, com o cão... Não lhe davam subsídio nem nada. Vieram lá com um cão grande à porta, e eu eh lá... e não lhe pagaram.

*Apresentaram queixa que deu em nada. Encolheram os ombros, como hoje, e seguiram em frente.*

Ana: Saí e fui para a DELPHI. Depois meti baixa e fui de baixa, e depois a minha burrice foi ter aceitado aquelas condições.

*E agora não há como seguir em frente, dizem, entre encolhas.*

Nós agora até podíamos ir para o pé da minha filha, no Porto, que ele lá se calhar arranjava trabalho, mas os nossos pais precisam de nós, é impossível sairmos daqui. Agora está numa fase em que estão a precisar, porque são quase umas crianças... Ainda agora estive um mês em casa da minha filha e o meu marido não foi porque tinha que andar a ajudar os meus pais e a minha sogra.

Carlos: É impossível estarem ali sozinhos... E depois entra as sementeiras e tem que se tratar das terras. Porque se a gente não tratar a terra não temos onde pagar aquilo que de lá colhemos. Se não ajudarmos como é que eles vão cultivar? Tiveram que deixar os porcos, todos os anos tínhamos a matação, que era uma coisa farta, mas agora já não, que eles não podem...

*E do passado, retoma-se para o discurso do presente, do farto para o escasso, como um baloiço constante das suas narrativas:*

Ana: O rendimento mínimo é muito pouco... talvez vamos ganhar 200 e pouco e estávamos a ganhar 418. Eu não estava a ganhar nada. Acabou o subsídio e pronto. Acabou. Depois tive direito ao RSI, mas quando ele foi trabalhar um mês na cereja cortaram-nos 3 meses, e só lá andou 15 dias porque apanhou uma doença nas unhas.

Carlos: Saía de casa às 5 da manhã, pegávamos às 7, saíamos às 3 ou 4 da tarde. Primeiro eram 30 e depois reduziram para 25 euros ao dia. É muito complicado...

Ana: Pagamos renda: 90 euros. Água, luz e gás...

Carlos: Isto os 200 euros vão logo e depois?

Ana: Está tudo a subir... Não dá...

*Carlos faz um estalido com a boca e encolhe novamente os ombros, Ana imita no gesto.*

Carlos: Ainda assim temos o chafariz perto e vamos lá buscar água. Temos que poupar... se não... Só dá para pagar as contas.

Ana: Usamos o terreno da mãe dele e semeamos lá batatas, cebolas, hortaliça. É o que nos vale, e, às vezes, também a Cruz Vermelha dar-nos alguma coisa, porque depois era impossível. E depois ainda tenho os medicamentos para a tensão, para a cabeça, para o estômago... Gasto mais de 30 euros por mês em medicamentos. Não é fácil.

*Ana abre bem os olhos, com os lábios puxados ao canto direito da boca, em conformação.*

Carlos: Se não fosse a terra não tínhamos como comer. Couves, tomates, alface, pimento, courgette, há sempre fartura, graças a deus, batatas não é o que me preocupe.

Ana: Isto está muito complicado...

*Diz muitas e várias vezes. A constatação das suas vidas: "isto está muito complicado", como um tom que se mantém, uma repetição, que lhes parece permanente, como os dias, todos eles complicados.*

Ana: Se ele ainda arranjasse trabalho... Mas não há nada.

Carlos: Cá em Gonçalo, só há dois que dão trabalho, mas os que têm empregados aguentam-nos e pagam-lhes mal. Andava aí à procura. Farto-me de perguntar... E dizem: "olhe, já me custa manter todos os que cá tenho". Fui a um lagar perguntar ao Jorge, "não me arranjas cá nada?", "Ainda a semana passada tive que despedir um..."

Ana: Isto está muito difícil.

*Os ombros voltam a cair, a boca em jeito resignado, as sobrancelhas franzidas, num assumir da desistência, da bandeira branca hasteada:*



Carlos: Já desisti de procurar trabalho. Oh então... Até já tenho vergonha de andar aí a pedir trabalho, pensam que sou um vadio que anda por aí... a deambular... Ainda agora, tenho um saco de batatas para semear e teve que ser o meu sogro a pagar o saco de batatas para semear...

E é eu saber fazer as coisas... porque há aí muito que não sabe pegar numa enxada. Mas não chega.

Ana: Pedimos ajuda à Cruz Vermelha há uns 5 anos pela primeira vez. Decidimos com muito custo e vergonha. E fui lá agora em Janeiro, a gente é vergonha. Custa muito...

Carlos: Trabalhámos sempre.

*Explica e volta a explicar, como necessidade de mostrar que são merecedores da ajuda.*

Ana: Eu trabalhei na Delphi e fazia o meu e ajudava o dos outros. Se aquilo não fechasse, ainda lá estava hoje. Nunca tive problemas nenhuns. Na altura para escolherem as pessoas, eu fiquei para último. Porque era muito forte na altura. Cheguei lá e o rapaz disse-me: “ou, então trouxe essa senhora para quê? Vai toda a gente para as couves!”. Então, pedi ao rapaz para me explicar como fazer uns cabos para eu ver e não me enganar. Dali a um bocado já perguntava: “quereis mais ou quereis menos?” e o rapaz lá disse: “poça, dona Ana, veio para aqui uma bolinha mas não damos vencimento à bolinha”.

*Ana sorri, mas os sorrisos vão sendo momentâneos:*

Carlos: Agora nada... pode ser que os dias melhorem, mas nem os cestos nos valem, aqui em Gonçalo.

Ana: Não se vê ninguém... É um deserto. Não há trabalho, não há nada.

Carlos: Só há cursos. Há uns tempos fomos tirar um curso de venenos e herbicidas.

Ana: Era para recebermos e ainda nada.

Carlos: Andámos a fazer um em Valhelhas e recebemo-lo logo.

Ana: O de Valhelhas era inglês e turismo rural.

Carlos: Pescar palavras de inglês? Acha que sim? Acha que a gente aprende alguma coisa ali? Foram 25 horas.

Ana: O rapaz até explicava bem.

Carlos: “Goodmorn”, quando lá chegávamos, em vez do bom dia. Ficou-me essa. “Une” é um, não é?

*Pergunta sem grandes certezas de estar a pronunciar bem ou se será mesmo assim a palavra.*

Ana: Temos isso tudo escrito aí, mas passa-se tempos e tempos e aquilo era só para ganhar algum. Eu já fiz três cursos e ele quatro.

Carlos: Eu, de cursos, fiz um de jardinagem e o outro era de perigos de obras, higiene e segurança em trabalho.

Ana: Eu também fiz esse e fiz jogos e brinquedos tradicionais, e depois venenos e turismo. Agora o que é que faço com isto? Com estes cursos?

*Pergunta-se, com as mãos abertas, como que a rezar o Pai Nosso, ciente da inutilidade dos cursos mas ao mesmo tempo à espera de um qualquer milagre do Espírito Santo.*

Carlos: É saudades do trabalho... A gente saía de casa e convivia. Apesar de ter que trabalhar, e apesar de dias que custam mais, mas a gente... tenho saudades disso.

Ana: Tenho saudades das colegas que deixei na DELPHI.

Carlos: E nós nunca tivemos luxos, tirando os bailaricos lá na terra, mas nem era sempre. Só quando era a festa em Setembro.

Ana: A gente podia vestir melhor e agora é só o indispensável. Não compramos roupa. Vou fazendo roupa. E ele veste com o que lhe dão.

Carlos: Cortamos na alimentação, em carnes e nessas coisas, bacalhau e assim. Sopa é sempre. Até de manhã é sopa, nem café nem nada. Faço eu a sopa se for preciso, não tenho medo de cozinhar. E depois comemos umas batatas e umas massas ou um arroz, às vezes com carne outras vezes sem ela, outras com um ovo cozido. Não passamos fome.

Ana: Mas comemos muito menos carne, e peixe é muito raro. É impossível pagar peixe. Agora em Janeiro, dia 11, vieram 200 e poucos euros... É complicado...

*Ana suspira.*

Carlos: Nota-se muito a diferença. De que maneira!

*O único momento de assumida agressividade é quando falam de políticos. Há rancor, num discurso perigoso que não distingue a classe política, que coloca todos no mesmo barco.*

Carlos: Oh, o estado, o estado, têm lá para eles...

Ana: Eu acho que os políticos viraram-nos as costas. Eles recebem-no bem e o desgraçado tem que se governar com 200 euros...

Carlos: Para eles não é nada, que recebem aos 500 contos e têm ajudas para transporte e nós não temos nada.

Ana: Ele se for preciso vem à boleia, mas eu já não, que me envergonho de vir à boleia.

Carlos: Tem que ser que não há nada, nada, nadinha. Falei com um colega meu aqui debaixo, e tudo, e disse-lhe “então não arranjas alguma coisa?”. Nada. Ninguém arranja nada. Está difícil. Pronto, vamo-nos entretendo com a terra, o que é que a gente há-de fazer? A ver se aparece mais alguma coisa.

*E os olhos de Carlos, de pestanas compridas, abrem-se para a incerteza.*

Ana: E o que fica para água e luz? E remédios? Gastamos mais de 40 euros por mês. Agora há receitas de medicamentos para tensão e estômago e cabeça, que andava muito alterada, e não vou levantar, sabe Deus quando vou levantar, só começo a tomá-los quando tiver o dinheiro. E não são todos. Só tomo o principal, porque o resto que o médico me mandou tomar não há dinheiro para os comprar.

Carlos: A saúde tem que ficar em segundo lugar, que eu não gosto de ficar a dever nada a ninguém, porque temos que pagar a renda, e a renda em primeiro, que uma pessoa tem que ter onde se meter.

Ana: A garrafa de gás já vai para dois meses. Só usamos a botija do gás para tomar banho, e, mesmo assim, poupamos a água, porque temos uma panela ao lume, que se deixa a água aquecida para o comer e fica a água aquecida e enche-se logo. Para a casa de banho vou buscar um balde e um cântaro de água à fonte.

Carlos: Se fossemos a gastar muito dinheiro na água, estávamos tramados.

Ana: Até a minha filha me ajuda. Deu-me a televisão, deu-me o frigorífico, quando fizemos 25 anos de casados, o computador que está aí foi ela, e uso o computador. Eu gosto para jogos e é um entretém, mas não posso estar lá muito tempo porque gasta luz.

Carlos: A televisão é só para ela.

Ana: Vê-se a novela, vejo as da TVI.

Carlos: Eu a televisão que vejo é ao domingo, um bocadinho, deito-me no sofá e vejo o “Somos Portugueses” e mais nada. Não ligo cá nada a isso. Quando joga o Benfica vejo os jogos de futebol, ou se for com uma equipa portuguesa com estrangeiras ainda vou vendo, mas não ligo muito a isso.

Ana: Faço renda, às vezes vou ajudar ele, buscar uns pauzinhos de lenha. Há sempre que fazer.

Carlos: O que queria é que não há. Há uns tempos tinha aí biscatada, às vezes nem sabia para onde me havia de virar. Chegavam aí, olha amanhã queres vir ali, e hoje para acolá...

*Antes, noutros tempos, há uns tempos, antigamente...*

Ana: Antigamente havia-os aí com o “já nem posso mais”, de tanto trabalho que tinham, e agora?

Carlos: A zona do Fundão também está igual, isto aqui é tudo... Está tudo mal, até em Belmonte está mau.

*Inspiram e expiram.*

Carlos: Isto é o carago.

*Inspiram e expiram.*

Ana: Cada vez fazemos mais poupança. Quando chega a escuridão, deixa-se só a televisão, até às 10, 10 e pouco e depois cama, que uma pessoa não pode ver tudo. Éramos mais felizes antes. Quem diz que o dinheiro não traz felicidade não sabe o que diz.

Carlos: É porque não passou as passas do Algarve.

Ana: Tem dias que nem sei para o que dá. Uma pessoa desanima. Pedimos até ajuda ao senhor padre. Trouxe muita roupa e perguntou o que se passava. Ofereceu-me esta bíblia.

*Apona para ela, perto dos santos de porcelana que decoram a sala.*

O padre disse que estava tudo mal, que as coisas estão más e para termos fé... E pode ser que arranjasse alguma coisa.

*Mas a fé não alimenta e, entre encolhos, há também revolta:*

Carlos: Fé temos nós! O que é que ele há-de arranjar? Não arranja nada. A fé não chega.

Ana: Ajuda muito uma pessoa rezando, ando mais calma desde que leio a bíblia.

Carlos: Ela todos os dias lê um bocadinho. Eu abro ao calha.

Ana: Eu rezo todos os dias ao São José, Nossa Senhora e ao Pai do Céu. “Pai Nosso pequenino, quando Deus era menino, Pai Nosso pequenino, tem chaves no paraíso, quem lhas deu que não lhas dera, foi Santa Madalena, cruzei monte cruzei fonte, não quando o diabo comigo se encontre, nem de noite nem de dia, nem à hora do meio-dia, já os anjos cantam, já os galos se alevantam, já o senhor subiu à cruz, para sempre, Ámen Jesus”.

Carlos: Já me perguntei, já tem acontecido a perguntar: “onde está Deus aqui?” Arre porra, tanta gente feliz, deus ajuda tanta gente e a nós não.

Ana: Muitas vezes revolto-me comigo própria.

Carlos: Às vezes não posso é dizer nada a ela. Tenho que me calar e pronto.

Ana: Mas estamos unidos. Não é isto que nos afecta. Não há culpa nem dele nem minha.

*Enquanto Ana fala, surge um gato, à beira da porta.*

Ana: Este gato é o Chico. São oito gatos que andam aí, perto da casa. Alguns têm nome, outros não. Este é o mais coiso. As gatas parem para aí e depois vêm aqui parar.

Carlos: Hoje ainda não comeram nada. Não temos nada para lhes dar de comer. Quando não há, não comem. Quando sobra, damos. Têm que apanhar ratos e pássaros, que remédio têm eles. E os vizinhos também dão. Quando não se dá, paciência, têm que se desenrascar. Mas nós temos pena deles...

Ana: Os gatos ainda nos vão dando alegrias. Sempre gostei dos animais.

Carlos: Os gatos, a novela, o Benfica, é o que nos vai alegrando. O que é que uma pessoa vai fazer? Andar aí pelas paredes a chorar?

## **Aos cinquenta, Fernando já não presta**

Fernando ciranda pelas ruas da Guarda. Nas mãos, leva uns papelinhos que distribui e cola em mercearias, cafés e lojas. O papel tem o seu número de telemóvel e diz que está disponível para qualquer “biscatezinho”, desde arranjar torneiras, arrumar lenha, pintar, mudar uma fechadura... Ligaram-lhe passado um tempo, mas não foi dessa que Fernando arranjou um biscate. Outro como ele leu “o papel ao contrário” e perguntou-lhe se precisava de obras em casa.

Teve essa ideia do anúncio quando estava um dia na varanda, a fumar um cigarro de enrolar, desanuviando a cabeça, quando ouviu uma conversa de duas senhoras a passear os cães. Uma delas tinha oferecido 20 euros a um homem para lhe arrumar a lenha, o qual recusou. “Mas porquê? Tomara eu que me aparecesse diariamente alguém para me pagar para arrumar lenha ou fazer outra coisa qualquer”.

Fernando tenta, mas desde 2006 que está desempregado e, a cada dia que passa, parece-lhe mais difícil encontrar o tal biscate, para não falar de emprego. Já são muitos anos na fila de espera.

Fernando é pai de dois filhos, a mais velha já fora de casa. Até 2006, nunca teve problemas financeiros e raros foram os tempos em que esteve parado. Começou a trabalhar muito novo, em Gouveia, nas resinas, nos lanifícios, no campo, a ordenhar ovelhas, na cerâmica, nas palhas. Fez de tudo quando era cachopo. Depois da tropa, mudou-se para Aveiro, onde trabalhou numa pastelaria, num restaurante e no ramo dos lacticínios. Viu-se pela primeira vez desempregado, com 23 anos. Voltou para a casa dos pais, mas por pouco tempo. Passado um mês foi a uma cervejaria, no centro da Guarda, responder a um anúncio para empregado de mesa. “Falei com o patrão, combinámos as coisas e lá fiquei 15 anos”.

Ganhou o gosto de servir os clientes, de passo rápido entre as mesas, a meter conversa sobre o tempo, sobre a política, sobre o futebol, em que espicaçava o seu fraquinho pelo Boavista.

Afável e de sorriso fácil, Fernando vendia o que queria aos clientes, muitos deles que iam lá comer, religiosamente, o famoso bitoque da cervejaria, com o molho que ainda hoje não consegue fazer igual. Lembra-se de gente da Covilhã ligar a meio do caminho para reservar mesa. Lembra-se de muita coisa, de tempos bons e menos bons, como quando abriu a IP5 e os camiões deixaram de passar pela Guarda, obrigando-o a dividir o ano entre a terra egitaniense e a Suíça, também na hotelaria.

Um colega da cervejaria, num regresso da Suíça, desafiou-o a abrir um café. O patrão, que era uma espécie de segundo pai para Fernando, disse-lhes para ficarem com a casa.

Aceitaram e abriram negócio. Esteve três anos com o outro colega e a cozinheira, à sociedade. Mas deu para o torto. “Comecei a ver que as coisas não estavam bem”. Fernando suspeitava de desvios de dinheiro do colega que estava responsável pela contabilidade. Alertou a cozinheira, mas, sendo ela madrinha de casamento do outro sócio, não acreditou. Ao fim dos três, anos saiu. Hoje, a cozinheira dá-lhe razão. A cervejaria acabou entregue ao antigo patrão e entretanto já foi trespasada.

Depois de 15 anos a labutar na cervejaria, decidiu, em 2000, tentar o seu próprio negócio. Concorreu à exploração do bar do Hospital da Guarda.

Ganhou o concurso e, durante três anos, não tirou uma folga ou um fim-de-semana, apenas fechou no dia em que o seu pai morreu. Mas diz que todos esses dias sem descanso compensaram.

Fernando estava nas suas sete quintas, a mimar os clientes, com umas miniaturas de bolos de bacalhau, feitos pela sua mulher, com uma gamba ou com uns tremoços. Fala do bar do hospital com orgulho - havia movimento, e gabavam-lhe as bifanas, as sopas

e os panados feitos em casa, num trabalho de equipa entre a mulher e Fernando, e, por vezes, a filha, na altura com 14 anos.

Mas, ao final dos três anos, houve novo concurso de carta fechada e ganhou outro empresário, que ofereceu “um absurdo de renda. Chegou lá e pensava que abanava a bananeira e enriquecia logo”, diz Fernando, num tom de injustiça. Teve que sair do bar e rumar a outras paragens.

“Depois foi a queda-livre”.

Abriram um café no Bairro do Pinheiro. Os clientes não eram muitos e desapareciam cada vez mais. Queria ter uma saída de fumos no café, a ver se o levantava, mas a “senhoria disse que sim e depois que não”.

“O café foi uma burrice”, conta a mulher.

Para não se enterrar em dívidas e deparado com uma crise precoce, que “já se notava”, num concelho afetado pelo desemprego de longa duração, acabou por fechar o café e ir para o desemprego.

“Não, não, não. Cafés jamais!”, reitera a mulher, lembrando os tempos em que os filhos tinham que estar sempre “metidos no café”. Mas essa nem será a maior razão. O risco de se aventurarem na restauração é demasiado grande para quererem investir. Está tudo muito caro, são “as licenças de esplanada, de reclames, de sinais luminosos, de porta aberta, tantas taxas, tantos impostos, tanta coisa”... e, no pensamento de Fernando, as saudades de estar à frente de um café vão desvanecendo.

Não teve direito ao subsídio de desemprego por ter trabalhado por conta própria. As “horitas” nas limpezas que a mulher faz são o que lhes vai valendo, que, antes do bar e do café, a mulher de Fernando tinha já perdido o seu emprego no Hotel Turismo da Guarda, que encerraria portas em 2010.

Sem subsídios, nem rendimento, apenas com 240 euros por mês da mulher nas limpezas, e com um filho de 12 anos em casa, foram às poupanças feitas durante uma vida. Metade foi para amortizar parte do empréstimo da habitação, estando hoje a pagar 50 euros de prestação mensal ao banco, e a outra metade “foi para sobreviver”.

Mas o dinheiro acabou-se em 2012 e Fernando teve que ir pedir ajuda à Cruz Vermelha. Um choque, como o de outros tantos, que nunca pensariam ter que recorrer a instituições de solidariedade. Esteve quase para chorar à frente da assistente, corcovado à sua condição.

“Agora é que dou valor ao euro que as pessoas pedem para estas instituições. Agora sei o que é esse euro, aquela moedinha que a gente lá mete. Doeu. Doeu muito”.



Não era de luxos, diz, no seu jeito simples. Almoçava fora quando “a miúda ou o miúdo” faziam anos e pouco mais. Desde 2006, lembra-se de ter jantado uma vez fora, e a memória nem se aviva do último dia em que comeu um bife em casa. Não se passa fome, mas remedeia-se: “é só o mínimo e o indispensável”.

A família também não pode ajudar, três dos seus irmãos já morreram, e a mãe, num lar de idosos, já não o reconhece.

Durante estes anos de desemprego, colecionou cursos de formação, promovidos pelo Instituto do Emprego. Um de carpintaria, outro de medições e orçamentos, que não acabou por dificuldades no inglês, e ainda outro de marcenaria - o mais recente, possivelmente não o último.

Mas ter frequentado “os três cursos não adiantou de nada”. Procura, procura, mas nada encontra. Mandou trinta cartas, recebeu resposta de duas, e ambas iguais: “de momento não temos vaga”.

Deixou-se de envelopes e selos, que também é dinheiro que se gasta, e começou a enviar currículos pela internet. Conseguiu um trabalho “a vender telefones”, mas em três dias não tinha vendido nenhum e ainda andava a gastar do seu nas deslocações. Nem se despediu - apenas não apareceu ao trabalho, no dia seguinte.

De RSI, recebe muito pouco e foi sempre uma montanha-russa imprevisível. Em 2012, recebia 59 euros, depois 9 euros e 70 cêntimos, durante 6 meses, voltou de novo aos 59, para no início de 2013 aumentar para os 116 euros e 97 cêntimos, e entretanto já desceu, estando nos 96 euros. Raramente recebeu uma justificação ou uma notificação da descida ou subida do RSI. Apenas reparava no valor quando recebia o vale.

Não sabe como aguenta com o dinheiro que chega a casa. “Graças a Deus, ainda tenho conseguido pagar a luz e a água. Mas se pagássemos renda... então aí passávamos fome. Era impossível”.

A filha mais velha já é independente, contudo, as despesas com o mais novo são muitas. A Segurança Social, depois dos dois ficarem desempregados, pagava as sessões de terapia da fala ao seu filho, que tem dislexia e dificuldades de aprendizagem. Contudo, a alteração de uma lei retirou-lhes esse apoio.

Nunca mais o seu filho foi a uma sessão de terapia. Não têm como pagar os 35 euros de consulta.

A impotência toma Fernando. Ainda noutro dia, o filho pediu um computador.

-Ó filho, quem me dera a mim dar-te um computador.

-Mas tiras da minha conta, disse o filho referindo-se à conta-poupança que tem no banco.

Sente-se revoltado, “mais do que revoltado”. No seu rosto calmo, também se nota o desalento de um desemprego que não tem fim à vista. Põe-se no sótão e entretém-se a cortar lenha com o serrote, muda umas coisas de sítio para passados uns dias as voltar a arrumar, arranja um candeeiro, desmonta para voltar a montar, e vai ao café dar uma vista de olhos no jornal e vê todos esses “senhores ministros que ganham milhões, quase,” e “depois os desgraçados - que ainda os há piores do que eu”.

Diz que também ele ajudou o país, que muito descontou, que empregou pessoas, que também contribuiu para a riqueza nacional, e agora o Estado diz-lhe que “não tem direitos”. “Não tenho direito a nada”.

Quer trabalhar, mas vê que não consegue. “Isto está mesmo mau”, diz resignado a fazer contas à vida. E volta-se para outros tempos, em que trabalhava, mesmo que sem folgas nem nada. “Mas isso agora acabou. Por mais que se procure. Por mais volta que se dê... Tenho muitas saudades disso”.

Já pensou em emigrar, mas ouve muita história de gente que não consegue, como de uma moça a queixar-se no café de que esteve dois meses em França à procura de emprego e teve que retornar por não ter encontrado nada.

Fernando diz que está mais velho, que esta coisa de andar às voltas na casa à procura de algo para fazer consome-lhe a cabeça. E depois nem gosta de pensar na sua idade, de que foi avô há pouco, que o rótulo de velho o possa incapacitar ainda mais na procura de trabalho.

Recorda, ainda hoje, um momento que o persegue. Em 2012, dirigiu-se a uma carpintaria que oferecia trabalho - foi a única entrevista que teve até hoje, em sete anos desempregado. Era a 20 quilómetros da Guarda, mas Fernando lá apareceu, com a carta do centro de emprego na mão. Dirigiu-se ao proprietário da carpintaria e mostrou o seu interesse no trabalho.

-Epá, sabe... Que idade é que tem?

-Tenho 54 anos.

-Pois, eu queria era uma pessoa mais nova. Com a sua idade... já vieram uns quantos da sua idade, só que estão aqui dois ou três anos e depois vão para a reforma e eu fico igual.

-Paciência....

Engoliu em seco e voltou a casa. “Perde-se a moral, uma pessoa sente-se inferior. 54 anos já não serve, já não presta. Se ficar para o fim da vida sem fazer nada não sei como é que vou sobreviver”.

Fernando e a mulher fazem o jantar, remediado de sobras do almoço. Aproveitam o fogareiro de lenha, que aquece a sala e a cozinha, para esquentar a água, evitando ligar o esquentador. Apagam todas as luzes, para não gastarem energia, e deixam-se ficar sentados na sala, a ver a telenovela, sem certezas do futuro, à espera de um próximo episódio, com menos drama.

“É assim. Tem que ser”.

## **Duas mães**

Piedade começou a trabalhar muito nova, “com 14, 15 anos”. Tinha que ajudar a família, de pais conservadores. Amealhou os primeiros dinheiros nos famosos cestos de Gonçalo, perto da Guarda. Mas, por lá, não andou muito tempo. Casou-se aos 16 para fugir ao conservadorismo e aos 17 já vivia no centro da Guarda, com um filho nos braços. Passado ano e meio veio o segundo, muito mais tarde veio a sua filha mais nova, fruto de outra relação. Tomou conta dos miúdos até entrarem para a primária, juntamente com mais três crianças de vizinhos. Depois, fez-se ao trabalho.

Anabela também teve o seu primeiro emprego com 14 anos. Com mais sete irmãos, chegou ao 9º ano e não tinha dinheiro para comprar os manuais. Viu o trabalho numa papelaria como forma de ganhar alguma independência, de aliviar os pais nas contas da casa e também de se mimosear com uma casaca de ganga da moda ou com uma cassete do George Michael. Ao mesmo tempo que trabalhava, estudava à noite. Tinha muitos sonhos: queria ser educadora de infância, bailarina, estilista... “queria ser

muitas coisas”. Pancada da juventude, diz. O cansaço venceu-lhe a força de vontade e acabou por desistir dos estudos.

Piedade trabalhou na Gartêxtil, de onde saiu muito antes de a mesma declarar falência, em 2005. Trabalhou em pastelarias, no balcão e mesas, e depois de pôr um fim a uma relação marcada por violência doméstica, foi para a Delphi.

Anabela também lá foi parar. Depois de três anos na papelaria, de um curso de costura industrial e de uma tentativa frustrada de emigração, na Suíça, entrou na Delphi com 19 anos, em choque com “todo o barulho e aquele trabalho em série”.

O trabalho mecânico, compassado, valeu a Piedade umas quantas tendinites e mais tempo de baixa do que de trabalho. Arranjou um acordo com a fábrica e saiu em 2003.

Anabela ainda aguentou oito anos “de um lado para o outro” dentro da Delphi. “Recebia-se bem”. Era efectiva, mas depois do nascimento do seu filho mais novo, tiraram-na do seu posto e foi para o “enfeitamento” – um trabalho repetitivo e minucioso com as cablagens do sistema eléctrico do carro. Ainda avisou a gerência de que naquele posto não iria aguentar, mas “ninguém acreditou. Na fábrica é assim: se não queres, a porta da rua é a serventia da casa”. Também lhe atacaram as tendinites e, depois de três meses de baixa, negociou a sua saída.

Um ano depois de sair da Delphi, Piedade inscreveu-se no curso de auxiliar de educação. Com o fundo de desemprego, aproveitou para criar a sua filha mais nova até a pôr na creche. De seguida, abriu um snack-bar na Guarda. Tinha música ao vivo, faziam-se filas à porta do café, à hora de almoço, mas “correu mal”. “Desvios de dinheiro... é o que acontece”. A sua sócia, segundo conta, deixou de pagar as contas do café e Piedade acabou por sair em 2007. “A partir daí foram só problemas, uns atrás dos outros”.

“Parar é morrer”, pensou Anabela e assim que saiu da fábrica, candidatou-se aos cursos do Politécnico da Guarda para maiores de 23 anos. Entrou em Comunicação e Relações Públicas, ao mesmo tempo que procurava emprego. Ao fim de três anos de licenciatura, a custo, tinha o diploma na mão. Já divorciada, pensava que, com o curso, poderia dar uma vida melhor aos seus dois filhos. Passado um ano, “zero propostas”.

Piedade também não encontrou nada. E sendo mãe não pôde aceitar qualquer trabalho, que não tinha quem lhe ficasse a ver da filha.

Anabela teve melhor sorte. Em Setembro de 2010, já a somar quatro anos de desemprego, recebeu uma proposta de uma editora para ir a escolas publicitar manuais. “Lá fui, pronta para o ataque”. Recebia bem, mas depressa o equilíbrio foi-se desfazendo.

Depois de dois anos de desemprego, Piedade decidiu tirar o curso de animação. No final, estagiou como auxiliar de educação num ATL, no Bairro do Pinheiro. Era quase garantido que ficaria no final do estágio.

O trabalho, que só dava descanso a Anabela à uma da manhã, começou a desgastá-la. Na editora, atribuíram-lhe mais concelhos para cobrir. Foi ter com a coordenadora a queixar-se da situação. “Ó Anabela, então se não consegue, olhe, paciência, temos que contratar outra pessoa”. E assim foi embora, e assim voltou ao desemprego.

Piedade acabou por não ficar no ATL. A Novembro de 2011, voltou a ficar sem trabalho, numa cidade onde os anúncios de ofertas de emprego não conseguem igualar a procura.

Anabela ainda remoía a saída da Porto Editora. Gostava daquela roda-viva com os professores – “para quem não tivesse família, era ouro sobre azul”. Mas tinha que escolher entre os filhos e o emprego. E a corda esticava demais: “depois um dia os neurónios iam de férias”.

A situação de Piedade foi-se agravando, desamparada, sozinha, e apenas com o rendimento mínimo de 250 euros. Conseguiu umas horas de limpeza, nuns bares, ao fim de semana, mas para recusar uma formação do centro de emprego teve que declarar as horas que fazia nos estabelecimentos – 160 euros por mês. Acabou por ver o RSI a emagrecer para os 100 euros. De renda, paga 250 e o senhorio é “daqueles que se atrasar um dia está-me logo a chatear”.

Anabela também recebia RSI. Cento e poucos euros que se juntavam à pensão de alimentos de 200 euros do seu ex-marido. Assim que ficou desempregada, ia todas as semanas ao centro de emprego, mas apareciam mais pessoas, “cada vez mais pessoas”. “Ai meu Deus que isto está tão mau para tanta gente...”, pensava. As idas semanais passaram a quinzenais, e de quinzenais a mensais. Desanimou-a não encontrar nada e ver cada vez mais gente como ela, à procura. Sem emprego, teve que se valer da Cruz Vermelha, para não comer somente à custa da mãe.

“Graças a Deus, tenho ajudas. Dos meus pais, da Caritas e da Câmara”. Piedade vai buscar refeições que sobram, na câmara, e entra e sai carregada de frustração - de ter que suportar “uns olhares” que a sinalizam, e que evita ao ir depois das quatro da tarde. Mas “encontra-se sempre alguém”. Contudo, esquece os dedos apontados e não permite sequer espaço para o pudor. “Não posso deixar a minha filha passar fome”.

“Os meus filhos saem afectados disto”, conta Anabela, lembrando-se das solas gastas das sapatilhas, da crueldade das outras crianças. A sua grande preocupação é garantir

que os filhos não passam fome, tentando reconfortá-los na sua devoção: “...somos pobres, mas temos Deus”.

Os filhos mais velhos já não preocupam Piedade. Um é GNR, outro Comando. Mas a mais nova, com 8 anos, dá-lhe medo. Medo pelo seu futuro. “Muito medo”. Espera por melhores dias. Tem que esperar. De outra forma, “o que é que já tinha feito?”. Mas depois surge a condição de desempregada, emaranhada com a já difícil condição de mãe, de dizer “não” tantas e tantas vezes à filha, seja a um qualquer chocolate ou a um fatinho de Carnaval.

A vida de Anabela é pouco agitada. Lê uns livros, vai ter com a sua mãe, almoça com ela, vê um pouco de televisão, vai buscar os filhos à escola, dá-lhes banho, “comer e cama”. E como procurar emprego onde ele não existe? “Não há emprego. Ponto. Não há nada aqui na Guarda”.

Piedade lembra-se das bases católicas, tão enraizadas nas Beiras de “pedras e padres”, de que falava José Cardoso Pires, ouvindo a missa de que “se tem que aguentar”. Mas certas questões ganham força: “quando tenho coisas para pagar, e não me importo de trabalhar no que quer que seja, porque Deus não me abre uma porta?” Tudo portas fechadas, e nas missas não encontra a fé que precisava. Fecha também a sua. Deixa-se ficar por casa, tirando a hora de ir tomar café com a sua cunhada. Nem um passeio faz. “Olhar para as montras? Isso é uma tortura!”

Anabela recorda o que lutou para tirar o curso, afincada; orgulhosa de só ter ido a oral a uma única cadeira. “Pensei que a vida ia melhorar, mas olha, estamos assim”.

Piedade não tem saudades de luxos porque nunca os teve, mas gostava de voltar a uma certa tranquilidade que tinha, há uns bons anos atrás.

“Sinto a frustração da inutilidade”, desabafa Anabela. Ver-se assim, a querer fazer alguma coisa, qualquer coisa, e a não poder. Olha para Portugal como um “país de depressivos”. “O que há em Portugal? Desemprego, desemprego, desemprego”.

Piedade foi, neste ano, a uma entrevista à CERCIG, casa de reabilitação de deficientes, e ficou convencida de que o lugar seria seu, até as restantes candidatas que esperavam pela sua entrevista lho diziam.

Anabela também se candidatou a uma proposta de emprego, como administrativa numa associação, mas entrou derrotista a pensar: “pronto, mais uma”. Nem ia nervosa, que chega-se a uma altura “em que já se colecionam entrevistas”. Recebeu a resposta de sempre: “se depois a quisermos, contactamos”. “O clássico”. Uma semana passada e ainda não lhe tinham dito nada. “Anabela, esquece”.

Piedade recebeu a chamada a dizer que tinha ficado em 2º lugar.

-Olhe, mais valia não ter dito nada.

-Ó Dona Piedade é para o caso de se a primeira colocada desistir.

-Mesmo assim, mais valia não dizer.

Antes ficasse em último, pensou. Ficou triste, desconsolada... até já andava a mentalizar a pequena que teria que a levantar mais cedo.

Passado semana e meia da entrevista de emprego, Anabela recebeu um telefonema à noite. “Foi seleccionada”, disseram do outro lado. Ficou incrédula. “Queria lá saber se eram 300 ou 400 euros, o importante era sentir-me útil, estar no activo”. Mas tudo continua a ser uma incógnita. Não sabe o dia em que volta ao desemprego e, se não fossem os seus filhos, já tinha saído de Portugal. Já não quer ser educadora de infância, nem bailarina, nem estilista, como quando sonhava de volta de pancadas da juventude. “Não posso. Já não tenho metas nem sonhos”.

No dia em que Piedade recebeu a notícia de que tinha ficado em 2º lugar, a sua filha, deitada na cama, à espera do beijo de boas noites, disse-lhe, em esperanças que não se pagam:

-Mãe, sonha que a outra senhora não vai gostar do emprego.

Piedade não sonhou com isso. “Não vale a pena”.

## **Narrativas incompletas III**

Desde Abril que Gustavo e Ivone, a morarem perto de Aveiro, não têm gás. As panelas na cozinha estão pretas de usarem a lareira para cozinhare. “Se quiser tomar banho, peço à senhoria, ponho água quente num alguidar e tomo banho assim”. Por vezes conseguem uns biscates, mas mesmo assim não dá. “Devemos em todo o lado. Não temos dinheiro nenhum. Temos uma dívida de pão de 11 euros e 60 cêntimos”. Para ir a pé ao banco, Gustavo demora 25 minutos. 25 minutos para contornar casas e o mini mercado onde deve dinheiro - atalhos alongados para escapar à vergonha. “Eu quero pagar e eu quero trabalhar, mas como?”.

Jorge, de 44 anos, está desempregado. A marmoraria onde trabalhava, há mais de 30 anos, fechou. Um colega seu gaba-lhe a mestria: “ele era o artista da pedra. Se ele não

tiver emprego mais ninguém tem”. Mas Jorge nem com o elogio se anima. “Com esta conjuntura, só por milagre”. E Jorge, o artista de orgulho que se encobre na modéstia, olha para o futuro a medo. “Já me falaram de ir para a América, mas custa desistir disto. Custa”.

António dos Santos, reformado de Idanha-a-Nova, esteve 5 anos em França, quando se emigrava a salto, nos anos 60, no meio de “gente de toda a raça”. Custou-lhe muito. Não é como pintam na televisão. “A gente falar, fala o português e nem é o correcto, então para lá, como é que a gente ia compreender os estrangeiros? Era tudo tão difícil”. Voltou para Portugal e hoje vive num dos mil lugarejos isolados do concelho raiano. Água para beber, têm de ir buscar à fonte. Casa de banho é o mato que circunda a pequena casa. E depois toda aquela solidão a que Maria e António dos Santos estão confinados. “Nós sempre tivemos isto e a gente tem vergonha de se queixar”, dizem de forma tímida, quando fazem contas às reformas, ao saneamento que não têm, a um Portugal evoluído que por ali não passou. Nas despedidas, apresentam a sua certidão portuguesa: “enquanto pudermos ir passando...”

**a hesitação de quem veio e de quem foi**

## **Entre ir e ficar**

*Fátima é brasileira. Cristina portuguesa. Fátima veio para Portugal à procura de uma vida melhor, longe de um Brasil desigual, onde chegou a partilhar o chão com mais seis pessoas. Cristina, que emigrou para a Holanda, voltou há quatro anos, decidida a ter a*



*filha no seu país, longe de qualquer racionalismo. As duas mulheres continuam por cá, mas as incertezas levam ao equilíbrio de pés assentes numa corda bamba, pouco seguros. Não sabem quando é que o país as levará a saltar e a fazer o caminho inverso.*

## **A emigração, outra vez?**

Cristina<sup>1</sup> apaixonou-se aos 16, saiu de casa, começou a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo, teve um esgotamento, deixou os estudos para trás, fartou-se dos contratos de três meses que não eram renovados, disse adeus à pequena Lousã e, aos 18, sem o secundário terminado, mudou-se para a Holanda com o seu namorado, agora marido e pai dos seus dois filhos.

Durante quatro anos integraram uma empresa de trabalho temporário. Cristina, de sorriso estampado, lembra-se desses quatro anos todos os dias. Todas as horas de trabalho, fossem elas em fábricas ou nas campanhas das flores, valiam-lhes um

---

<sup>1</sup> Nome fictício

conforto económico que nunca tinham tido e que nunca mais tiveram. Dava para mandar dinheiro para Portugal, para jantar fora e para pegarem no carro do patrão e renderem-se às paisagens planas e ordenadas dos Países Baixos.

Com a vida estável e sossegada, Cristina fez tratamentos na Holanda para engravidar – um desejo que carregava desde adolescente. Por ela, aos 16 já teria um filho nos braços. Insistiu e desistiu - a medicina não lhe respondia ao desejo de ser mãe. No regresso a Portugal, no Natal de 2008, Cristina descobriu que estava grávida de 5 meses. Decidiram ter a criança no seu país, num ato de alguma inconsciência, decidido às três pancadas, que não haveria tempo para uma quarta. O patriotismo romântico, alimentado por saudades, acabou por falar mais alto.

“Foi o maior erro da minha vida”.

A filha nasceu na Lousã, longe da frustração futura. O marido conseguiu um trabalho na construção civil, em Lisboa, mas depressa saiu quando se apercebeu de que não iria receber “um cêntimo” – o primeiro cartão de boas vindas. Sem emprego, nem perspectivas que aparecesse, valeram-se, durante dois anos, das poupanças amealhadas na Holanda, que rapidamente se encurtaram com aquela mudança inopinada de vida - com mais um a fazer parte da família e Cristina e o marido a habituarem-se a essa nova condição, bonita, mas exigente: serem pais.

Cristina sentiu-se desamparada, sem ajudas, com uma crise económica a encurtar perspectivas, com o dinheiro poupado a desaparecer, com “coisas e mais coisas” a terem de ser compradas para a filha: “as papas, as fraldas, os biberões, as chupetas... são coisas que nunca mais acabam”. E não evita comparar, constantemente, Portugal com a Holanda, a calcar, sempre que pode, as diferenças mas também o malogro de ter decidido ficar.

E chega-se a um momento em que as poupanças acabam mesmo, em que não há dinheiro para fraldas, para as papas, para os biberões, para pagar a renda, luz, água, gás... E o que fazer? Surgem decisões desesperadas, admite. Mas, se voltasse atrás, voltaria a fazer o mesmo - o marido começou a vender droga, movido pela aflição de ter ali uma criança e outra a caminho, sem aviso prévio.

“Não custou tomar essa decisão. Não me orgulho disso, mas era a única solução”, diz, sem grandes rodeios, apesar da vergonha inicial em falar do assunto. Mas não há arrependimento e legitima-se na falta de opções. “Se tivesse um trabalho, nunca teria feito tal coisa”.

As pequenas quantidades que o marido vendia davam para pagar as contas, mas a possibilidade de uma busca à casa, levou-os a parar de imediato.

O marido voltou a conseguir trabalho na construção civil e Cristina trabalhou num hotel, numa fábrica de uma bebida espirituosa e em limpezas.

Voltaram a ficar desempregados e decidiram ir para Coimbra, no final de 2012, deixando para trás a Lousã e algumas contas por pagar. Ainda pensaram em voltar à Holanda. Várias vezes, antes e depois de ir para Coimbra, pensaram em voltar à Holanda, mas o antigo patrão não aceitava que levassem os dois filhos.

Com 26 anos, com os seus “pequenos” de quatro e de dois anos, Cristina esperava uma vida mais segura em Coimbra, talvez um emprego, estabilidade nos níveis de glicemia da filha, que é diabética, e alguma calma.

O marido voltou a trabalhar na construção civil. Chegava a estar “24 horas fora de casa”, para biscates e obras pontuais. Sem contrato. Em troca, o patrão pagava-lhe a renda, as despesas e alguma da alimentação. “Não podemos obrigar o homem a fazer o contrato...”, dizia Cristina, de ombros encolhidos, resignada, que ajudava com umas horas de limpeza, incertas. Também não declaradas.

O primeiro mês em Coimbra foi um rebuliço, e notava-se pelo estado de Cristina - nervosa, agitada, impaciente -, a lembrar-se das mil e uma coisas que tinha que fazer.

“É tentar dar-lhes banho, ir ver se há trabalho no centro de emprego, ir à escola para confirmar que tratam de dar insulina à minha filha, depois tenho que ir ao hospital tratar de um problema que tenho nas amígdalas, tenho que pedir o rendimento mínimo, e depois entrámos na casa e a senhoria disse que não havia humidade e agora é bolor por todo o lado (mas foi o mais barato que arranjámos), e agora estamos desesperados para encontrar outra casa, e é o pai que chega a casa à meia-noite do trabalho e os filhos não se querem deitar sem ver o pai...”

Cristina respira, faz um cigarro de enrolar, dirige-se à janela da sala daquela casa que só a deixa “nervosa”, e fuma, a tentar esquecer-se dos problemas, no meio dos berros que os miúdos vão dando, cantigas e choros, numa agitação semelhante àquela que lhe passa pela cabeça.

E, no canto da sala, surge a cadela, pequena e de pêlo fino e loiro, calma, segura, a observar tudo, deitada no sofá, como se fosse sua obrigação garantir a paz na casa. Como nos dias em que viu Cristina a chorar, nervosa, a pedir-lhe para ir embora – “já não te posso ver” -, e ela ia, devagarinho, com a cabeça baixa e ficava-se nos pés de Cristina, como se lhe quisesse dizer que tudo ia ficar bem.

Mas não estava. Nem os calmantes e anti-depressivos a deixavam dormir. Sentia que iam perdendo o efeito, de tantos que tomava, numa tentativa de libertação dos desvarios quotidianos.

“Deus encarniça-se contra os mais fracos”, desabafa no parapeito da janela a olhar para a convulsão.

E, para sobreviver, iam fazendo os trabalhos “por fora”, que sempre dava “para trazer alguma comida, algum dinheiro”. Mas junta-se algum dinheiro e logo se perde e se gasta. Herdaram umas peças de ouro da sogra de Cristina e tiveram que as vender de imediato para pagar contas e não ficar com a casa às escuras.

Torna à impotência, ao nervosismo, ao aperto de não conseguir dar a estabilidade que a sua filha precisa, de ver a casa atormentar-lhes a saúde, de não haver dinheiro para a renda, que o patrão do marido diz que ainda não a pode pagar. Chegou a pensar se não teria de sair da casa e “ter de dormir debaixo da ponte”. “Ou pagamos uma renda ou damos-lhes de comer”.

Tudo se torna difícil, muito longe da sua Holanda, país onde “tinham tudo”, para agora, neste seu Portugal, terem “tão pouco, quase nada”, persevera Cristina, lembrando-se sempre de ter confiado no seu país, que aqui poderia ter os seus filhos e que aqui poderia sentir-se feliz.

“As pessoas aqui em Portugal são muito mesquinhas. Se calhar tive azar em algumas pessoas que apanhei, mas as que apanhei... É que queremos e não conseguimos. Parece que nos querem cortar as pernas para não andarmos”.

Cristina ia procurando trabalho, mas não o deslindava. No centro de emprego, nos jornais, no café, nas conversas com conhecidos. Num deserto de ofertas, nem as miragens lhe brotavam pelo caminho. Os passos, sem ilusões nem vislumbres, iam diminuindo, e a imobilidade parecia vencer-lhe a busca. Sentia a navalha a roçar-lhe as pernas - a amputação de esperanças tão perto...

“O Estado está-se nas lonas para nós. Diz para termos filhos, mas depois se a gente ficar mal não nos ajuda”.

O desespero de Cristina fazia-a aceitar qualquer coisa, se aparecesse, se aparecesse... “Eu até ia para o mato trabalhar por 200 ou 300 euros por mês. Mesmo que fossem as oito horas diárias. Ao menos já podia comprar comida em condições, garantir a minha independência, dar-lhes algum sossego...”

Mas, no início de 2013, não surgia qualquer proposta, nem por esses 200 euros que lhe faziam falta... se aparecessem. Cristina deixava-se abater, cansada. “Cansa mais estar sem trabalhar. É cansativo, é triste, é desesperante. E depois tanto tempo para pensar...”. Nos tempos mortos, que eram muitos, passava-os em casa, fechada, de janelas fechadas, “tudo fechado”, e ficava no sofá, fechada nela própria.

“Um dia digo à assistente para me internar no hospício. Estou a ficar maluca. Nunca me vi nesta situação a não ser neste país. Mas a culpa não é de Portugal, é de quem o governa. Lá na Holanda, podem ter rei e rainha, mas sabem governar-se.”

Fumava mais um cigarro para escapar à situação, ou roía as unhas, enquanto procurava trabalho no computador. “Olho para o computador e ele não me diz: “olha, tenho aqui trabalho para ti”. Surgem propostas de trabalho espectaculares, mas nem telefone têm e uma pessoa manda mail e ninguém responde”.

E depois lá voltava a ressurgir o reino da confusão, dos miúdos a berrar e a chorar e a pedir coisas e a atirar culpas um para o outro e a desarrumarem a sala... por vezes, Cristina perdia a noção das coisas e desatava a gritar com os filhos - momentos em que simplesmente não consegue separar os problemas, a agitação. Como se fosse tudo parte da mesma entropia.

“São inquietações atrás de inquietações. Problemas com os miúdos. Problemas com a humidade desta casa. Problemas com a senhoria. Problemas com a creche. Problemas”.

Passava as noites a chorar, a massacrar-se por não fazer a separação entre os seus problemas e as crianças, por se sentir impotente enquanto mãe, ela, Cristina, que sempre o quis ser. E o marido ouvia as frustrações e também lançava as suas para Cristina. Multiplicavam-se os momentos de discussão, em que não conseguiam “dar amor um ao outro”. Discutem, imergem em problemas, mas continuam juntos:

“Gostamos muito um do outro, porque mesmo com o barco afundado, mesmo assim, com tanto problema, tanta inquietação, estamos unidos, estamos juntos”.

Há também o alento dos seus dois filhos, reguilas, inquietos, irrequietos, que sempre a fazem rir, mesmo quando se lembra de tudo o resto. “O bom no meio disto tudo é estes dois chatinhos”.

Mas “isto tudo” tem força e no final de 2012, sentia-se de pés e mãos atadas. “Chego ao pé das entidades patronais, nem digo que estou na miséria, mas conto o meu problema, que a minha filha é diabética. Digo que posso fazer os fins de semana, mas tenho que lhe dar insulina e eles não compreendem. Quero trabalhar e não posso. Isso revolta-me: querer fazer e não poder”.

Decidiram pedir o rendimento mínimo, em Dezembro de 2012. Mas foi-lhes recusado. “Na carta dizia que o meu marido recebeu, há quatro meses, 400 euros. A gente não sabe de onde. E mesmo assim, para que é que esses 400 euros dão?”.

Em Janeiro, dos 160 euros de abono passaram a receber 80.

Cristina continuava a não querer queixar-se do patrão do marido, agradecida pelo pouco que lhe dava. “O dinheiro nunca chega, mas ajuda-nos muito. Vai às compras, traz-lhe tabaco, filtros, paga as contas”.

Porém, com o corte no abono, deixou de ter dinheiro para pagar o infantário. Ou era a creche ou era a comida. Não tinha coragem de ir ao jardim-de-infância e contar o que se passava - chegar lá e dizer que não tinha dinheiro. Não conseguia. A vergonha não a deixou.

E as dívidas somavam-se. O infantário, a água, a luz, algum fiado... Não há restaurantes, não há cafés, não há passeios, as refeições são encurtadas e por vezes há remedeios com pão, para que os filhos comam bem. “É impossível poupar mais. Todo o dinheiro se vai. Todo”.

“Cá, em Portugal, estamos completamente sozinhos”. E teima e teima e teima no porquê de ter voltado.

Ainda por cima a ver o marido a trabalhar cada vez mais horas, e o dinheiro sempre a faltar, escasso, rareado, e o patrão a dizer que noutro dia paga a renda, que noutro dia lhes compra comida, que noutro dia lhes paga a água, e Cristina e o marido entregues a uma gratidão servil, naquele pagamento gota a gota e irregular que lhes garantia a sobrevivência.

Mudaram-se finalmente de casa, com a ajuda do patrão, mas a situação económica não se alterava. O marido mais magro, mais cansado, a acatar tudo por “meia dúzia de tostões”. Um dia parou, por desavenças com o patrão, farto de estar disponível a todas as horas para trabalhar e de não receber dinheiro nenhum por isso - apenas o pagamento de contas para que se mantivessem de pé. O marido não aguentou e acabou com a submissão. Deixou de lado os agradecimentos anteriores e pôs fim a uma exploração submetida à necessidade. O marido de Cristina, qual operário em construção, disse não:

“Estou cansado de ser rebaixado que nem cão. Por mais pobre que seja, não mereço isto”.

Não.

A coragem foi grande, mas veio depois a incerteza, mais implacável que poesia. Como iriam pagar a renda dali a 15 dias? E a creche? “Os miúdos já não podiam ir ao infantário por falta de pagamento”.

Num momento, como se divino aos olhos de Cristina, tudo se compôs. O marido foi pedir emprego a um antigo patrão da Lousã, enquanto a família fazia figas por uma resposta positiva:

“Olhe senhor A., eu preciso mesmo de trabalho agora. Tenho os pequenitos e não tarda muito a assistente social tira-mos”.

Passada uma semana, estava a trabalhar. Recebeu os primeiros 15 dias a tempo de pagar a renda. O rendimento mínimo acabou por chegar, depois de nova apreciação. 350 euros por mês. Veio com retroactivos – 1800 euros a contar desde Janeiro. Cristina pegou no dinheiro e liquidou todas as dívidas. Pagou a água, o gás, a luz, o infantário. Pouco sobrou.

E Cristina respira, sorri, no meio da sua nova casa solarenga, esta sem humidade, composta, tudo arrumado, longe da convulsão de tempos recentes.

Ainda há pouco, na mesma casa, umas semanas antes, tinha tudo fechado, e Cristina de coração nas mãos sempre que ouvia a campainha tocar, à espera de que alguém lá fosse bater à porta para lhe cortar a água ou a luz.

Cristina também encontrou trabalho. Cuida de uma senhora de 60 anos, que sofreu uma trombose. Trata dela das nove da manhã às três da tarde. E volta às sete para lhe dar o jantar. Recebe 300 euros, explica, de cabeça baixa, envergonhada e a voz a sumir-se, com um sorriso feito de vergonhas e ilicitudes. “Ao menos assim, limpo a minha vida de dívidas. A ajuda que isto dá...”.

Nem Cristina nem o marido fazem descontos. Ainda não querem dar baixa do RSI. Só começam a declarar quando tiverem a certeza de que a situação se compõe, que nenhum dos dois perde o seu trabalho.

É tudo “incerto”. “E se a senhora de quem cuido já não me quiser? E se o meu marido ficar outra vez desempregado?”. Apesar de tudo, Cristina está mais calma, o infantário está pago, as despesas de água, luz e gás pagas, a renda em dia, a casa onde estão já não tem humidade.

Nota-se uma quietude nunca vista em Cristina, feliz, a andar no supermercado, com as crianças de mão dada, enquanto compra coisas que antes não podia comprar - peixe fresco, fruta, iogurtes. Os miúdos já não gritam tanto e a cadela já não precisa de ir para os pés da dona, a socorrê-la.

A calma pode ser circunstancial e Cristina sabe disso. “Enquanto o país estiver assim, nunca se sabe. Mas não se pode pensar no amanhã. Só vem ansiedade e desespero. Só penso no que vou fazer de jantar e chega”.

Tenta mentalizar-se que está tudo bem, que, a partir de agora, já não vai faltar nada. Mas, ao mesmo tempo, revolta-se com o seu país, antevendo um futuro dúbio, na incerteza torturante de não saber se amanhã continuará a reinar a calma na sua casa.

“Não gosto de Portugal. Cá não temos nada. Tenho vergonha de ser portuguesa. Gostava de ir à televisão dizer isso. Eu tenho vergonha. Vergonha deste estado. De que vale ter História? Estamos a perder tudo. Estou cada vez mais nervosa pelo país em que estou. É triste ser-se portuguesa. Ter pensado em ter a minha filha cá foi o maior erro da minha vida. O maior erro. Tenho tantas saudades de estar lá fora. A vida que eu tinha lá... a paz que eu tinha lá...”

Se for preciso, Cristina está pronta e preparada para voltar a sair do país que, com os meninos mais crescidos, talvez fosse mais fácil hoje voltar para a Holanda, depois de quatro anos a tentar viver em Portugal.

“Não sabemos o que nos pode acontecer. Pode ser que tenha que emigrar outra vez. Sabia que os miúdos iam chorar baba e ranho, mas se tiver que ser, tem que ser. Que isto de ser mãe e mulher, conseguimos tudo”.

## **A tentativa de fuga a um naufrágio**

Maria<sup>2</sup> está em casa e ouve a mãe por telefone a pedir-lhe para voltar para o Brasil. Não é a primeira vez nem será a última. “Eu vou pensando”, responde Maria, sem certezas do que diz. Passado pouco tempo liga a uma amiga, que redobra as preces da mãe de Maria.

-Isso aí está tão ruim. Estou só vendo na televisão. Isso está afundando, mulher! Salta fora desse barco.

-Não sou rato, não. Rato é quem baza quando barco afunda.

-Mas você vai afundar com esse barco? Mas esse barco não é seu!

-Mas foi um barco que me sustentou muitos anos.

---

<sup>2</sup> Nome fictício



-Mas você não pode fazer nada para ajudar.

Calou-se.

“É verdade”.

Veio para Portugal, há 13 anos atrás. Vieram primeiro os irmãos do seu marido, depois o seu marido e, finalmente, Maria, com duas crianças ainda pequenas, tentar a sorte num país que pouco conhecia. “Voltaram todos para o Brasil. Quem conseguiu e quem não conseguiu”.

Apenas ficou Maria, convicta numa promessa que fez a si própria enquanto sobrevoava o Atlântico: “se eu for e não conseguir realizar o que fui buscar, por lá fico”.

Começou em Vila Nova de Poiares, “aldeola”, comparada com Ipatinga, sua terra natal, pertencente ao estado de Minas Gerais, seis vezes maior que Portugal e com o dobro da população.

A promessa de uma vida melhor não se concretizou. O marido trabalhava na construção civil, por vezes até “às três horas da madrugada”, mas a legalização tardava em chegar... O patrão, “para o adoçar”, financiou as passagens de avião de Maria e dos dois filhos, para o “continuar a ter lá como escravo”.

Maria iria legalizar-se a partir do marido, como tinha acontecido com os seus cunhados. Acabou o prazo para a legalização, pediu os documentos ao patrão e “nada”. “E ele a aceitar um salário de miséria, deixou-se levar na conversa...” Cansou-se de puxar a orelha ao marido, e lançou o conselho: “Sai dessa”.

Apenas saiu quando o patrão o mandou embora por ter ido levar Maria ao hospital, chegando mais tarde ao trabalho. O patrão deu-lhe uma semana para desocupar a casa. “Entrei em pânico”, diz Maria, que saiu de casa quando estava a receber “doses de morfina de cavalo” por uma pedra que tinha na vesícula. Ficou em casa de uns cunhados, doente, a chorar “noite e dia”, e só chuva a cair, o tempo gelado, muito distante do calor mineiro, e as duas crianças e o desgosto e a incerteza e as ameaças de morte do patrão...

Acabaram por voltar para o antigo senhorio, quando o patrão foi embora para África. “Separou-se da mulher e foi por lá assassinado, que deixava obra inacabada e trabalhadores sem pagar”.

O marido arranjou “patrão aqui e ali”, mas tornava sempre à mesma servidão: “ele não se sabia impor e havia sempre alguém que se aproveitava da situação”.

Maria cuidava de uma idosa, sua vizinha, ao mesmo tempo que encontrava em Poiares uma “família”, recordando-se do agasalho que encontrava à porta de casa, das bicicletas, dos jogos para as crianças, coisas que nunca tinha sonhado poder dar aos seus filhos, “mesmo com tanto que eu tinha trabalho no Brasil”.

Em 2003, aproveitou o acordo luso-brasileiro, assinado entre Lula da Silva e Durão Barroso, para se legalizar a ela e aos seus filhos. O marido recusou, com o orgulho ferido pela subserviência contínua a que se sujeitou. “Está doida? Dar dinheiro a esse pessoal?”. Maria não lhe tira a razão. “Ele foi muito torturado como empregado. Não deu muita sorte”.

Entretanto, Maria foi trabalhar para a Câmara de Poiares. “Trabalhei de cantoneira, enxada e motosserra, facção, desmatamento de floresta, faxina, desentupimento de fossa. Fiz de tudo”. Foi chefe de equipa, mas o orgulho da posição foi suplantado pelos olhares, jeitos e comportamentos racistas e machistas que sempre sentiu no trabalho.

“Eles olhavam para mim e pensavam: obedecer a mulher? Ainda por cima brasileira?”. Preferia não ter sido chefe, não apenas pela discriminação, mas pela sua postura de assumida operária formiga. “Que é que eu tenho para mandar? Obedecer é melhor que mandar. Mandar é a pior coisa que tem”.

Depois de um emprego na junta de freguesia de Poiares, onde foi “pau para toda a obra”, começou a trabalhar nas limpezas. Umhas em Coimbra, outras em Poiares. Enquanto Maria se dividia entre os dois concelhos, o marido ia para Espanha, à procura de melhor sorte. Ficou sozinha, já com três filhos, uma menina e dois meninos, e com dinheiro incerto a vir de Espanha.

O marido regressou e mudaram-se para Coimbra. Maria nas limpezas e o marido com uns biscates para o senhorio. Mas “não se impunha, não lutava pelos direitos”, e, nessa frustração contínua, sem trabalho regular, começou a refugiar-se no churrasco domingueiro e na bebida com os amigos.

Maria chegava a casa e encontrava resquícios de festa por todo o lado - sobras de comida mineira e as decepções do marido materializadas em “garrafa de cerveja”. E Maria, como formiga que era, enchia-se de trabalho, cansada, sem férias nem descanso, sempre com gente a perguntar-lhe se não tinha umas horinhas a mais.

A determinada altura, esgotada de chegar a casa e ver aquela festa de cigarra, sentindo-se sozinha, abandonada numa luta que deveria ser a dois, Maria deixou um aviso ao marido: “Se você quer viver nessa casa, se quer ser um homem como deve ser, um pai como deve ser, tem que parar. Muda de atitude. Já estou farta de viver sozinha”, disse, sem medo nem rodeios, convicta e de ideias fortes, que se lembrava bem da promessa que fez à mãe, mulher que sempre viu “a levar porrada” do seu pai:

“eu quero um príncipe ao meu lado. Eu não admito pouca coisa, não. Pai diz que mulher honesta é cega, surda e muda, então o homem também. Não é só mulher”.

O clima, também marcado pelas brigas entre o filho mais velho e o pai, ganhava tensão. O filho sempre recusou a autoridade do pai. “Minha mãe que me abraça, que me beija, que cuida de mim quando estou doente, minha mãe é que me veste, que compra meus materiais escolares, minha mãe é que vai à reunião, minha mãe é que compra os remédios, é que fica na cabeceira quando estou doente. Na hora que precisa de me dar correcção, é o senhor que me vem dar porrada? Não”.

O marido saiu de casa a 3 de Março de 2009, data que tem apontada no telemóvel. Maria, pela primeira vez, tirou férias.

Mas de férias pouco teve, com o mais novo a perguntar pelo pai, a querer ver o pai, e o pai não atendia sequer o telemóvel para falar com o filho. Resolveu esquecê-lo e terminar 21 anos de casados.

O marido voltou para o Brasil.

Ficou Maria, com os três filhos e trabalho que nunca acabava, desdobrando-se em dias que por vezes terminavam à uma da manhã, incluindo sábados, domingos e feriados, a chegar a casa e ter que ser mãe, e ter que limpar, e ter que fazer comida, e ter que lavar roupa. O sono ficava para quando morresse.

Voltou também a alimentar a sua vontade em se educar, interrompida pelo seu pai que achava que filha “é para acabar na beira do fogão de algum homem”. Ouviu falar do programa Novas Oportunidades e decidiu tentar tirar o 9º ano. Não era o que estava à espera.

“Aquilo é uma vergonha. Eles não estão ali para ensinar nada. Estão ali para reconhecer o que você sabe. Só me deram um papel. Não aprendi nada. Qualquer documento se falsifica, agora o que tem na cabeça é impossível”, conta desgostosa.

Não continuou a estudar.

Entretanto surgiram complicações no trabalho. Esgotou a sua paciência com uma das senhoras a quem fazia umas horas de limpeza, que a provocava, fosse com a devoção acérrima de Maria a Lula, fosse com o facto de a sua filha estar numa “escola particular” sem pagar por isso. “Ela era tão baixo astral. Para ela estava tudo feio, tudo mal”.

Maria, pelo contrário, surgia sempre a sorrir, cheia de força e de vida. Um dia ouviu a senhora queixar-se de alguém ter dado emprego a uma ucraniana e não a uma

portuguesa. Impulsiva, sem qualquer tipo de contenções, Maria virou-se contra “a falta de finesse” da patroa:

-Eu não sou portuguesa e há aí tantos portugueses sem trabalho. Tem o meu dinheiro para acertar as contas?

Deixou-lhe a chave e foi-se embora, de sangue quente, talvez segura das outras horas fixas que tinha. Depois dessa saída, perdeu a idosa de quem tratava três dias por semana, que foi para um lar, a médica, que foi para o Porto, e ainda outra cliente.

“Agora não tenho nada certo”, diz, sem sequer se notar arrependimento da atitude. “Não deixo que seja apedrejada”.

Nessa altura, tudo “era fácil”, arranjava muitas horas para fazer limpezas, horas até a mais que a enterravam num cansaço misturado em adição de calmantes.

Já lá vão três anos sem voltar a vislumbrar a facilidade de outros tempos. O subsídio de desemprego já acabou. Vive do RSI e de horas de limpeza incertas e escassas, que não desconta.

Mesmo assim, desencantada, não quer voltar para o Brasil. Lembra-se logo dos “homens da motinha”, de capacete negro, todos vestidos de negro, numa mota sem matrícula, que atiravam e matavam, fosse num café, numa praça, ou numa esplanada. “Eu não quero saber das oportunidades do Brasil agora para nada”. Aqui está descansada, não vê a violência que a traumatizou, de ir, por exemplo, à procura em Belo Horizonte de um dos seus irmãos morto.

Contudo, às vezes, contradiz-se e põe-se a pensar se vale a pena continuar por Portugal.

“Até a saúde estão a pensar em tirar. E se tirar, eu não tenho mesmo por estar aqui. Ruim por ruim estou na minha cidade. Do jeito que isto está, daqui a pouco vai haver violência como há no Brasil. No Brasil, há violência por causa das desigualdades. Sempre vi isso. As pessoas invejavam o outro que tinha demais e eles não tinham nada. O que tinha muito pisava o que não tinha nada. E então essa desigualdade absurda começou a fazer atrito e separação”.

E cá sente que “isso vai acontecer tão breve quanto isso. A maneira como eles [políticos] estão a fazer, se não tiver condições nenhuma para viver aqui, também não fico...”

Talvez, se o barco afundar mesmo, Maria sai fora. Mas logo volta a dizer que não quer regressar ao Brasil, e anda nesta corda bamba, sem saber se fica ou se sai. Quer singrar, mas já não sabe como.

E olha para as pessoas desesperadas, e dá-lhe arrepios, como se sentisse um 'déjà vu'. "Quando há dificuldade para viver e para se comer, as pessoas começam por se atacar a si próprias e depois atacam os outros".

Cresceu nesse meio, nesse Brasil longe de Ipanema, de ordens e progressos, e consegue ver tudo isso, mesmo admitindo que não tem qualquer entendimento de política. "Você vê uma pessoa morar num condomínio fechado enquanto outro mora num barraquinho de madeira sem piso, só terra, sem saneamento, sem luz, sem nada!".

"Eu não era capaz de roubar para sobreviver. Foi por isso que vim para cá. No Brasil não havia outra alternativa".

E hoje está sem opções: sem um marido que a ajude, nesse vai não vai entre Brasil e Portugal. Maria não se decide. Por vezes diz um sim confiante em ficar, mas logo vem um talvez, e novamente o sim, quando se lembra do passado, que nunca foi bonito, com o pai a bater na mãe, e a bater nela, de sonhos cortados pela raiz, do pouco dinheiro que fazia, de tanta gente a viver no mesmo chão de terra vermelha. Sustenta-se em dúvidas e diz que vai andando - já apanhou esse tique português.

Também se divide na sua identidade enquanto brasileira, enquanto emigrante, escapando-lhe de vez em quando um "eles" quando se refere aos brasileiros, mas nunca um "nós" quando fala de portugueses.

Não se sente parte deste país. Não o sentiu no 15 de Setembro de 2012, dia em que se foi manifestar como os portugueses, cantou e gritou "como os outros", aquando dos pedidos de que se lixasse a troika.

Chegou ao Parque Verde, cheia de vontade em falar, em abrir o peito e atirar-se naquela sua força tempestuosa e aguerrida. Mas dessa vez, o medo, quase nunca presente, tomou Maria, e a coragem e a voz, na altura de falar para toda a gente, sumiu-se-lhe.

"Quando chegou ali, esmoreci todinha ver todo o mundo a dar opinião, e depois queria tanto e tanto falar... Mas não estou no meu país. É diferente, pensa que não tem o mesmo valor. Eu queria que todos os portugueses sentissem o que eu sinto, e entendessem como eu entendo. É difícil ver tantos portugueses cruzando os braços e eu estou aqui a querer fazer. Mas pensar que depois todo o mundo ia pensar: "ah, é brasileira, nem é daqui". A gente se sente diminuído. Não é a mesma coisa lutar pela terra da gente ou pela terra dos outros".

Aqui, não liga a partido nenhum, apenas tem a certeza de que Cavaco Silva nunca teria o seu voto. “Pessoa que não fede nem cheira. Ele não faz nada. E reelegeram! Fiquei pasmada”.

Maria pouco “manja” de política, mas tem sempre qualquer apontamento para fazer, seja sobre o Presidente da República, seja sobre este país que fica feito de velhos.

Volta aos pensamentos do telefonema da amiga, que lhe pedia para voltar, que lhe lembrava que não podia ajudar o barco que afundava.

Não encontra emprego no país onde ainda faz algum finca-pé para ficar. No verão de 2013, tinha a certeza de que queria viver por Portugal, mesmo sabendo da contagem decrescente até novembro, mês em que acabaria o rendimento social de inserção. Recebia 361 euros. “Não dá para viver”. Por isso, faz uns biscates à socapa das autoridades tributárias. “Não posso dizer à Segurança Social que o recebo porque depois teria que pagar tudo o que peguei. E eles não entendem que com 361 euros não consigo manter a minha casa. Tudo é dinheiro. Tudo conta”.

Vale-se também da ajuda de uma instituição de solidariedade - crucial para que se mantenha de pé o seu projeto de por cá ficar, mesmo que custe trazer os sacos de comida pela rua fora, sentindo-se mais pobre do que aquilo que era.

Já passou alguns dias sem comer, e conta-o de forma calma, desembaraçada, porque importa mais saber que para os seus filhos nunca faltou comida.

O dia-a-dia faz-se à volta dos pequenos. Nos tempos em que a libertam, prende-se à procura de emprego, nos jornais, com pessoas com quem já trabalhou, com amigos.

“Todo o santo o dia abro o Diário de Coimbra, num café perto da escola do meu filho, e não há nada. Apenas para vender porta à porta e dobrar circulares. Por mais desesperado que a gente seja não podemos ser burros”.

“Todo o mundo me queria dantes”, lamenta. Recordar um passado melhor passa a ser crónico. Nada-se em memórias, algumas apontadas no telemóvel para não se esquecerem, outras que por lá não andam, mas que a fazem igualmente sorrir e andar em frente, de queixo sempre levantado. Não se nota tristeza no seu discurso, surge apenas a revolta. A vontade de mudar pauta a voz de Maria, em histórias que conta sem rodeios.

Entretanto há que aproveitar o que se tem. Maria e os dois mais novos estão na sala. O canal brasileiro Record está ligado e os três vão fazendo pão de queijo, uma receita de Minas Gerais.

O pão de queijo sai do forno, há café com leite, e os três sentam-se no pequeno sofá a ver televisão.

Dá uma reportagem sobre uma família de 9 pessoas com um bocado de pão e um sumo para o almoço. “Nove pessoas”, exclama a sua filha de 12 anos.

O mais novo tem os olhos fixos e não fala. Um dos miúdos da família entrevistada, talvez da idade do filho de Maria, conta que não vai à escola por não ter ténis, com medo de que olhem para ele. “A gente quer viver e não tem nada para comer”, queixa-se outro dos familiares.

E Maria e os filhos olham, e olham, por vezes calados, outras vezes comentando, e parecem reter tudo aquilo e não esquecerem nunca o que vêem. “Aquilo é muito ruim”. Ouve-se a história narrada, de tom dramático, e Maria faz-se de raiva:

“Está muito bom, está muito bom... então porque é que há gente assim desgraçada?”

Aquela família de 9 pessoas dorme toda “num pequeno espacinho”, em terra, e Maria lembra que também com ela era assim, quando nasceu o seu filho mais velho, numa casa de madeira, com buracos na parede, onde cabiam sete a dormir numa esteira. Não quer voltar. Não quer. Ainda por cima a relembrar-se daquele Brasil pouco convidativo, longe das novelas das oito.

Se for para o Brasil, Maria vai triste, contra a sua vontade, obrigada. “Quando a gente emigra para algum lugar pensa em crescer e não em diminuir”.

E nestes tempos descompassados, Maria ainda tem que se preocupar com o aneurisma que lhe foi diagnosticado. Sabe que pode morrer num instante, sem avisos, num estalar de dedos soturno. O seu filho mais novo soube do aneurisma da mãe quando ouviu uma conversa entre Maria e o mais velho. Preocupado, atormentado, passava os dias à beira da cama da mãe.

-Vai dormir.

E o filho mantinha-se por lá, não abandonava o posto, como um soldado mais poético que a poesia:

-Mas ó mãe, eu vou ficar aqui porque se você começar a morrer eu te chamo para mim.

E choravam os dois, abraçados, em coisas maiores que palavras. E é aí que reside o maior medo de Maria, medo maior do que não ter emprego – deixar os seus filhos assim - sem quem os acolha. E Maria, pela primeira vez, esconde a cara, soluça, tenta

respirar e desaba num choro, com a casa em silêncio, suspensa, cúmplice, testemunha de a ver tentar por aqui ficar. E por aqui se demorar... a ver os filhos crescer.

## **Narrativas incompletas IV**

Daniel voltou-se para a terra para procurar um melhor futuro. Quer um dia trocar Seixal e o prédio de nove andares, onde vive, pela pacatez de Alenquer, em cima dum monte, virado para o ermo, o Tejo em baixo, com o som constante do assobiar do vento. É funcionário municipal e a mulher trabalha a recibos verdes. Tem medo do futuro e por isso aponta para a terra. Não comprou jipe, com os apoios. Foi tudo para as instalações. “Aqui vão estar as ervas aromáticas, tomilho, erva cidreira... Ali devo aproveitar para cogumelos...” e assim desenha o seu projecto, entusiasmado. Não se voltou para a terra por ele, mas pelos filhos. Suspeita que, para eles, o futuro será pior. Com tanta dúvida, a terra parece dar certezas. O tempo parece-lhe menos incerto que o país.

Artur é feirante e ainda não se deixou vencer pelas marcas chinesas. “Só calças portuguesas”, assegura, quase de punho em riste, numa batalha que já é quase só sua e de mais uns quantos. Não sabe o dia em que se terá que virar para as chinas. Dois



filhos. E é isso que o preocupa. O mais velho já se encaminha, "tem trabalho quando quiser". Mas a mais pequena, essa é que lhe tira o sono, à noite, antes de saltar às 5 da manhã para a carrinha e ir até à feira montar a tenda, sozinho. "Tem tão boas notas e gostava que ela fosse para a universidade. Mas como as coisas estão, não sei". Diz isto e é o único momento em que a sua cara de homem simpático se vira para o chão e depois para o ar, agarrado a uma esperançazinha que sabe ser frágil e por isso perde o sorriso.

Francisco, de cabelos brancos, olho azul vivo, vende artigos de bebé. As vendas desceram?, a resposta é óbvia: "falta de dinheiro e falta de bebés". Está complicado. Não sabe se um dia terá que emigrar para França. Já não sabe se aguenta muito mais tempo a vender artigos para bebé. Mas não lhe preocupa a sua vida ou o seu futuro. O que preocupa Francisco? A voz trava, soluça, a lágrima chega ao olho mas não desce, aguenta, sustém o ar. Inspira e desabafa: "a minha neta de 4 anos. Tenho medo que ela passe pelo que tive que passar. Que se volte a outros tempos..."

## **Olhares e ecos**

### **Os sonhos, a crise e as nuvens**

*São alunos do 3º e 4º anos. Alguns têm os pais emigrantes, outros vão emigrar. Há meninos que vêem o embaraço dos pais quando não há dinheiro para pagar as contas, outros admitem que falta para a comida, e no meio de tudo pedem um mundo melhor, mais justo, com perguntas e respostas que desarmam. Aqui, estas crianças falam de sonhos, da crise, da outra que ouvem e sentem em casa, de soluções, de quem é a culpa, da desconfiança, do medo. "A crise é como uma nuvem negra".*

**Beatriz, 9 anos**

A crise? Acho que é a falta de dinheiro em Portugal. Temos menos dinheiro e há mais pessoas que já não querem trabalhar porque os trabalhos são muito difíceis e algumas pessoas do trabalho já não pagam.

Eu acho que há uma solução. Mas não sei como. Eu não sei como é que se faz o dinheiro, mas acho que não devia haver dinheiro e que as pessoas que cultivavam davam a todos, outras que faziam móveis davam.

As pessoas desistem de ter filhos porque não há dinheiro para comprar comida para eles.

Gosto de ser portuguesa. Porque quando nós vivemos num sítio, habituamo-nos a estar ali e não queremos ir para outro sítio qualquer.

### **Beatriz C, 8 anos**

Eu sei que estamos em crise porque a minha mãe às vezes tem muitas dificuldades em comprar algumas coisas, como a comida.

A crise é a falta de dinheiro. É um sentimento triste. Custa-me.

Acho que os políticos são verdadeiros porque têm que querer o bem para as pessoas.

Devíamos pôr as coisas mais baratas, porque assim a minha mãe já podia comprar mais coisas.

### **Beatriz M, 10 anos**

A culpa é dos presidentes. Eles aumentam os preços, o iva, a gasolina, aumentam tudo.

Os políticos são mentirosos, porque dizem que este ano ia estar melhor e ficou pior!

A solução para a crise é mudar de presidentes.

Se pudesse punha-me a mim como presidente. Porque ao menos ia ser sincera com os portugueses, só ia dizer a verdade. Quando for grande quero ser presidente. Portugal vai melhorar comigo.

Mas acho que não vou conseguir viver em Portugal para sempre, porque a vida cá não está fácil. Acho que Portugal podia ser melhor do que é, se nós quisermos... E poderia ser melhor comigo. É o meu sonho: ser presidente e acabar a crise.

### **Carolina, 8 anos**

Continuo a ser feliz, mesmo com a crise.

Agora vou para o Brasil e não sei se volto. Não sei se quero ir para o Brasil, mas sou obrigada.

O que é que não gosto em Portugal? Da crise.

**Carolina L, 9 anos**

Com a crise não posso comprar tantas coisas.

Acho que a crise deixa as pessoas tristes. Em minha casa não há tanta felicidade.

Sou mais triste agora.

**Cynthia, 8 anos**

A minha mãe queixa-se da crise, fala sempre sobre isso com as amigas ao telefone, diz que está a continuar a ser crise e que ela agora tem que trabalhar ainda mais.

A crise deixa-me menos feliz porque não posso comprar um caderno novo ou livros.

Eu não sei qual é a solução para a crise. Alguns são ricos, alguns são pobres. Não acho bem. Os ricos podem comprar tudo, e os pobres só podem comprar qualquer coisa. Isso é injusto.

**Daniela, 9 anos**

Sinto muito a crise em casa. O meu pai foi agora três meses para Angola por causa da crise. E a minha mãe está com trabalho mas não recebe há três meses.

Custa-me ver o meu pai a ir para outro país, mas tem que ser.

Se eu for boa aluna posso receber uma bolsa e será mais fácil entrar na universidade, que é para os meus pais não terem que pagar a universidade.

Eu quero viver no sítio onde cresci.

A crise para mim é como uma nuvem negra à minha frente que não dá para tirar, deixa-me triste e deixa triste a família toda.

O ser humano não é perfeito. A culpa é parte dos políticos mas parte vem de nós.

**Diogo, 10 anos**

Queria andar na escola até ao 12º ano. Não vou para a universidade porque podia ficar cara e a minha mãe não conseguia pagar.

Acho que vou trabalhar nos moldes, porque o meu pai trabalha lá e ganha-se algum dinheiro que chega para me sustentar.

Quando for grande estive a pensar em ir para o Brasil. É maior, há mais profissões, mais oportunidades... acho que teria uma vida melhor lá do que cá.

Às vezes a minha mãe tem que pedir dinheiro emprestado.

O Passos Coelho é mentiroso. O Sócrates não, porque ele abriu a fábrica dos Magalhães e gosto dele. Foi o primeiro computador que tive.

Acho que Portugal podia ser melhor do que é. Mas não consegue. Realmente, não consegue...

### **Dulce, 10 anos**

As pessoas estão a perder as coisas. Isso é a crise.

Eu sei que os meus pais estão a passar muitas dificuldades. Apercebo-me que eles estão sempre a poupar tudo.

Dos políticos conheço o Passos e o Relvas, mas não gosto de nenhum. Não confio neles. São mentirosos.

### **Joabe, 9 anos**

Em casa fala-se da crise. A minha mãe nem dinheiro tem para pagar a fotografia da escola. Um tio meu até foi a uma manifestação em Lisboa por causa da crise. Se pudesse também ia.

A crise é muito má para toda a gente, e não temos dinheiro para quase nada, às vezes nem para comer...

Para mudar isto devíamos fazer manifestações para Portugal ficar como estava antes.

Gostava de ser futebolista porque assim ganhava muito dinheiro e com esse dinheiro já não havia crise para mim.

### **João M, 8 anos**

Oiço os meus pais a dizer que está muito mal e que não há dinheiro para comprar coisas para casa.

### **João P, 8 anos**

Custa-me ouvir os meus pais dizer que não há dinheiro suficiente para comprar coisas.

Os meus pais estão mais tristes agora. Andam mais preocupados.

De Portugal, só não gosto da crise.

**Laura, 10 anos**

Em casa não se fala da crise porque o meu pai está em Angola, e por isso não falamos desse assunto.

Ele teve que ir para estarmos bem. E depois o meu irmão que tem dois anos e está sempre a chamar pelo pai...

Não confio nos políticos. Acho que mentem muito. A solução era despedi-los.

Punha lá uma pessoa que ao falar não mentisse muito e que fizesse o que está a dizer. E que soubesse pelo que as pessoas passam!

Eu quero ser advogada. Se começar a trabalhar nas férias de verão, arranjar uns trocos, acho que consigo ir para a universidade, porque ela é cara.

Os políticos deviam-se meter no lugar das pessoas que estão a ir para fora e estão a deixar as famílias.

Eles vão querendo ficar naquele lugar, e dizem mentiras para continuar lá, mas acho que as pessoas vão deixar de acreditar nestes políticos.

**Luís Filipe, 8 anos**

A crise é mandar-se muitos trabalhadores para o desemprego.

Eu sinto a crise de forma muito má porque ataca as pessoas que têm menos dinheiro.

Os políticos não andam a tratar bem da economia. Fizeram asneira e muita!

Acho que somos mais tristes agora. Não podemos passear e antes íamos a muito sítio.

**Marisa, 9 anos**

Comecei a sentir a crise porque o meu pai emigrou para a França e no final deste ano nós também vamos.

O meu pai cá ganhava muito pouco. E a culpa era da crise. Sei que ele estar lá fora é por uma boa causa, que é para a família ter dinheiro.

Porque é que eles tinham que entrar em crise? Podia não haver dinheiro e trabalhavam uns para os outros. A culpa é de todos os países.

Não gosto da crise porque obrigou o meu pai a sair do país.

A semana passada só estávamos com 50 euros à espera do dinheiro do meu pai.

A solução era os políticos deixarem todos o governo e passarem um dia no nosso lugar e depois iam ver como é que era.

Acho que daqui a 50 ou 60 anos podemos ser tão felizes como no 25 de Abril.

### **Matilde, 8 anos**

Fala-se da crise quando peço as coisas e os meus pais dizem que não têm muito dinheiro.

Neste ano tenho ouvido mais o não. Já estou habituada.

A crise deixa-me um bocadinho triste, mas sou feliz na mesma.

### **Rafael, 9 anos**

O meu pai trabalha, mas a minha mãe está desempregada e aí ficou mais complicado.

Os meus pais dizem que às vezes não têm dinheiro por ser crise. Não têm dinheiro para comida, ou para pagar a luz e a água, às vezes ficamos sem televisão.

Eu às vezes guardo algum dinheiro. Já tenho 82 euros e nunca usei o dinheiro por causa da crise, porque pode ser que precise dele.

Ainda temos comida suficiente e isso é que importa.

### **Vitor, 10 anos**

Os meus pais queixam-se. É só o meu pai que trabalha. A minha mãe está desempregada há um ano.

A culpa é do governo. Não gosto dos políticos porque eles tiram-nos coisas, dinheiro, trabalho.

Gosto de Portugal, mas o problema é que cá não há dinheiro nem emprego.

O meu tio disse que França está boa, e portanto se calhar vou para lá quando crescer.

## **Que futuro?**

*Estão no 10º e 11º. Têm entre 16 e 18 anos e procuram entender o futuro: acabar o secundário, procurar trabalho ou tentar um ensino superior sem garantias profissionais. Depois? Emigrar ou ficar? A crise, a percepção da mesma, o desprendimento, os anseios e sempre a mesma tecla batida: o futuro.*

**Adriana, 17 anos**

Ainda não sei se vou prosseguir estudos. Com qualificações ou não, tem-se dificuldade em encontrar emprego.

Tenho um bocado de medo do futuro. É incerto. Hoje posso ter tudo e amanhã posso não ter nada.

**Alexandra, 15 anos**

Como isto está, não quero viver em Portugal. Gosto do país, mas não gosto da situação.

Parece que as pessoas já não têm alegria, esperança, motivação...

Eu tenho esperança, mas também tenho medo de não ter uma boa vida e não fazer aquilo que quero. Acho que cada vez mais nos temos que sujeitar. E custa-me admitir isso.

**Alice, 16 anos**

Não quero manifestar-me que não quero essas confusões.

Não confio nos políticos. Acabam todos por fazer o mesmo.

Quero tirar um curso, que daqui a 4 anos isto já estará melhor.

Se houver oportunidade no estrangeiro, vou.

**Ana R, 17 anos**

A gente sente muito a crise. Tenho os dois pais desempregados.

Já comecei à procura de emprego para o Verão. Fui a cafés, lojas, e todos me dizem que não.

Manifestei-me pela primeira vez no 2 de Março com a música de Abril. Quis mostrar a minha revolta, mas são muito poucos os colegas meus que se manifestam.

Não vou prosseguir estudos. Cheguei a pensar em ir para a universidade, quando entrei no 10º ano, mas agora já não.

Não me preocupa muito o futuro. Nem que vá varrer ruas quando sair daqui... Já não me importo.

**Ana S, 18 anos**

Tento evitar ver notícias, para não ver o que acontece no país.

Quero acabar o 12º e depois ir trabalhar. Sempre pensei assim. Mas dantes tinha o futuro mais claro...

Gosto do meu país e quero viver aqui, mesmo em crise.

Acho que tenho esperança em Portugal. Pelo menos gostava... mas tenho receio. Penso muito em acabar o 12º e depois não ter trabalho.

### **Anabela, 16 anos**

Em casa, falamos no desemprego, do que aparece nas notícias. Fábricas em falência, problemas económicos...

Olho para o futuro e penso nos meus amigos que procuram emprego e não encontram. Penso nisso. Não sei se terei facilidade.

Tenho receio, mas se lutarmos e formos mais além isto pode mudar.

### **Ariana, 18 anos**

Noto diferença nos gastos que tenho, por causa da crise.

Talvez no futuro me manifeste, mas acho que não muda nada.

Não quero prosseguir estudos que, da maneira como isto está, fazemos licenciatura e não temos emprego e temos que ir para fora, afastados da família, das origens...

Não sei o que vou fazer. Estou disponível para fazer qualquer coisa. O que quero é trabalhar. Antes, pensava que acabava o 12º e teria logo emprego.

### **Bárbara, 18 anos**

Queixamo-nos da crise em casa porque nos dificulta a vida. Tínhamos um carro bom e tivemos que deixar de o pagar, porque os meus pais estavam desempregados...

Quero tirar enfermagem. Quero a área da saúde porque aí vou conseguir trabalho.

Não quero viver em Portugal. Sei que há países que me vão dar melhores possibilidades de emprego e qualidade de vida.

Disseram para irmos para fora, e nós vamos fazer-lhes a vontade.

### **Carina, 17 anos**

A qualidade de vida é a mesma porque nunca tivemos grandes extravagâncias.



Acho que os políticos fazem o trabalho deles.

O que quero fazer? Arranjar emprego. Já tive sonhos... ser animadora, enfermeira...

Se emigrar é por necessidade. Tenho medo do futuro. Acabo o 12º e depois? Faço muito essa pergunta.

**Catarina, 18 anos**

Notei muito a crise em casa. Tive que vender o telemóvel. A vida mudou drasticamente de há 2,3 anos para cá.

Como isto está, acho que vou emigrar.

Quero ir para a universidade, casar, ter filhos e trabalhar. Já tenho namorado para casar, mas não tenho trabalho. Se calhar vou ter que trabalhar para, aos 50, casar e ter um filho.

Gostava de ficar por cá, mas não sei se consigo.

Já tive mais esperança em Portugal. Pode ser que isto dê a volta. Mas tem que partir de nós, tem que partir de baixo.

**Cátia, 17 anos**

Sente-se muito a crise, que é só a minha mãe a garantir a sustentabilidade da casa.

Não confio nos políticos. Precisávamos de políticos que viessem de estratos sociais mais baixos, que soubessem o que custa a vida.

Gostava de ir para a universidade, mas não tenho possibilidades. Tenho medo que não me atribuam bolsa. E sem bolsa... custa muito. Os que têm mais possibilidades financeiras não deveriam ter mais oportunidades que nós.

Em Portugal, não gosto das injustiças, e disso Portugal tem muito.

Atemoriza-me ir para a universidade, esforçar-me e depois não arranjar emprego.

**Cristiana S, 16 anos**

Sempre quis Comunicação Social. Os professores alertam-me e dizem que não, mas tenho que seguir o meu sonho.

Tenho medo de não conseguir arranjar emprego na área, sei lá, ter dificuldades financeiras... penso cada vez mais nisso.

**Fábio, 16 anos**

Quero ser alguém na vida, ter um bom emprego. Vejo tantas notícias sobre jovens que têm que emigrar e acho que me pode acontecer o mesmo.

Quero viver nos Estados Unidos. Nos filmes vê-se que a vida lá é melhor.

**José, 16 anos**

Em casa fala-se dos bancos, do dinheiro mal gasto... mas eu não participo nessas conversas.

Confio mais ou menos nos políticos.

Não penso muito no futuro.

**Mariana, 16 anos**

A oposição perde tempo a discutir uns com os outros. Nas notícias só os vemos a discutir...

Gostava de viver em Portugal, mas também gostava de sair. Sei que lá fora terei mais oportunidades e serei mais valorizada.

Gosto do meu país, mas temos uma população velha, triste e deprimente.

Se tiver filhos, aterroriza-me não lhes conseguir dar o que precisem.

**Marta, 16 anos**

Fala-se da crise em casa, mas não participo nesses debates.

Não confio nos políticos.

Não quero viver em Portugal... há rumores de que podemos voltar à ditadura e isso assusta-me.

**Sara, 16 anos**

Não vou prosseguir estudos que só tenho a minha mãe e ela está desempregada. Se pudesse gostava de ir para a universidade tirar Tradução.

Custa-me, porque queria alargar os horizontes. Sinto-me injustiçada. Acho que a gente deveria ter todos as mesmas possibilidades.

Sonhava com a universidade e agora tenho que pôr essa ideia de parte. Sonhar, só se for à noite...

Não quero viver em Portugal. Isto está por um fio. É tudo tão incerto... A minha mãe diz que vai haver outra guerra.

**Sónia, 18 anos**

Agora só se compra o que se necessita mesmo. Os meus pais queixam-se que está muito complicado.

Quando penso no futuro e na universidade, penso muito mais nas saídas dos cursos do que naquilo que realmente quero.

Acho que o futuro vai ser melhor. Não tenho receio, que estarmos assim não mata. Há situações piores...

**Tiago, 17 anos**

Fui a Lisboa manifestar-me no 15 de Setembro. Não aceitava as medidas do governo e a única maneira de me exprimir era manifestar-me. Fui com alguns colegas. Não confio nos políticos.

Pode ser que emigre. O pai e a mãe não estão aqui a vida inteira...

## **Ensaio sobre o alheamento**

*“Se votasses hoje, votavas em quem?”. Uma pergunta feita aos mesmos dezanove alunos do 10º e 11º anos. Uma procura pela lucidez nos eleitores de um futuro próximo.*

Adriana: Nem sei quem anda lá na política... Votava em branco.

Alexandra: Não faço a mínima ideia.

Alice: Votava em branco.

Ana R: Votava em branco. Não quero ter a culpa de ter ajudado males maiores.

Ana S: Não sei.

Anabela: Votava nulo.

Ariana: Nos comunistas. Já o meu avô votava no PCP e eu vejo que eles têm umas leis certas.

Bárbara: Votava em branco.

Carina: Não sei.

Catarina: Até estar lá o Louçã, votaria no Bloco. Agora, talvez noutra pequenino.

Cátia: Não votava. Não estou muito por dentro.

Cristina: Talvez votava no PS, que os meus pais são do PS.

Fábio: Votar, votava. Talvez em branco.

José: Não sei em quem votava.

Mariana: Talvez PSD... Não. Não sei.

Marta: Não ia votar.

Sara: Não votava.

Sónia: Não sei.

Tiago: Votava em branco. Não concordo com nenhum partido.

## Narrativas Incompletas V

Uma senhora, possivelmente nos seus 50, deixa-se de inibições e vai de mesa em mesa tentar vender umas flores de pano, desenxabidas. Diz que não tem nada. “Ao menos não peço. No café nem um copo de água me dão”, desabafa contra três senhores, possivelmente também nos seus 50, que a desprezam e a enxotam. A mulher barafusta e não se cala, mesmo que já caminhe para outra esplanada, a vender aquelas flores de pano, desengraçadas e sem jeito, feias e azuis - um cravo antagónico.

Uma mulher com dois iogurtes na mão na fila do supermercado. Assim que vê o preço, repara que são mais 20 cêntimos. Fez mal as contas. Não tem esses 20 cêntimos. Diz adeus a um dos iogurtes. Fica embaraçada, a cara rosa de vergonha. Não tem 20 cêntimos. Sai, de cabeça baixa, apenas com um iogurte.

José está sentado nuns degraus, com uma caixa ao colo. Ergue um pedaço de cartão quadrado à frente da mesma. “Sou desempregado, tenho dois filhos e o Estado não me ajuda”. José parece esvaído de força. Tem a cabeça descaída para o colo e evita olhar para as pessoas que passam no Chiado. Nota-se derrota na cabeça pendida e vencida, que apenas se levanta quando alguém lá deixa uma moeda e diz obrigado. “Há 9 meses que não como um bife e só fumo cigarros quando mos dão”. Há oito meses que está sem trabalho, há quatro começou a pedir. Faltava comida, faltava leite, faltava tudo. Repete a sua condição, exaustivamente. Cansado, farto, deixa um aviso: “Se um dia não tiver que dar de comer aos meus filhos, não tenho problema nenhum em agarrar numa fusca e estoirar com os miolos do Passos”.

Catarina tenta “aguentar e engolir”, mas o choro ataca-a, não o consegue domesticar, quando diz aos filhos que só há pão e leite. E lá vêm os dois filhos, dizer “mãe, não estejas assim”, “mãe, não faz mal”. E Catarina tenta, tenta, “mas não dá. Eu tento não chorar, mas não dá. Chego ao final do mês, que é a semana mais complicada, e choro”. E fica Catarina, de olhos tristes, vermelhos e calejados, à espera de outro futuro. “Vamo-nos aguentando. Vamo-nos calejando”.

**a depressão e a renúncia em tempos de crise**

## **O acto de cair**

*Quando tudo cai. Quando se pensa em dizer adeus, em se ficar no chão, depois da queda. Quando se é uma pedra no sapato. Quando os ombros encolhem. Quando se desiste. Quando o sentimento de rejeição emerge. Quando a depressão desponta. Quando os olhos choram, continuamente. O que fazer quando tudo cai?*

## **As pedras no sapato**

“Tenho 48 anos. Tenho um filho de 30 anos e sou divorciada.

Comecei a trabalhar aos 16 anos, nuns part-times, para poder comprar qualquer coisa para mim. Estudava e trabalhava. E claro, ajudava os meus pais, que tinha mais 5 irmãos, um mais novo que eu.

Entretanto, fui trabalhar para um colégio particular. Uma menina, de 17 anos, a tomar conta de meninos.

Continuei a estudar. A vida não é difícil, aos 17 anos. É mais difícil agora. E o que é certo é que continuei a minha vida dentro daquela escola e trabalhei lá 26 anos.

Sempre adorei o que lá fazia e, sei lá, aquilo era um escape para mim. Adorei trabalhar com crianças.

Na altura fazia-se um pouco de tudo. Ajudava a descascar umas batatas na cozinha, se fosse preciso fazer uma limpeza eu ia, num estudo acompanhado, estava lá com quatro turmas sozinha... Tínhamos que trabalhar na nossa hora de almoço e não dizermos não faço ou não vou. A directora dava sempre a mesma resposta: “a porta da rua é a serventia da casa”.

Era um trabalho muito cansativo, física e psicologicamente. Depois, ao final de uns 20 ou 21 anos, as coisas começaram-se a complicar em termos financeiros e aquilo passou a semi-estatal.

O 1º ciclo era particular e o 2º e 3º ciclo era estatal. E aí entrava qualquer tipo de criança. Os miúdos com as camisolas de marca ao lado dos miúdos com as solas descoladas. E aí não se pode escolher entre os meninos bonitos e os ranhosos. Mas havia um tratamento especial por parte de toda a gente aos meninos ricos.

As minhas colegas tinham muita inveja de mim, que os miúdos adoravam-me. Antes de ir para a aula, eram capazes de me dar um beijo antes de entrar, suados ou sujos. Não me importava.

Quando trabalhava na escola, em defesa dos miúdos, atirava-me muito às minhas colegas pela maneira como elas falavam e tratavam os miúdos. Nunca me calei em relação aos outros. As pessoas não se podem calar, e é por nos calarmos que as coisas estão assim. Nunca me calei. Não achava bem que se trabalhasse para se receber uma prenda no Natal ou na Páscoa. As minhas colegas trabalhavam para isso. Eram mais simpáticas para aqueles que podiam dar melhores prendas.

Entretanto surgiu o meu divórcio, quando tinha uns 38 anos. A minha vida financeira começou-se a complicar. E arranjei um part-time a trabalhar na área da restauração, que é uma coisa que gosto muito. Fazíamos comida feita na hora, o cliente escolhia o que queria e fazia-se ali à sua frente. Então trabalhava assim. E eu gostava muito daquele serviço. Dediquei-me àquilo. Lá, trabalhava das sete da tarde até às onze da noite. E, na escola, era das nove e meia da manhã às sete menos qualquer coisa.

Trabalhei assim durante anos, talvez uns seis, sete anos assim. A trabalhar na escola e ali.

Quando eu pedia um aumento aos donos do restaurante eles diziam que aquilo andava mal. E então comecei a fazer as contas e reparei que a gerente, fazia um desvio na caixa, à descarada, com uma grande lata. Fartei-me e contei aos patrões.

E então os patrões vieram ter comigo e perguntaram-me se queria ficar com a loja. E comecei a pensar que conseguia ultrapassar o dinheiro que a loja estava a dar naquele momento.

Resolvemos fazer um contrato, e resolvi pôr uma pessoa da família que precisava de um empurrãozinho financeiro a trabalhar comigo. Mas ambas tínhamos empregos paralelos. E então pus lá a filha dessa minha familiar, que estava desempregada, e gostava muito dela, confiava nela, e pu-la a tratar da loja durante o dia. Os fornecedores faziam-me queixa de que tratava-os mal, os empregados queixavam-se que ela não trabalhava, e eu fechei os olhos.

Andei assim 6 anos. Ao final de 6 anos complicou-se muito com a filha da minha sócia. Eu não aguentava mais aquele desgaste.

E depois, no meio disto tudo, tinha que tratar do meu filho, da minha casa, e ele precisava de mim, porque tinha feito uma operação muito grande, e andava a estudar, precisava de apoio... Acabou por crescer um bocadinho à força.

Foi uma fase complicada da minha vida. Mas como estava ocupada, não tinha nenhuma depressão.

As pessoas perguntavam-me: como é que consegues dormir? Chegava a casa, fazia as minhas coisas, deitava-me e não voltava a pensar. Deitava-me por volta das duas e meia e acordava sempre às oito da manhã, mas sempre com uma grande energia, uma grande vontade de trabalhar.

Nas duas horas de almoço dormia. Despreocupada. O meu despertador era a campainha da escola e aquelas horas eram uma recarga.

No restaurante, consegui passar de 300 euros para 1000, 800, 900 diários. E gabo-me disso. Consegui tirar um ordenado para mim, para a pessoa que estava comigo, para os ordenados dos funcionários, os franchisadores, a renda, as contas da água, luz, gás... e ainda pagar o roubo que a filha da minha colega fazia na caixa. Isto só podia ser castigo.

Chegava a Setembro e acabava o contrato e perguntei pelo contrato definitivo aos franchisadores para revalorizar a minha situação. Diziam, diziam, mas aquilo não se dava.

Era muito complicado para mim ver a maldade das pessoas. Talvez de trabalhar com crianças, ganhei um pouco de ingenuidade.

Depois havia a filha da minha colega. A mãe não acreditou em mim. Houve muita confusão, até que cheguei a uma altura em que acabei com aquilo tudo. A ASAE já me



ameaçava que ia fechar caso não fizesse umas obras, mas os franchisadores não queriam saber disso.

Então a ASAE fechou a loja a meu pedido. E voltaria a abrir com novas instalações.

Falei com a administração da imobiliária a dizer que estava interessada em ficar com o espaço. Acabei com a sociedade, terminei com tudo e depois despedi-me da escola, quando o restaurante abriu.

Abri o restaurante quatro meses depois de ter fechado, em Junho de 2008, com um nome próprio, com uma marca própria, sem ser franchising.

Comecei do zero, na loja. Nunca pedi dinheiro nenhum ao banco. Nada. Fiz tudo sozinha. Consegui encher a despensa dos fornecedores, pagava a cinco funcionários, e mantinha aquilo aberto das 9 da manhã até à uma. Sem folgas nem nada.

E a partir daí estive ano e meio, dois anos... a trabalhar com a minha loja.

Dava para pagar tudo, mas não tirava um ordenado.

Conseguia tirar alguma coisinha para ajudar nas despesas do meu filho. Mas conseguia controlar as coisas, minimizar as despesas, naquilo que se podia cortava-se... mas infelizmente a crise começou a bater à porta de muita gente.

Nessa altura estava esgotada, prontinha para ter uma depressão. Não consegui. Sozinha, não consegui. Com a casa a facturar cada vez menos, não havia clientes. Posso dizer que eram todas as casas, mas cada uma aguenta a sua. E prontos, acabámos por fechar em Junho de 2011. Quando fechei eu, fecharam mais umas 7 lojas no mesmo edifício. Custou-me muito fechar. No 1º ano em que fechei, voltei a perder tudo...

A minha sorte é que não tinha dívidas. Eu tinha a loja paga.

E, no primeiro ano em que nós fechamos andei um bocado passadinha da cabeça. Era o meu projecto. Eu tinha trabalhado tanto...

O último dia foi 8 de Junho. Foi fechar o toldo. Lá, aguentei-me sempre. Nunca mostrei a ninguém. Nesse dia quis dar força a mim e ao meu filho. O que mais me custou foi chegar o outro dia de manhã. Que eu levantava-me e tinha um objectivo, e era um projecto meu. No dia 9 de Junho, foi aí que desabei, foi ver que não tinha nada à frente. Mas estava hipnotizada... ainda andava na ilusão de que eu conseguiria dar a volta por cima daquilo. Durante um mês ainda entrei dentro da loja para tirar coisas que lá tinha dentro. Andei dormente durante um mês, pensei que tudo ia correr bem,

pensava que ia arranjar trabalho, as chatices com os funcionários, com os fornecedores, eu queria deixar de ser patroa, só queria trabalhar.

Andei adormecida durante um mês, a achar que ia dar a volta à situação, ao fim do mês, desisti - é que caí por terra. Mas achei que a minha vida fosse diferente, que ia ter um trabalho, e depois teria um fim de semana, podia sair com os meus colegas... podia aproveitar um pouco a vida, ter algum descanso.

O meu filho pede-me para esquecer. E demorei muito tempo a esquecer. Tinha muito tempo livre para pensar. Estive muito muito mal, ao final desse mês, revoltei-me muito. Foi com o tempo, revoltei-me porque tinha perdido tudo, estava mal, sem trabalho, sem nada.

Não é preciso ser-se inteligente ou fazer as coisas, é preciso também ter sorte. E eu não a tive. Mas parece que atraio só coisas más. Parece mesmo que há aqui um íman qualquer que me atrai só as coisas más....

Só pessoas a puxarem-me o tapete...

Mas sempre pensei que até à idade que tenho... só fiz o bem a toda a gente, e é isso que me aguenta aqui. Mas tive momentos em que pensava em acabar com a minha vida. Muitos momentos em que pensei: não quero viver aqui. Porque achava que estar aqui só prejudicava os outros, inclusive o meu filho que o fazia sofrer junto comigo.

Achava que as pessoas olhavam para mim como uma derrotada. Foste burra e ficaste sem nada. É uma questão de sorte, não é de não se saber fazer as coisas. Eu tive iniciativa, tive esperteza... mas não. Não.

E chegar ao fim, acordar, e pensar nem sequer valeu a pena nasceres para chegares onde chegaste. Passava muito tempo sozinha em casa, as despesas acumulavam-se, não recebia dinheiro nenhum, não encontrava trabalho.

Depois arranjei um trabalho, passados uns meses, 4 meses depois. Fui trabalhar por conta de outrem, num restaurante. Durante 4 meses pagaram-me 500 euros. E pronto, a minha vida é esta.

Nunca pensei ficar assim. Nunca. Nunca me imaginei pedir ajuda a alguém. E pedir ao meu filho...

É desesperante. Senti-me muito mal em pedir ajuda, continuo a sentir-me mal, sinto vergonha, como mãe não devia pedir nada, devia ele pedir-me a mim. Ele tem 30 anos, quer viver a sua vida, tem as despesas dele, tem as coisas dele, e tem uma pedra no sapato que tem que arrastar, e sinto que sou essa pedra.

Qualquer mãe ou pai, e não deverei ser a única, sente-se assim. Pedras nos sapatos dos filhos.

Não quero chegar à idade da minha mãe, que tem agora 81 anos. Quero morrer antes. Porque não quero dar trabalho ao meu filho, já estou a dar demasiado trabalho agora. Não quero ser dependente de ninguém, não quero ter dificuldades na vida, e porque quando chegar a reforma não a vou ter, vou continuar a ser a pedra no sapato do meu filho...

O que me ajuda muito a viver é a minha cadela. Tem 3 anos. A minha cadela é a minha terapia. Ajuda-me muito, tenho-lhe um amor tão grande pela cadela... Ela é toda bege, uma junção entre husky e labrador, e é muito inteligente.

As minhas amigas dizem-me para sair mais, mas gosto de estar sozinha. Tenho momentos. Há aquele momento em que chego a casa e me sinto um bocadinho mais em baixo... gostava de contar o dia, o companheirismo, isso falta-me. Mas tenho momentos em que não tenho nada para fazer nem dizer e aí não me custa tanto.

O meu filho também esteve muito mal nessa altura. O que o ajudou foi libertar-se durante o dia porque trabalhava, tinha a cabeça ocupada. Mas à noite, quando ele chegava, sofriamos os dois.

Houve uma altura em que lhe disse que não queria viver mais. Ele sabe que eu sou uma pessoa forte, e ele dizia sim, sim, faz, faz, porque nunca pensou que eu o ia fazer, ele não levava a sério, tentava-me não levar a sério. Havia alturas em que nos chateávamos por não haver dinheiro e havia despesas para pagar, e eu dizia apetece-me desaparecer, e cheguei a pensar em fazer a mim e à cadela, que depois ficava sem ninguém. Eu pensei de forma concreta. Até tinha método. Várias vezes pensei.

Às vezes, as pessoas católicas como eu costumam-se revoltar contra Deus, mas eu não me revoltei apesar de ter perdido tudo, a culpa foi minha, não foi Deus. Não abri os olhos. Confiei demasiado, devia ter sido mais ríspida, mais dura... se tivesse dado ouvidos ao meu filho...

É muito difícil olhar para o futuro e é revoltante. O que é o meu futuro? O que tenho de futuro? Não vejo um futuro. Não vejo nada, não vejo nada, não vejo nada”.

## **“Isto de não ter dinheiro”**

*A casa é pequena. A cozinha é pequena. Os quartos são pequenos. A humidade mancha as paredes, improvisa-se uma sala naquilo que seria a garagem. Júlia, 66 anos, e Domingos, de 80, a viverem em Cacia, perto de Aveiro, apresentam-se, de caras enrugadas e desalentadas. Sentamo-nos, mais uma filha, que vive ali perto. Na mesa deixam uns quantos papéis. Contas de água e luz, os recibos das penhoras, as receitas médicas por aviar.*

*Júlia está exaltada. Está sempre. Nervosa, agitada, atira-se a tudo e a todos. A língua não lhe falta e dispara o tumulto que leva dentro. Domingos é a calma, o balanço, fazendo descontos ao desvario da mulher. Em redor da mesa, entre a fúria de um e a calma do outro, falam da vida, recente e passada, madrasta e dura, de outras vidas que já se foram (parte das deles também). Júlia e Domingos, acompanhados de uma filha, contam a sua história, pautada pela revolta de terem uma reforma que os atira ao chão.*

Júlia: Eu comecei a trabalhar aos 12 anos, na cortiça. Olhe aqui e aqui. Isto! Tenho as mãos todas cortadas.

*Aponta para as mãos e para as pequenas cicatrizes quase imperceptíveis que lhe recordam todos os dias o trabalho na cortiça.*

la todos os dias a pé que a camionete era 7 tostões. Eram duas horas de caminho, todos os dias. É verdade. Pagava-se pouco e não havia dinheiro...

Domingos: Eu, ou ia de camioneta ou a pé. Trabalhava desde os 8 anos, a pastar porcos, éguas, cavalos. Mas na altura não se descontava. Depois estive a mondar com as mulheres com 11, 12 anos; depois aos 15 puseram-me ao pé dos homens a cavar e aí disse adeus. Que aquilo era puxado, não gostava. Pus-me doente e não fui trabalhar. Fui pedir trabalho nas obras. No dia seguinte estava a trabalhar lá. Trabalhei a vida toda por lá. Reformei-me com 57 por invalidez: joelhos e coluna. O trabalho era muito desgastante e eu como era fraquito lá me fui.

*Júlia repete-se:*

Eu comecei aos 12 anos. Era eu, um irmão meu, que deitou fogo com ele em Sarrazola, há cinco meses e matou-se. Veio no jornal. E tenho outro que mora em Aveiro. Outro morreu de cancro.

Domingos: Eu era eu e três irmãos. Os meus irmãos morreram todos. Só já resta eu.

Júlia: Saí das cortiças, casei-me com 22 anos, deixei de trabalhar, vieram os filhos, e depois trabalhei sempre a dias. Agora estou com a reforma. Deixei de trabalhar de mulher-a-dias há 5 anos. Na altura, como tinha idade avançada, meteram-me no fundo de desemprego e lá me puseram na reforma.

Domingos: Mas isto piorou. As coisas estão cada vez mais caras. Dantes, o dinheiro dava sempre. Quando veio o 25 de Abril, ganhava-se mais. O problema é a reforma. Por ser reformado por invalidez é que recebo mais baixo. Recebo 342 euros.

Júlia: E eu 300. É o que recebo.

*Júlia, enervada, baixa a cabeça, envergonha-se, revolta-se e manda uma prece para o ar:*

Deus nosso senhor, ajuda do nosso senhor, conforme ele me ajude também.

*Sai do transe da prece e retoma a conversa.*

O dele é para pagar água, luz, gás e casa. E o meu é para comer e não dá. E não dá... não dá. Não dá.

*Não dá.*

Depois tenho uma filha aqui, com uma bebé prematura. Tenho um filho que morreu há 16 anos. Tenho 6. Ai como estou da cabeça. Tinha 7. Outra aqui, um em França, uma em Lisboa e dois no Algarve.

Filha: A minha irmã tem 24. Está aqui a viver. Ganha 75 euros por mês, num curso de formação em Esgueira. Está desempregada.

*Ela também.*

Filha: Trabalhava ali no lar, na cozinha. Vim-me embora. Estive lá 5 anos. O horário era complicado, era entrar às 8 da manhã e sair às 10 e meia da noite, mas tenho duas crianças, uma com 4 e outro com 10. Quem é que tomava conta delas? O marido é pescador não posso contar com ele, era só comigo, sábados, domingos e feriados. Tive que me vir embora porque não me conseguiram mudar para outro lado. Nunca era de faltar. O meu marido com a pesca sente muito a crise. Antes a lampreia dava 50 euros cada uma, agora estão a pagar a 10 e 15, a amêijoa vendíamos a 35, 40 euros, agora está a 7. É pouquinho. Agora, de há 3 anos para cá, não dá nada, só dá para as despesas, não dá para juntar nada.

Domingos: Eu não me importava nada de trabalhar, mas a idade também já não dá e também não me dão trabalho. Ando na sucata, aí nos caixotes. Dou a volta a Vilarinho, Sarrazola, Mataduço, sempre de bicicleta, que me deu a minha filha. Vou à procura de alumínio, ferro, cobre, latão. Dá uns 12 contos por mês.

Júlia: Agora vamos mudar de casa, que isto está cheio de humidade, está tudo a cair, e pagamos o mesmo que uma mais nova. E aqui não se apanha mais barato.

Domingos: Pago a televisão, a água, a luz e foi-se. Depois ainda há a conta do telefone que é fixo, e a gente nem faz chamadas. Temos que dar baixa.

Júlia: Pois! Vieram cá bater à porta. E agora queremos deitar isto abaixo e não podemos. Veio o homem aí, mas o telefone até já o mandei ao chão porque não se ouve nada. Disse que era só 12,5 euros, mas afinal depois tem que se pagar mais para outras redes e assim. E nem podemos. O contrato é de 2 anos. É isto... porra. O que eles querem é vender, lá querem saber se a gente pode pagar ou não, e estão sempre a telefonar a dizer para pagarmos. Eles que esperem! Eu não telefono, eu não ligo o telefone e pago à mesma.

Domingos: Agora, muitas vezes, tem que ser a minha filha a ajudar a pagar.

Júlia: Olhe aqui as receitas.

*Agarra nos papéis e vai dizendo nomes dos medicamentos e para o que são.*

Isto são os medicamentos que eu tenho que tomar. Olhe, olhe, olhe quando foi a consulta. E se não aviar já não posso levantar isto. Que tenho 6 meses para levantar. Desde Novembro que não tomo os remédios. Tinha uma consulta e não fui, que gasta-se dinheiro em transportes.

*Júlia agarra nos papéis com força, como se os quisesse rasgar. Revolta e impotência. A filha volta às contas:*

Filha: Nunca paguei isto a minha vida inteira de água e luz. Depois é escola, renda, fraldas, isto é assim! Olhe o que gastei. Depois é 5 euros não sei para quê, mais IVA, mais não sei quê, passa um dia ou dois pagamos logo isto...

Domingos: A água...paguei 32 e tal de água, por causa daquelas porcarias todas.

Filha: Só de saneamento pago 15 euros.

Domingos: Gás é 26,70, 2 botijas por mês, água foi 31 e tal, e a luz 24 e 70.

Júlia: Não dá, não dá, não dá, não dá...

*Atira os papéis contra a mesa, dá voltas à cabeça, em negação...*

Eu ando maluca só de pensar nisto. Um dia destes tomo os comprimidos todos e vou parar ao maneta. Já faltou mais do que falta.

Domingos: Está tonta.

*Diz, para desdramatizar todo o abatimento da mulher.*

Júlia: É, é! Uns comem e bebem, andam bem vestidos e não sei quê, e nós quase que nem dá para nada. E ainda vou buscar comida à Caritas.

Domingos: Agora para ir para Coimbra ao hospital também vamos ter que pedir à Caritas.

Júlia: Foi há 4 anos e meio é que pedi ajuda pela primeira vez à Caritas. Como não tinha nada para comer, tive que ir lá. Vou lá uma vez por mês. Dão-me azeite, óleo, arroz, pão, massa, ovos, salsicha, cereais, leite...Tenho ali um pacote de bolachas, um pacotinho de arroz e um de massa. Isto da última vez que fui buscar.

Eu ponho macaquinhos na cabeça, nunca pensei isto acontecer-me. Isto já se complica há muito tempo.

*A voz levanta-se em fúrias. Perde-se numa lamúria impermeável e confusa.*

Ó Zezinho dá-me um bocadinho de pão, ó Zezinho dá-me um quilo de arroz, um quilo de cebolas... é isto... Ó, ó, ó, o que é que me vão arrancar agora?

Eu é que sei. Eu é que sei. Eu não tenho nada e trabalhei sempre. E estou aqui a sofrer, com dores na coluna, e no peito... É assim. Tenho que ir ao hospital para ver se estou bem ou mal. Há 6 meses que não tomo medicamentos, por isso é que estou pior. Se não me derem dinheiro não posso ir ao hospital. Fui operada à tiróide. Ó aqui.

*Aponta para a garganta.*

Poderia ter cancro. Mas todos os meses tenho que tomar o medicamento, até morrer.

Domingos: Eu, graças a deus, não tomo medicamento nenhum.

Júlia: Ele também tem problemas, e eu também, e haveria de haver coisas que não devia comer, mas como porque é o que há. Anteontem queria pão e leite e não tinha.

*Aponta para um pequeno recibo:*

Tinha o ouro, levei-o e penhoraram-no. Deixei lá uma aliança, as argolas, se não der o dinheiro ao fim de 6 meses ficam com aquilo. E está lá também a medalha do meu filhinho que morreu. Tinha lá mais ouro, mas foi por água abaixo. Não paguei. Isto era um fiozinho que tinha o retrato do meu filho. Disse-lhe: Ó vizinha, não mande isto para o Porto, que quando puder venho aqui buscar.

Se não pagar vai por água abaixo. Tenho que pagar até 26 de Junho, se não pagar até lá, retiram-me o fio. Ao longo do ano, posso ir abatendo. Mas como é que posso abater se não há dinheiro? Este dinheiro foi todo para se comer. E deixar lá a medalha do meu filhinho... Custou muito a deixar...

*Chora. As lágrimas caem, como as forças se desmaiam. Soluça e lamenta-se em voz aguda e indecifrável. As rugas acentuam-se, a condição suplanta qualquer fúria instalada. Domingos resolve falar, com aquele seu apaziguamento, enquanto a mulher olha para os papéis das penhoras e pensa na medalha do seu filho.*

Domingos: Foi tudo por água abaixo. A aliança... dois fios meus, os anéis, foi tudo. Comprou-se no tempo em que se podia comprar. Ganhava-se pouco mas juntava-se qualquer coisa. Agora ganha-se tanto, mas não dá para nada.

Júlia: O que me custa é o retrato do meu filhinho. Para pagar não temos para comer, não é? Eu digo a eles lá da Caritas: quando vocês não me virem aqui é porque já morri.

A vida é tão difícil... E os políticos querem é tacho. Estão a retirar as reformas às pessoas que precisam. Porque é que não tiram às deles?



Domingos: Eu tenho raiva dos políticos. Este antes de entrar dizia mal do Sócrates, e agora ainda está pior.

Júlia: Eu não votei nele.

Filha: Tenho 30 anos e nunca votei.

Domingos: Eu a primeira vez que votei foi para o Ramalho Eanes e nunca mais votei.

Júlia: Não fui votar por causa dos transportes, e custa muito a andar. Eles ganham tanto mais que à gente... Porque é que está lá aquela gente toda?

Domingos: E nós aqui, que há vezes em que não há grande coisa. Sopas de leite e chá de limão com umas torradas. E não morremos. Estamos aqui. Sabe deus... Às vezes comemos ao meio dia, e depois umas torradas à noite, para poder dar.

Júlia: Agora a ver se a Caritas me dá dinheiro para ir ao hospital. Sinto que a minha saúde está pior. Eu enervo-me muito. Quando estou com uma pilha de nervos arranco os cabelos. A loiça vai toda para o chão. Vai tudo. Até o comer. Quando me enervo. Comigo... Com isto, pois!

*Retrai-se, as mãos tremem e Júlia, ali, naquele vendaval, parece não ter mais forças. Domingos volta ao equilíbrio, numa calma resignada:*

É isto de não ter dinheiro.

## Quando tudo se perde entre os dedos

Alice<sup>3</sup> está sozinha. O marido tenta voltar a conduzir camiões, mesmo com um braço incapacitado. O filho disse-lhe adeus em Julho de 2012 e emigrou. O pai morreu. Tem as bochechas enrubescidas das pequenas veias salientes, os olhos molhados e vermelhos, o nariz ranhoso. Veste umas calças de fato de treino e uma camisola larga cinzenta e gasta. Não quer saber de maquilhagens, de se arranjar. “É a vaidosa que era...”

A cabeça não tem espaço para vaidade e a casa é grande para uma pessoa só.

Lá fora ouvem-se alguns carros, talvez a cadela ou a gata. Pensa-se em tudo. Já pensou em tudo. E volta a pensar. O silêncio, o estremecer de pensamentos, as vozes que ouve, as gavetas vazias. Agarra num cartãozinho plastificado com as duas mãos:

“Meu Santo Expedito das causas justas e urgentes, socorrei-me nesta hora de aflição e desespero, intercedei por mim junto ao Nosso Senhor Jesus Cristo. Vós que sois um santo guerreiro, vós que sois um santo das causas urgentes, protegei-me. Ajudai-me. Dai-me coragem e serenidade. Atendei aos meus pedidos.

---

<sup>3</sup> Nome fictício

Ámen”

Dá beijinhos no cartão do santo. Ao lado tem outro com a prece do Doutor Sousa Martins. Santos para tormentos e aflições, a ver se resgata esperança daqueles cartõezinhos. Mais tarde, há-de voltar a rezar. Reza todos os dias e mais do que uma vez. E no final, dá os beijinhos, como um agradecimento. Sente-se protegida, os pensamentos vão embora e Alice sorri.

.....

Nasceu em Carvalhais, nos arredores de Coimbra, e cresceu com medo do pai. Chegava a casa da escola, acendia o lume e punha o feijão a cozer, apanhava batatas e ia buscar o seu irmão mais novo. Fazia tudo. Se não fizesse, apanhava. Quis tirar o curso de cabeleireira, mas o pai não deixou, quis tentar a sorte como modelo, mas o pai não deixou. Acabou a costurar, frustrada, aos 14, numa fábrica de têxteis ao lado de casa. Casou aos 17, teve o seu único filho aos 19, aos 24 saiu da fábrica.

Aos 20 começou a construir a casa onde vive, com o marido. Mudaram-se para lá, com o filho de 2 anos, ainda a casa não era mais que cimento e tijolos, sem chão, sem casa de banho, sem portas por dentro. Acabaram-na aos poucos.

Aos 24, foi para um atelier de sedas onde a patroa pôs Alice a chefiar a empresa. Tomou-lhe o jeito. O que antes era uma frustração começou a ser um gosto. Fazia os desenhos, os moldes, os cortes... fazia tudo, e adorava, diz mesmo que adorava, sorri quando se lembra disso, quando remexe nesse passado, e nos tempos em que o Michael Jackson era moda e Alice fez um fato igual a um dos do músico da Billy Jean. Eram os anos 90.

Tomou o gosto pelas peles e trabalhava por conta própria para o atelier de sedas, mas também para particulares e para outras fábricas e ateliers. Trabalho não faltava, ganhava bem, mimava-se bem, a ela, ao filho, ao marido. Mas nada acima das possibilidades, diz, lembrando que o único empréstimo que tem é o da casa. Comprava tudo a pronto e não ficava a dever. Tinha férias no estrangeiro, Algarve, Gerês, compraram um carro para o filho...

Entretanto, vai trabalhar para uma fábrica de restauração de peles. Está lá 15 anos, sai em 2004, quando o proprietário deixa de lhe pagar. Tinha três meses de salário em atraso e então saiu.

Vai para casa desesperada, com a cabeça “feita num oito”, mas agarra-se aos conselhos das amigas e abre ela o seu próprio atelier. Decide abrir loja na baixa de Coimbra, já no Outono desse ano. Abre no primeiro dia sem clientes, fecha o dia com dez. Orgulha-se. A facilidade em falar, o sorriso estendido à porta da loja e a

“decoreção apelativa” (que também se nota pela casa), valeram-lhe uma boa loja. Ganhava dinheiro, mas ganhava também bronquite, ganhar nem é bem dito, perdia, perdia para a bronquite e perdia também para o senhorio, que não queria obras, “se houvesse obras”, que fosse Alice a pagá-las. Perde. Perde a loja. Vai embora e lança-se para um dos muitos antigos centros comerciais de Coimbra que são hoje espaços de fantasmas, de lojas fechadas e outras por fechar. Lá dentro, as pessoas não passam - três anos de convivência com todas aquelas lojas-fantasma, umas ainda a fingir existir. E os clientes, também os perde. Mas aguenta, aguenta a derrota até ao dia em que surgem dois homens, na loja, às cinco e meia da tarde, e, à mão armada, levam-lhe as peles. Levaram demasiado. Perde demasiado. Liga à polícia. “Mas o que é que a senhora agora quer que a gente faça?”. Há dois meses tinha dado baixa do seguro, que, sem clientes sem nada, tinha que se livrar de despesas. O azar é uma valente chapada. Alice deita-se numa depressão. Perde.

Um dia acorda, agarra no cabelo comprido e corta-o todo com a tesoura das peles. Vê o cabelo no chão, e pensa que poderia ser mais que o cabelo naquele dia. Desespera, sente-se inútil, fraca, derrotada de tanto perder. Enraivece-se das pessoas: não lhe perguntam se está bem, não lhe perguntam se precisa de ajuda, e Alice “sozinha, magoada, chocada”, a olhar para as pessoas e vê-as a todas como um conjunto de seres “frios, medrosos, calculistas, retardados”.

“Parece que está tudo com medo de abrir o coração e dizer o que sentem e o que precisam”.

Durante dois anos ainda geriu uma ourivesaria, mas saiu, que, a trabalhar num vão de escada na Rua da Sofia, apanhou pneumonia. Ainda se deixou ficar até à última. Saiu, de saúde debilitada, e foi trabalhar para uma empresa ligada à área da saúde. “A pessoa que me aconselhou ir para lá tinha ideias e um dia fui confrontada com essas ideias. Portanto, era um homem... acho que não é preciso dizer mais nada”. Não disse. Saiu e voltou a tentar a sua sorte com um novo espaço, em Julho de 2011. Era atelier de alta costura, estética, consultoria de imagem e cabeleireiro. Volta ao verbo perder. Perde dinheiro, perde clientes, perde vontade. “Não estava a aguentar”.

Em 2012, o pai de Alice morre. Acompanhou durante três meses, em casa, o finar do pai, agora sem medo, a cumprir-lhe a vontade de querer morrer em casa. Assim que o pai morre, a 22 de Abril, Alice sai do atelier e vai para a Caritas.

“Fez-me bem”.

Trabalha pela primeira vez com idosos. Sentia-se bem. O verbo, por momentos não retorna, e Alice sorri a contar tudo o que fazia. “Brincava com eles, falava com eles,

ouviam-os, fazia-lhes mimos, gostava deles e delas, arranjava-os, punha-os bonitos... sinto muito a falta daquilo”.

Mas em Junho de 2012 voltam os problemas, volta à conjugação do verbo perder.

O marido, a trabalhar há dez anos como camionista, tem um acidente de trabalho a descarregar paletes na Alemanha. Tem uma luxação grave com fractura no cotovelo esquerdo. Em Portugal era feriado e os seguros estavam fechados. Esteve 24 horas sem assistência médica. “Como um animal, abandonado e, olhando para os meus animais, talvez nem como um animal”.

Veio para Portugal com uma recomendação de médicos alemães. “Diziam que ele precisava de uma operação imediata. O médico do seguro achou que não, que ele é que sabia, e portanto o meu marido tem uma deficiência no braço por não ter sido operado”.

“Um dia vão pagar pelo que lhe fizeram”.

O marido de baixa, Alice a saber que em novembro acabava o seu trabalho na Caritas, e o filho prestes a dizer-lhes adeus.

Acabou o curso de engenharia civil em 2010. “Conseguiu um estágio não-remunerado numa empresa de construção civil” (conseguir já é tique de fala). Trabalhou 9 meses sem receber. Ao final dos 9 meses, aceitou uma proposta dessa empresa de 500 euros por mês, sem “hora para chegar”. Deixou de ter vida própria.

“Andava com olheiras até cá abaixo”.

Fartou-se. Soube da oportunidade de ir para o Luxemburgo, com a namorada, e, passado um mês, já estava na estrada, de malas, caixotes e mochilas, rumo a um outro país.

Desde 2 de Agosto de 2012 que Alice não vê o filho.

Ajudou-o a fazer os caixotes, no dia anterior à sua ida. Começava a falar e as lágrimas comiam-lhe a voz. Caixas e tralha pela casa toda, a mãe a dar conselhos, a lembrar-se que ia “ficar muita coisa para trás”, alguma está agora em caixas para o dia em que Alice lhe possa enviar mais “uns mimos”.

Mas enquanto arrumava os caixotes, a fazer o seu papel de mãe, quase nem se lembrava do dia 2, de que teria que dizer adeus. Até quando, nem sabia. Foi tudo muito rápido, não dava para pensar - a decisão feita em Julho e logo no início de Agosto a ver o seu menino a ir embora para o Luxemburgo. Jantaram em casa da mãe da namorada e às dez e meia da noite, deixaram o filho e a namorada na Pedrulha.

“Fomos tomar um cafezinho na dona Rosa, o café central no meio da Pedrulha, e depois, quando chegou a hora de pôr as coisas no carro...”

Desatou a chorar, as pernas tremeram, a cabeça a dar voltas... quando o voltava a ver, e Alice a tentar conter-se, nervosa...deu dois gritos no meio do largo da Pedrulha, toda a gente a tentar acalmá-la, o corpo encortiçado, dormente.

Chegou ao pé do filho e disse: “a coisa que mais quero na vida é ver-te feliz. Faz aquilo que gostas, tem uma vida estável com as tuas coisas. Façam o favor de serem felizes, já que em Portugal não conseguem”.

“Vai tudo dar certo, mãe. Vai tudo dar certo, vai tudo dar certo”, repetiu o filho.

“Eu vejo qualquer notícia na televisão sobre gente que emigra e disparam-me as lágrimas”.

Os dias que se seguiram foram, mais uma vez, preenchidos a choro, como se já não bastasse o choro que por aqui foi contado.

E não bastou. Às vezes parece que nem Deus surge aos olhos de Alice, que tantas vezes conta ter sido o seu consolo, e ainda o é, na forma dos cartõezinhos de plástico que tem por cima da lareira. Mas, por vezes, em vez de rezas, lança-se em perguntas:

“Meu Deus, onde é que estás?”

.....

Ficou Alice e o marido. Alice a saber que a partir de Novembro acabava o seu trabalho na Caritas e o marido de baixa. Em Outubro, só foi dado 20% do salário ao marido por ter tido alta. Volta a pedir baixa, mas da Segurança Social disseram-lhe que teria que ser a seguradora. A seguradora recusou.

“Está sempre doído com dores”.

O marido parte para o Tribunal do Trabalho. A ira cresce, como se plantada em vinhas. Também a vergonha. O dinheiro não aparece, mas todos os meses voltam a surgir as contas, infalíveis, regulares e assíduas. O marido quer pressa por parte do advogado, quer uma resolução, mas o dinheiro não aparece, e as contas, as contas... todos os meses, a surgirem.

“Só não passo fome porque a minha sogra paga a comida e o meu pai paga a casa”, desabafa o marido ao advogado.

E Alice a tentar aguentar-se, confinada à casa, de onde raramente sai.

“Vejo o meu filho a partir, o meu marido com o braço incapacitado...”

Nesse mês pede ajuda à Caritas, onde ainda trabalhava. A vergonha é posta de parte. Nunca pediu ajuda, nem nunca se teria imaginado a pedir, como tantos. Mas pede para não ficar sem água, sem luz, sem comida.

“Sempre trabalhei, sou uma pessoa com garra, divertida, amiga do seu amigo, dava tanto, tanto...”

Nem quer um pão, mas “um mimo, uma palavra”, qualquer coisa para a tirar da solidude, do número zero que vê na conta, a nulidade, esse maldito conceito que também lhe entra na cabeça, “gasta”.

Sai de casa para ir ao centro de emprego. Mas nem sabe porque vai, não há ofertas de trabalho, gasta dinheiro e afunda-se mais. Perde.

Quando a cabeça não anda em desvarios, distrai-se com o jardim, que mostra com brio: “não ficam bonitos ali aqueles troncos da palmeira?, e aquilo deu-me uma trabalhadeira, acolá vou tirar as ervas daninhas e dar uma volta, aqui devo fazer uns banquinhos...”.

Brinca com os cães, a gata Mia, “Mia, Mia, está quieta...”

Mia, nome de escritor que um dia disse que há quem tenha medo que o medo acabe. Deu-lhe esse nome, sem o saber. Vai ao facebook mandar mensagens ao filho, ver as fotos dele e da namorada, no Luxemburgo, envia-lhes vídeos e fotos que vê de Coimbra, vai passear a sobrinha, de quem fala em voz ameninada, a rir-se, a imitar a forma como a chama de tia. Fala em decoração, em mudar a casa, vai beber um café, fala com a mãe, trá-la para casa, faz um arranjo bonito para a campa do pai.

Tudo para afastar o medo, para que ele acabe.

Mas a conjugação do verbo não tem finitude.

No meio destas distrações há muito tempo para pensar.

O filho também não tem sorte no Luxemburgo, e, enquanto fala com ele, tenta disfarçar o tumulto que lhe vai dentro, dá-lhe força. Não quer que ele desista, que volte para Portugal. Nunca lhe daria tal conselho.

“Nunca, nunca, nunca”.

Em novembro de 2012, o filho liga-lhe. Já tinha arranjado trabalho há algum tempo, com patrões portugueses. Primeiro um, depois outro. Supostamente iria receber 2400 euros por mês. Supostamente. Ficou-se em supostos.

A mãe aflita, e o filho a adivinhar aflições, mesmo que Alice se esforçasse para omitir, está tudo bem, está tudo bem, e o filho do outro lado, no Luxemburgo, distante, sem poder ajudar e a precisar de ajuda. “Olha mãe, se calhar tenho escrito no cu: fodam-me”. Frustrado, com saudades, à procura de algo melhor num país que não o dele, e na procura encontra o mesmo que por cá lhe calhava.

Fartou-se de portugueses. Não há-de voltar a trabalhar para um português. “Que eles lá, se são patrões, fazem o mesmo”.

Em dezembro, o filho de Alice esteve uma semana em casa e logo a seguir encontrou trabalho a assinar alvarás para uma empresa de um patrão sérvio.

“Agora já recebe”.

E Alice a agarrar o marido em Portugal, a fazer de conta de que está tudo bem, o quotidiano, a normalidade, um teatro de socorrista, de agarrar-se à Mia, ao jardim, às voltas do dia, para não descambar e, enquanto agarra o marido, agarra-se a ela. E agarra também o filho, lá bem longe, por telefone, nessas omissões do tudo bem, vai-se andando, a tentar esconder as noites em claro, a cabeça em claro, no meio da escuridão.

“Cá só há escuro, lá ainda há uma luz ao fundo do túnel...”

Procura trabalho, bate a portas, algumas fecham-se, outras abrem-se:

350 euros por 9 horas, de segunda a sábado, para tomar conta de dois idosos, um com Alzheimer.

500 euros por 11 horas de trabalho, das 8 da noite às 9 da manhã, 7 dias por semana, 365 dias por ano, para cuidar de um homem com Alzheimer.

800 euros para tratar de um casal reformado, na casa de Alice, 24 horas por dia.

“Se calhar devia tratar do funeral deles também!”

Rejeita. Está aflita, precisa do dinheiro, mas não se quer deixar vencer desta forma.

Espalha flyers com o número pessoal:

“Olá a todos!

Sou uma senhora de 48 anos que teve a sorte de trabalhar com idosos durante 7 meses, o que foi, para mim, muito gratificante. O que dou aos outros nunca me fará falta, só me faz sentir melhor! E é nesta base que gosto de trabalho.



Como estou desempregada, procuro trabalho na área da geriatria (prestação de cuidados a idosos). Se precisar ou conhecer alguém que precise do meu trabalho, não hesite em contactar-me. Viatura própria.

Disponibilidade imediata para horário diurno ou nocturno.”

O telefone toca. Esboça um sorriso assim que o telefonema acaba. Ainda há pouco falava de ter zero na conta, das batalhas que trava, e agora, sorri.

“Ai caraças! Ligaram-me para uma proposta de trabalho!”

Os olhos engrandecem e olha à volta. Sorri, outra vez. “Vou-me arranjar agora, vou tomar banho, falar com a minha mãe e depois vou à entrevista. Isto era uma bênção de Deus. Conseguíamos equilibrar as contas...”

Despacha-se, e vê-se esperança no seu andar rápido.

Mais uma porta aberta, ou entreaberta, daquelas que batem com o vento.

Quando chegou à entrevista soube que seriam 400 euros, o que iria receber, para trabalhar num lar de idosos. 100 euros iam para transporte. Ficava com 300. “As pessoas aproveitam-se.”

Ainda pensou ir, ainda hesitou, “não há dinheiro”, mas acabou por rejeitar.

Na primeira semana de Fevereiro, o marido voltou ao trabalho como camionista, a conduzir só com um braço apto, sem direcção assistida, e Alice a ligar-lhe todos os dias, preocupada, a saber que o marido estava perdido de dores, para além de magoado, abatido, a sentir-se inválido, limitado, deprimido, numa adjectivação que parece não acabar na boca de Alice.

“Se não te agentas vem embora”, diz Alice ao telefone.

“Mas se eu não aguentar o que é que vai ser de nós?”

As contas acumulam.

Para além das certas, surge também uma dívida do atelier onde Alice trabalhou, uma operadora lembra-lhe que tem também que pagar o telemóvel, mesmo que já não o use, o empréstimo da casa é renegociado, 500 euros por mês durante os próximos 15 anos, e Alice já nem consegue olhar para daqui a 15 anos.

“Nessa altura não estou cá”.

A vida já não é como era dantes, desabafa. As paisagens na costa leste espanhola, que lembra, com o mediterrâneo ali, calmo e sereno, como a vida que levava, as viagens ao Gerês, os mimos ao filho, a sua maquilhagem...

Sente-se “uma porcaria” quando olha para trás. E já pôs na cabeça que não quer acabar os seus dias em Portugal.

Olha para as manifestações na televisão, mas não põe lá os pés. “De que me vale cantar a Vila Morena?”

E depois, a ira, a crescer... “eles, todos postos numa fila, punha uma corda ao pescoço deles todos e mandava-os para bem longe”.

“É sempre PS, PSD, PS, PSD... Um malmequer quantas pétalas tem?”

Chama-lhes “estrongamongas” - a feiura do vocabulário para arremessar a gente que despreza.

Pede aos santos uma luz, clareza de espírito para quando, na cabeça, lhe passam coisas que não conta a ninguém. No fim de Novembro, já sem trabalho, Alice abre os armários e não tem nada dentro deles, abre o frigorífico e não tem nada dentro dele. E, na cabeça, diz que não tinha nada, vazia, sem nada, mesmo assim, como se sentisse um vácuo por dentro, que a deixava percorrer pensamentos, “porcaria”. Distrai-se, distrai-se sofregamente, para que “os disparates” se afastem. Mas o filho longe, o pai morto, o marido ferido a conduzir no estrangeiro... parece que tudo se perde entre a folga dos dedos.

Alice fica sozinha, em casa, na mesma que quer toda diferente, pintada de branco, para lhe chegar a paz, “o branco é paz não é?”

E assim, Alice, entregue a si, sem se poder agarrar ao marido, ao filho, agarra-se a vozes, a sons, a miragens, de outra vida, quando era feliz:

“Oiço o meu pai a sussurrar-me ao ouvido: tem calma filha, um dia ainda vais ser feliz. É isso que tento pôr na cabeça quando estou em baixo, com a cabeça gasta. Às vezes parece que o estou a ver, que o estou a ouvir, às vezes assusta-me, outras vezes acalma-me. Também oiço o carro do meu filho a chegar... maluquice, parece que sinto a porta de casa a abrir, e parece que é a forma como ele abre a porta e parece que oiço: cucu, mãezita. E é esta a minha defesa”.



## Referências bibliográficas

ANÍBAL, Sérgio (2013), “Portugal será o único país da troika a sair da crise com menos população”. Público, 2 de dezembro. Página consultada a 2 de Dezembro de 2013, <<http://www.publico.pt/economia/noticia/portugal-sera-o-unico-pais-da-troika-a-sair-da-crise-com-menos-populacao-1614652>>

CALDAS, José Castro (2012), "The Consequences of Austerity Policies in Portugal", in *International Policy Analysis*, Friedrich Ebert Stiftung.

CARVALHO, Miguel (2013), “Ascensão e queda de Passos, versão 2.0”. Visão, 14 de novembro. Página consultada a 26 de novembro de 2013, <<http://visao.sapo.pt/ascensao-e-queda-de-passos-versao-20=f758352>>

CASALS CARRO, María Jesús (2005). *Periodismo y sentido de la realidad: teoria y análisis de la narrativa periodística*. Madrid: Fragua

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (2013), “Barómetro das Crises”, n.º 7. Página consultada a 28 de Novembro de 2013, <[http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/7BarometroCrises\\_OE.pdf](http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/7BarometroCrises_OE.pdf)>

CHARLES, Mathew (2013), “News documentary and advocacy”, in Karen Fowler e Stuart Allan (org.), *Journalism: New challenges*. Bournemouth: Centre for Journalism & Communication Research Bournemouth University, 384-392

ESTEVEES, João Pissara et al. (orgs.) (2002). *Comunicação e Sociedade: os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa*. Lisboa: Livros Horizonte

GAMSON, William A. et al. (1992). "Media images and the social construction of reality", *Annual Review of Sociology*, 18, 373-393.

HALL, Stuart et al. (1978). *Policing the crisis: mugging, the state, and law and order*. Londres: The MacMillan Press

FULTON, Helen et al. (orgs.) (2005). *Narrative and media*. Cambridge: University Press

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom (2011). *Blur: How to know what's true in the age of information overload*. Nova Iorque: Bloomsbury

LEWIS, Oscar (1979). *Os filhos de Sánchez*. Lisboa: Morais

MCNAIR, Brian (2010). *The sociology of journalism*. Londres: Bloomsbury Academic

MESA, Rafael Yanes (2004). *Géneros periodísticos y géneros anexos: una propuesta metodológica para el estudio de los textos publicados en prensa*. Madrid: Fragua

MESQUITA, Mário (2003). *O quarto equívoco: o poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minerva Coimbra

MONTANT, Henri (2002). *A entrevista escrita e o perfil*. Mem Martins: Inquérito

NÜNNING, Vera et al. (2010). *Cultural ways of worldmaking: media and narratives*. Berlin: De Gruyter

POIRIER, Jean et al. (2004). *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta

PORDATA (2013), "Conhecer a Crise". Página consultada em 1 de Dezembro de 2013, <[www.conheceracrise.com](http://www.conheceracrise.com)>

PÚBLICO (2013), "Mais nove mil pessoas perderam o RSI em Setembro", 28 de Outubro. Página consultada a 30 de novembro de 2013, <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/mais-9-mil-pessoas-perderam-rsi-em-setembro-1610571>>

PUREZA, José Manuel (2012), "O povo é quem mais ordena?", *Communio*, Ano XXIX, nº 1, Janeiro-Março de 2012.

REESE, Stephen D. (2008). "Media production and content". Universidade do Texas. Página consultada a 26 de novembro de 2013. <<http://journalism.utexas.edu/sites/journalism.utexas.edu/files/attachments/reese/ica-encyclopedia-media-production-content.pdf>>

REIS, José (2013), “A Economia Política da Depressão: Se não são estúpidos, o que é que eles são?”, in Eduardo Paz Ferreira (Coord.), *Troika Ano II: uma avaliação de 66 cidadãos*. Lisboa: Edições 70, 349-359.

RESENDE, Fernando (2002). *Textualizações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume

SANTOS, Boaventura de Sousa (2012), *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*. Coimbra: Almedina

SIC (2013), “Jornal das 9”. Entrevista de Mário Crespo ao filósofo José Gil, 10 de Janeiro.

SOLDADO, Camilo (2013), “Os multimilionários portugueses são mais e estão mais ricos”. *Público*, 7 de novembro. Página consultada a 20 de novembro de 2013, <<http://www.publico.pt/economia/noticia/os-multimilionarios-portugueses-sao-mais-e-estao-mais-ricos-1611725>>

TUCHMAN, Gaye (1980). *Making news: a study in the construction of reality*. Nova Iorque: The Free Press.

TVI (2013), “Portugal perdeu mais de 55 mil habitantes em 2012”, 29 de Outubro. Página consultada em 1 de Dezembro de 2013, <<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/populacao-ine-censos-demografia-portugal-tvi24/1504260-4071.html>>

WALLACE, Sue (2013), “Impartiality in the news”, in Karen Fowler e Stuart Allan (org.), *Journalism: New challenges*. Bournemouth: Centre for Journalism & Communication Research Bournemouth University, 64-78

WEIMANN, Gabirel (2000). *Communicating unreality: modern media and the reconstruction of reality*. Thousand Oaks: Sage Publications